



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS E PRÁTICAS EM JORNALISMO



LUZIÁRIO DE SOUSA DA SILVA

**HIPERSEXUALIZAÇÃO DE CORPOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES
EM AMBIENTES DIGITAIS**

TERESINA-PI

MARÇO/2024

LUZIÁRIO DE SOUSA DA SILVA

**HIPERSEXUALIZAÇÃO DE CORPOS NEGROS: UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES
EM AMBIENTES DIGITAIS**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para obtenção do título de **Mestre** em Comunicação. **Turma (2022-2024)**.

Linha de Pesquisa: Processos e Práticas em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Ana Regina Barros Rêgo Leal

TERESINA-PI

MARÇO/2024

Defesa de dissertação de mestrado do aluno “**Luziário de Sousa da Silva**”, intitulada: “**Hipersexualização de corpos negros: um estudo sobre relações em ambientes digitais**”, orientada pela Profa. Dra. **Ana Regina Barros Rêgo Leal**, apresentado à banca examinadora em **27/03/2024**.

Os membros da banca examinadora consideram o discente: **APROVADO**.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Regina Barros Rêgo Leal
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Orientadora

Profa. Dra. Jacqueline Lima Dourado
Membro interno - UFPI

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento
Membro externo - FIOCRUZ

TERESINA-PI

MARÇO/2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Divisão de Representação da Informação

S586h Silva, Luziário de Sousa da.

Hipersexualização de corpos negros : um estudo sobre relações em ambientes digitais / Luziário de Sousa da Silva. – 2024.

158 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Regina Barros Rêgo Leal”

1. Jornalismo. 2. Hipersexualização - Corpos negros. 3. Aplicativos de relacionamento. 4. Hermenêutica de Profundidade. I. Leal, Ana Regina Barros Rêgo. II. Título.

CDD 070

Elaborada por Fabíola Nunes Brasilino CRB 3/ 1014

DEDICATÓRIA

*À minha amada mamãe — Maria de Fátima — por ser a ponte, o encontro e o acalento ao meu coração. Serei eternamente grato ao teu amor, carinho e incentivo.
Certamente, nossas almas estão entrelaçadas. Te amo!*

AGRADECIMENTOS

“Uma existência é um ato”. Naturalmente, a forte intuição de começar meus agradecimentos por esta curta e engrandecedora frase do espírito amigo André Luiz — que muito tem nos ensinado sobre as oportunidades que a vida nos concede — foi algo latente em meus pensamentos desde os momentos finais da escrita desta dissertação. São tantos os meus motivos de agradecimento que mal cabem no meu coração e pensamentos, mas espero que cada uma das pessoas que estiveram e estão comigo, nos dois planos da vida, sintam o imenso carinho e amor que tenho pelo amparo, palavras de encorajamento e confiança em mim. Mais do que tudo isso, acreditaram no meu potencial e me permitiram enxergar a força dessa pesquisa que é um nós — no plural mesmo, pois compreendo como um chamamento coletivo para a mudança social.

Desde a adolescência entendi que precisava trabalhar com comunicação e sempre acreditei no seu poder transformador, embora ainda impere uma lógica que valoriza mais o capital econômico do que humano. Nesse cenário controverso, sigo otimista, pois sei que podemos avançar muito mais por um caminho justo. Com essa dissertação e tantas pesquisas que vieram antes da nossa e das que ainda virão, abordando temas diversos e pertinentes, mantenho a esperança de um mundo melhor e cristalizado na equidade. Exatamente por tudo isso agradeço à Espiritualidade Superior pela oportunidade de experienciar esse desafio nesta existência terrena, mantendo-me ciente da responsabilidade e do compromisso que foi me confiado.

Além disso, encontro-me em gratidão aos meus amigos-irmãos que estiveram comigo desde o primeiro segundo em que decidi aceitar esse imenso desafio que é a pós-graduação. Ao Edilberto Mendes, meu melhor amigo, sou eternamente grato pelas melhores lembranças e momentos da minha vida e, sobretudo, pela imensa felicidade que sentiu quando soube da minha aprovação. À Milleny Medina, só posso dizer que todo o seu suporte e amizade me insuflaram a seguir em frente, certo do teu amor diário e incondicional. À Ana Karolina Carvalho e Marcus Vinícius Silva, preciso dizer me faltam as palavras certas para agradecer o tanto que representam o bem e o bom na minha vida: sem vocês e nossas conversas dificilmente eu seria tão feliz quanto agora. À Valentina Moraes, minha irmã de alma e coração, desejo que sinta todo o amor que tenho por você, a gratidão pelos diálogos sinceros — que me fizeram continuar firme — e pelas palavras de afeto constantemente ditas por você a mim. Te amo muito, Val!

Também não poderia deixar de agradecer a tantas outras pessoas que estão comigo diariamente no desafio da vida terrena e espiritual. Kalina Galvão, sua sensatez e confiança na vida me estimulam muito mais do que possa imaginar. Inspiro-me muito em você enquanto pessoa, profissional e professora admirável que é. Meu amigo Igor Linhares, reitero que você é uma das pessoas mais inteligentes, sensata e gentil que eu conheço. Tuas palavras de sabedoria são combustível para a minha continuada. Muito obrigado pela paciência, carinho e, principalmente, pela nossa amizade. Fernanda Rodrigues, minha amiga já de tantas aventuras e experiências, que lindo ver que seguimos juntos, cheios de companheirismo e cumplicidade. Sou extremamente grato por permitir que eu esteja com você, acompanhando teu crescimento humano e profissional.

Facilmente, eu estenderia minha lista de agradecimentos ao infinito, mas serei breve e, ainda assim, sincero nas próximas linhas. Obviamente, não poderia deixar de agradecer à Lanna Artemízia por todo o incentivo, apoio, compreensão e presença em minha vida. Te amo! Ao Wesley Igor Gomes, deixo aqui materializado nesta página minha extrema gratidão por tantas trocas diárias, conversas bobas e meu amor pela sua companhia. Sem nossas risadas, nos momentos mais difíceis da escrita, eu não teria chegado até aqui. À minha amiga e professora Juliana Teixeira, só tenho gratidão por ter confiado, lá no começo da minha jornada no mestrado, no meu projeto de pesquisa como orientadora. Embora não tenhamos finalizado juntos esta dissertação, construímos laços mais fortes, que ultrapassam os muros da Universidade. Conte comigo sempre!

Indubitavelmente, esta pesquisa não teria alcançado o formato que tem sem a atenção cuidadosa, constante e afetuosa da minha orientadora Ana Regina Rêgo. Não tinha dúvida quanto à nossa caminhada satisfatória com esse estudo quando você, prontamente, assumiu esse projeto comigo. Foi um cenário desafiador, mas muito bem instruído por você e toda a sua experiência. Muitíssimo obrigado pelos ensinamentos constantes, ideias valiosas e paciência. Aos meus amigos da turma do mestrado (Ana Lídia, André, Dyelle, Mayara, Patrício, Stefanne, Renato, Vitória e Márcia), fico muito feliz em ver o quanto temos avançado em nossos estudos. Todo o apoio que prestamos uns aos outros tem surtido efeito. Obrigado!

Por fim, deixo aqui meu agradecimento sincero à Icone Comunicação, meu lugar de trabalho há tantos anos, onde pude desenvolver-me enquanto profissional da Assessoria de Comunicação Corporativa. Gratidão pelo incentivo à minha formação acadêmica, toda compreensão, apoio e flexibilidade nos horários de trabalho para que eu pudesse assistir e ministrar aulas durante esse período, assim como participar de importantes eventos vinculados

à pós-graduação. Especialmente agradeço à Mayara Bastos, Joelma Moura, Genuína Ramos, Rafaella Fontenele, Viviane Menegazzo, Virgiane Passos, Lenny Moura, Analu e tantos outros amigos de trabalho pelo suporte. Muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como os corpos *gays* e bissexuais negros aparecem nos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet diante do fenômeno da hipersexualização. Para tanto, enquanto suporte de justificativa da temática, também fazemos breve visita a portais jornalísticos (tradicionais e alternativos) para entender as ausências e presenças desse assunto no jornalismo. Efetivamente, a nossa finalidade não é realizar uma análise comparativa entre os aplicativos (que são nossos observáveis centrais) e, sim, complementar, uma vez que trabalhamos com estudos de casos múltiplos (YIN, 2001). Para alcançar as intenções aqui propostas nos apropriamos, enquanto metodologia, da Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 2002) que nos permite realizar um processo contínuo de interpretação e reinterpretação sustentada por um caminho tríplice de análise: contexto sócio-histórico, análise formal ou discursiva e interpretação dos achados. Em nosso percurso reflexivo acionamos transversalmente conceitos caros à pesquisa, como interseccionalidades (AKOTIRENE, 2021; CARRERA, 2021), a partir dos marcadores de gênero (BUTLER, 2010), sexualidade (LOURO, 2009; FAVERO) e raça/racismo (TRINDADE, 2020; FANON, 2008), assim como hipersexualização (HIPÓLITO, 2022; JUNIOR, 2015; LIMA, SILVA e NEPOMOCENO, 2021) e sociabilidades em ambientes digitais, apenas para citar alguns. A escolha da temática se justifica enquanto uma potência reflexiva que pode transformar o tecido social quanto à apresentação dos corpos negros em espaços virtuais e, também, devido à pouca presença de dissertações que abordem o tema de maneira direta. Enquanto objetivos específicos, nos propomos a: 1 - identificar, por meio de análise exploratória, como os homens negros se apresentam dentro dos aplicativos e se há discursos de ódio nesses espaços; 2 - mencionar como (se) o tema da hipersexualização desses corpos é abordada nos conteúdos publicados nos portais tradicionais e alternativos; 3 - relacionar e sistematizar os conteúdos associados à hipersexualização dos *gays* e bissexuais negros presentes nos observáveis dialogando, assim, com as entrevistas realizadas com usuários e ex-usuários dessas redes; e 4 - interpretar e reinterpretar como a hipersexualização desse grupo é (ou pode ser) impactada pelas questões de raça, gênero, sexualidades, corporeidades e afetividades nos aplicativos de relacionamento, associando os achados às entrevistas utilizadas no processo (re)interpretativo. Dessa forma, no primeiro capítulo deste trabalho tratamos sobre as questões históricas e sociais do racismo, corpo negro, interseccionalidades e sexualização exacerbada. No segundo, fazemos um breve acionamento de reflexões sobre as ausências e presenças do tema do jornalismo tradicional e alternativo apenas como contextualização, tendo em vista que a mídia é um catalisador de informações que chegam à sociedade diariamente podendo, assim, impactar nas interações em ambientes virtuais. Já na terceira parte, acionamos conceitos sobre sociabilidades, afetividades e interações desses corpos em ambientes digitais, relacionando com compreensões sobre discursos de ódio, fetiches e aplicativos de relacionamento. No quarto capítulo dedicamo-nos concretamente ao processo analítico-interpretativo dos achados nos aplicativos em diálogo com as impressões das entrevistas com usuários e ex-usuários dessas redes.

Palavras-chave: Hipersexualização; corpos negros; aplicativos de relacionamento; jornalismo; Hermenêutica de Profundidade.

ABSTRACT

The present work aims to understand how black gay and bisexual bodies appear on the dating apps Grindr and Hornet in the face of the phenomenon of hypersexualization. Therefore, as a support for justifying the theme, we also make a brief visit to journalistic portals (traditional and alternative) to understand the absences and presences of this subject in journalism. Effectively, our purpose is not to carry out a comparative analysis between the applications (which are our central observables) but, rather, to complement them, since we work with multiple case studies (YIN, 2001). To achieve the intentions proposed here, we appropriate, as a methodology, Depth Hermeneutics (THOMPSON, 2002) which allows us to carry out a continuous process of interpretation and reinterpretation supported by a triple path of analysis: socio-historical context, formal or discursive analysis and interpretation of findings. In our reflective path, we transversally activate important concepts to the research, such as intersectionalities (AKOTIRENE, 2021; CARRERA, 2021), based on markers of gender (BUTLER, 2010), sexuality (LOURO, 2009; FAVERO) and race/racism (TRINDADE, 2020; FANON, 2008), as well as hypersexualization (HIPÓLITO, 2022; JUNIOR, 2015; LIMA, SILVA and NEPOMOCENO, 2021) and sociability in digital environments, just to name a few. The choice of theme is justified as a reflective power that can transform the social fabric in terms of the presentation of black bodies in virtual spaces and, also, due to the limited presence of dissertations that address the topic directly. As specific objectives, we propose to: 1 - identify, through exploratory analysis, how black men present themselves within the applications and whether there is hate speech in these spaces; 2 - mention how (if) the topic of hypersexualization of these bodies is addressed in the content published on traditional and alternative portals; 3 - relate and systematize the content associated with the hypersexualization of black gays and bisexuals present in the observables, thus dialoguing with the interviews carried out with users and former users of these networks; and 4 - interpret and reinterpret how the hypersexualization of this group is (or can be) impacted by issues of race, gender, sexualities, corporeality and affection in relationship apps, associating the findings with the interviews used in the (re)interpretative process. Thus, in the first chapter of this work we deal with the historical and social issues of racism, the black body, intersectionalities and exacerbated sexualization. In the second, we briefly trigger reflections on the absences and presences of the topic of traditional and alternative journalism just as a contextualization, considering that the media is a catalyst for information that reaches society daily and can, therefore, impact interactions in virtual environments. In the third part, we activate concepts about sociability, affection and interactions of these bodies in digital environments, relating them to understandings of hate speech, fetishes and dating apps. In the fourth chapter we specifically dedicate ourselves to the analytical-interpretive process of findings in applications in dialogue with impressions from interviews with users and former users of these networks.

Keywords: Hypersexualization; Black bodies; Dating apps; Journalism; Depth Hermeneutics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Informações e dados dos usuários do Grindr	78
Figura 2: Interface do aplicativo Grindr	79
Figura 3: Informações e dados dos usuários do Hornet	80
Figura 4: Interface do aplicativo Hornet	81
Figura 5: Perfil do Hornet “negaokvalao”	89
Figura 6: Perfil do Grindr “e ai, bora?”	91
Figura 7: Perfil do Grindr “e ai, bora?”	92
Figura 8: Perfil do Hornet “PauGrosso”	93
Figura 9: Perfil do Hornet “Lucas”	95
Figura 10: Perfil do Grindr “Ativo”	96
Figura 11: Perfil do Hornet “mlke discreto slgo”	98
Figura 12: Perfil do Grindr “me erra 23”	99
Figura 13: Perfil do Grindr “18cm grosso”	101
Figura 14: Perfil do Hornet “Chupador deCu 22cm”	103
Figura 15: Perfil do Grindr “20CM Disp THE”	104
Figura 16: Perfil do Hornet “  ”	107
Figura 17: Perfil do Hornet “Siro”	109
Figura 18: Perfil do Grindr “zzz”	110
Figura 19: Perfil do Hornet “Paulo”	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. INTERSECCIONALIDADES DA PESSOA NEGRA: O RACISMO PRESENTE NA HIPERSEXUALIZAÇÃO DESSES CORPOS	22
1.1 O problema do racismo no Brasil e suas implicações	22
1.2 Reflexões sobre interseccionalidade: gênero, sexualidade e raça	32
1.3 A hipersexualização do corpo preto	37
1.4 A sexualização do corpo negro em ambientes digitais	39
2. AUSÊNCIAS E PRESENCAS DO CORPO NEGRO: MÍDIAS TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS	45
2.1 A construção da imagem do negro no jornalismo: enquadramentos, estigmas e ausências	46
2.2 Movimento negro como um dos impulsionadores da comunicação de resistência e sociabilidades digitais	50
2.3 A Comunicação e o combate à sexualização do corpo negro em redes de relacionamento	55
3. SOCIABILIDADES E AFETIVIDADES NEGRAS EM AMBIENTES DIGITAIS	58
3.1 Aplicativos de relacionamento como apresentação do problema estudado	58
3.2 Sociabilidades e afetividades em aplicativos de relacionamento	63
3.3 Corporeidades negras e fetichização de suas relações	66
3.4 Preto exótico como vetor de discursos de ódio: o ser afetado e o que afeta	69
3.5 Negros afeminados e as suas relações nos ambientes digitais	73
3.6 Gênero, racismo e hipersexualização: relações em aplicativos de relacionamentos	75
4. COMPREENDENDO OS OBSERVÁVEIS: APLICATIVOS GRINDR E HORNET	78
4.1 Aplicativos Grindr e Hornet: uma breve apresentação	79
4.2 Procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa	84
4.3 Delimitação do corpus da pesquisa e a segunda etapa da Hermenêutica de Profundidade	88
4.4 Interpretando e reinterpretando os observáveis de análise	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
6. REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Histórica e socialmente, a população negra sofreu diversos atravessamentos de seus corpos, culturas e realidades, colocando-a como povo à margem da sociedade e desprovido de características e interesses próprios. Trindade (2020, p.3) destaca que na literatura racial crítica brasileira inúmeros estudos revelam que desde 1930 o Brasil se empenha em promover uma imagem pós-racial sem menções ao período de escravização¹, ou seja, o reforço de uma democracia racial (que não existe). O autor complementa ao pontuar que o discurso institucional hegemônico de lá para cá “tem se caracterizado em apagar os vestígios do enorme legado negativo que a escravidão de 350 anos acarretou à vida de inúmeros brasileiros, e pavimentar a ideia da democracia racial”, (Trindade, 2020, p. 31).

Nesta linha de raciocínio, pensar sobre como todos os estereótipos limitantes afetam os homens negros, por exemplo, é pertinente numa perspectiva social e epistemológica. Isso porque são corpos marginalizados que “carregam o peso da estigmatização e da rotulação à medida que se tornam simultaneamente sexualizados e degradados”, (Sacramento, Sanches e Santos, 2020, p. 293). Em razão disto, aprofundar as reflexões sobre as formas que esse grupo é apresentado nos ambientes midiáticos, como redes sociais digitais e portais tradicionais e alternativos, por exemplo, é imprescindível. Nesse sentido, Hipólito (2022) nos diz que estes “são corpos sexualizados ao extremo e até genitalizados, de certa forma. Com as suas humanidades diminuídas, aproxima-se esse corpo a um caráter mais animalesco e irracional que age só pelo impulso sexual”.

Nesse processo, pensar sobre o corpo do negro *gay* ou bissexual é compreender que são vistos, frequentemente, totalmente sexualizados, desprovidos de outras características e “servindo” para saciar, grande parte das vezes, as necessidades do branco que alimenta o mito da virilidade sexual negra. Hipólito (2022) também reitera que a caracterização que se tem hoje de corpos negros é voltada à servidão em muitos aspectos: “desde o período da escravização em que esses corpos são tidos para realizar trabalhos braçais na lavoura ou para satisfazer sexualmente os dominadores”. Dessa forma, é importante a busca pela compreensão do papel dos meios digitais nesse contexto social, visando contribuir, efetivamente, com o campo comunicacional.

Na era digital e tecnológica é notório que os ambientes midiáticos também (mas não somente) são um espaço de reprodução de preconceitos raciais e discursos de ódio. O ponto de alerta é que, a partir do maior acesso e ocupação pelos brancos desses espaços narrativos,

¹ Utilizamos o termo para nos referir ao sistema que submetia a pessoa negra, contra a sua vontade, a executar trabalho escravo.

eles conseguem potencializar sua maneira de agir, seus padrões e costumes de forma hegemônica. Para o indivíduo negro, essa conjuntura impõe uma série de estigmas e preconceitos sobre sua performance social e sexual. Dessa forma, uma vez que “ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante” (Pinho, 2004, p. 67), é fundamental manter um olhar crítico na produção de conteúdos digitais para que se interrompa a manutenção de estereótipos raciais.

Isso é necessário, principalmente, quando resgatamos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) que, por sua vez, mostram que nossa sociedade é composta por 54,9% de pessoas negras;² mas, contraditoriamente, constituir essa maioria significa fazer parte de uma minoria que ainda luta por seus direitos e resiste aos ferrenhos sistemas de opressões. Cabe frisar, neste ponto, que quando falamos sobre minoria não relacionamos a expressão à quantidade, uma vez que não significa “um número menor de indivíduos, mas sim tem a ver com a atribuição social de valor, refere-se àqueles grupos sociais que são denominados como ‘minorias’ a partir da ótica dominante”, (Louro, 2009, p. 31).

Dito isso, pontuamos que “no cenário da colonização, os negros eram desumanizados e objetificados” (Lopes, 2022) e, na contemporaneidade, os processos de estereótipos e a sexualização que esses corpos vivem ainda se apresentam. Nesta linha de pensamento, sabe-se que a sociedade atrela ao homem negro a ideia de virilidade e masculinidade exacerbadas e espera que os mesmos desempenhem determinadas funções ligadas ao serviço braçal e apresentem características sexuais que difiram das dos homens brancos, como a brutalidade na hora do sexo e a não saciedade, já que “diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital” (Fanon, 2008, p.138).

Ainda que existam regras sociais e institucionalmente construídas pautadas nos conceitos e modelos de sexualidade — que, por sua vez, impõem a naturalização das relações heterossexuais à medida em que desumanizam relacionamentos e comportamentos que fogem desse padrão, como a homossexualidade —, os *gays* e bissexuais negros enfrentam contextos de estigmatização de seus corpos dentro do universo LGBTQIAPN+. Embora a comunidade fuja dessa norma heteronormativa estabelecida como a ideal, é importante salientar que dentro desses grupos múltiplos também há a reprodução de racismos e preconceitos.

Os *gays* e bissexuais pretos, por exemplo, precisam cumprir determinados comportamentos e ter características “corretas” para serem vistos como objetos de desejo, na

² Dados disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>

maior da parte vezes, pelos homens brancos homoafetivos. Estes últimos esperam por homens malhados, viris e ativos nas relações sexuais. Em outras palavras, que realizem a performance de uma masculinidade exacerbada, já que do negro “exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente”, (Fanon, 2008, p.47). E ser esse preto bom inclui atender as expectativas estereotipadas.

Para essa discussão, que se relaciona indubitavelmente com as reflexões sobre gênero, raça e sexualidade, uma vez que se analisa o fenômeno da hipersexualização do corpo preto dentro do processo comunicacional — e, aqui, vale explicar que hipersexualizar é o ato de sexualizar ao extremo um corpo (Hipólito, 2022) —, é preciso ter em mãos o conceito sobre interseccionalidade. Em linhas gerais, diz respeito a “interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa” (Bellagamba, 2022). Remetemos a essa ideia porque é indispensável avaliar que esses aspectos sociais, como raça, gênero, etnia, entre outros, não podem ser vistos de formas dissociadas, uma vez que não afetam um indivíduo separadamente e, sim, de formas combinadas.

A escolha da temática se justifica enquanto uma potência reflexiva que pode transformar o tecido social quanto à apresentação dos corpos *gays* e bissexuais negros em espaços virtuais por onde a comunicação se efetiva e, também, devido à pouca presença de dissertações que abordem o tema de maneira direta. Em uma rápida busca no site da Compós, especificamente na aba de anais e trabalhos, percebemos que nos últimos dez anos não há estudos que abordam o tema da hipersexualização de corpos *gays* pretos, por exemplo. Pesquisamos, dentro do site, por meio de palavras-chave, como *gay* preto, hipersexualizar, hipersexualização, sexualização, homens negros, entre outros.

Quanto à Biblioteca Digital Nacional de Teses e Dissertações, quando usamos a palavra hipersexualização, aparece uma dissertação falando da bicha preta na escola e nas redes digitais. Ao pesquisar por *gays* negros, aparece uma diversidade de temáticas, mas nenhuma trabalha diretamente a hipersexualização. Ademais, ao digitarmos a palavra Grindr, aparecem dissertações que abordam o aplicativo, mas não sob a ótica da hipersexualização desses corpos dentro da plataforma. Por sua vez, trazem vertentes diversas sobre as questões das sociabilidades, mas, aparentemente, sem um recorte de raça tão direcionado quanto à intenção desta dissertação. Reforçamos que essas buscas foram feitas de forma breve e sem um detalhamento de cada dissertação. Nos baseamos, sobretudo, nos títulos, palavras-chave e breve resumo.

Dito isso, partimos do entendimento, inclusive com apoio das contribuições propostas por Sodré (2014) no livro “Ciência do Comum”, da ideia de comunica o como a ciência que

trabalha como consciência uma, mas que não precisa, necessária e exclusivamente, ser somente a dos meios de comunicação. Isso porque “*comunicar é, assim, principalmente fazer – inclusive, fazer silêncio, no qual também o sentido está presente*” (Sodré, 2014, p. 202). Nesse sentido, nesta dissertação a compreendemos, também em corroboração com o autor, como uma comunicação humana, pois trata-se de uma potência do comunicar interpessoal e social, que pode se dá através de um meio, porém não somente o do que está falando, mas levando em consideração as interações que dele resultam.

Na sua referida obra, Sodré (2014) é categórico em apontar que as Ciências da Comunicação produzem valor social, cultural e político. Em nosso estudo aqui proposto concordamos que o comunicar vai além da ação de emissão e recepção como espaços meramente técnicos, pois as experiências humanas se enlaçam nessas trocas da vida comum, inclusive nos espaços digitais que aqui analisamos enquanto pesquisa científica. Nessa linha, ressaltamos que Sodré (2014) compreende o campo metodológico da “Ciência do Comum” pelo viés das relações humanas e suas trocas simbólicas, colocando, dessa forma, o indivíduo e percebendo-o dentro de suas experiências sociais. “O comum é *sentido* antes de ser pensado ou expressado, portanto, é algo que ancora diretamente na existência” (Sodré, 2014, p. 204).

Com essa observação relevante, é importante explicar que, a princípio, este trabalho tinha como intuito pensar sobre a forma em que a hipersexualização do *gay* negro se apresentava no portal Cidade Verde (que tem origem e atuação jornalística no Piauí) relacionando o mesmo com o aplicativo de relacionamento Grindr (que foi objeto de análise do mestrando na graduação e que conduziu à ampliação do estudo para esta dissertação). Contudo, em busca na plataforma jornalística por meio de palavras-chave não foi identificado nenhum conteúdo que falasse sobre a temática ou que apresentasse o negro sob outras perspectivas que não a da violência ou crime (aspectos que não são objetos de estudos dessa análise, ainda que relevantes para pensar a respeito da construção estigmatizada sobre a população negra).

Também tentamos analisar outros portais do Piauí, como o Meio Norte e O Dia, porém estes apresentaram o mesmo cenário. Evidentemente, isso já era resultado preliminar de pesquisa, que nos conduziu a um redirecionamento da mesma para outros observáveis. Neste ponto, refletimos brevemente — mesmo que esta não seja a pergunta que guia nosso trabalho — se o jornalismo tradicional pode ter contribuição significativa no silenciamento social dessa pauta, uma vez que pouco produz materiais sobre o assunto (nem mesmo combativo) enquanto este fenômeno já é algo dado socialmente em diversos ambientes. Nos círculos

sociais e digitais, bem como em portais alternativos, esta temática ganha força e importância reflexiva.

Diante disso, na atual proposta de pesquisa desta dissertação temos por intuito realizar um estudo de caso múltiplos (Yin, 2001) tendo como observáveis os aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet. Isso é possível porque esse formato envolve mais do que um único caso e tem como vantagem proporcionar, por meio das evidências dos casos, um estudo mais robusto. Para as intenções propostas, utilizamos como caminho teórico-metodológico a Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 2002) que permite interpretar e reinterpretar o fenômeno, já que que o “objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação”. E como ferramenta metodológica, para análise formal na segunda etapa da metodologia, adotaremos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), que se trata de “um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos e conteúdos extremamente diversificados”. Ademais, utilizamos como técnica jornalística complementar as entrevistas com usuários e ex-usuários do aplicativo para dar sustentação ao processo (re)interpretativo adotado no estudo.

Dito isso, explicamos que enquanto campo de contextualização desse fenômeno da hipersexualização do corpo homossexual e bissexual negro recorreremos aos portais alternativos e tradicionais; e, dessa forma, fazemos isso apenas para pensarmos sobre como o tema se apresenta ou não dentro do fazer jornalístico. Melhor explicamos: usamos a mídia jornalística (antes de partirmos propriamente para ver como esse fenômeno ocorre dentro dos aplicativos Grindr e Hornet), porque partimos da compreensão de que a comunicação funciona como um catalisador de informação, atua no imaginário simbólico e nos discursos de poder socialmente.

Nesse sentido, queremos dizer que esse problema social chega à sociedade por meio de inúmeros mecanismos e, entre eles, podemos citar o jornalismo, que também é um espaço de construção de memória. O jornalismo é um lugar que trata da negritude como uma condição de violência e tudo aquilo que perpassa o aspecto colonial, adentrando a sociedade. Por isso, justificamos que trazer esse breve recorte de como a hipersexualização é tratada no jornalismo foi uma escolha deliberada, já que a mídia e o jornalismo estão no dia a dia das pessoas. Dessa forma, isso nos dá um contexto sócio-histórico e um campo de interpretação mais robusto para nos debruçarmos diretamente nos achados dentro dos aplicativos e na (re)interpretação das entrevistas com usuários e ex-usuários dos referidos espaços digitais para relacionamento.

Com isso em mente, pontuamos que como problema de pesquisa buscamos responder: como os corpos *gays* e bissexuais negros aparecem nos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet diante do fenômeno da hipersexualização? Nesse sentido cabe frisar que nossa intenção não é realizar uma análise comparativa entre os observáveis estudados, tendo em vista que partimos do entendimento de que os aplicativos nos possibilitam visualizar o contexto sócio-histórico, apreender um *corpus* de análise e as suas re(interpretações) transversais, que serão, inclusive, sustentadas, também, pelas entrevistas realizadas. Para deixarmos mais explícito, enquanto objetivo geral nos preocupamos em analisar nos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet como esses corpos negros se apresentam nessas redes digitais a fim de compreender as relações de corporeidades e afetividades desses indivíduos tendo como pano de fundo os encargos da hipersexualização.

Enquanto objetivos mais específicos, que nos possibilitam um caminho sistemático de análise, nos propomos a: 1 - identificar, por meio de análise exploratória, como os homens negros se apresentam dentro dos aplicativos e se há discursos de ódio nesses espaços; 2 - mencionar como (se) o tema da hipersexualização desses corpos é abordada nos conteúdos publicados nos portais tradicionais e alternativos; 3 - relacionar e sistematizar os conteúdos associados à hipersexualização dos *gays* negros presentes nos observáveis dialogando, assim, com as entrevistas realizadas com usuários e ex-usuários dessas redes; e 4 - interpretar e reinterpretar como a hipersexualização desse grupo é (ou pode ser) impactada pelas questões de raça, gênero, sexualidades, corporeidades e afetividades nos aplicativos de relacionamento, associando os achados às entrevistas utilizadas no processo (re)interpretativo.

Diante desses objetivos, apresentamos as seguintes hipóteses que este trabalho busca verificar: 1 - aplicativos de relacionamento voltados para o público *gay* e bissexual também são espaços nos quais se reproduz o fenômeno da hipersexualização desses corpos negros que, por sua vez, reforçam construções estereotipadas dessa população em função dos resquícios racistas impregnados no tecido social; e 2 – as consequências da escravização da população negra impactam na maneira que a pessoa preta se relaciona consigo mesma e com os outros, uma vez que a sexualização exacerbada desses indivíduos tem relação significativa com o racismo estrutural e, por isso, o tema deve ser abordado na comunicação.

Fundamental mencionar, também, que o escopo de análise tem sido feito a partir de amostragem intencional dentro dos aplicativos e por meio das entrevistas com usuários e ex-usuários dessas redes, o que dá suporte importante para a construção das reflexões ao longo deste texto. Portanto, as escolhas foram realizadas a partir dos seguintes critérios: nos aplicativos, analisamos os perfis de homens negros *gays* e bissexuais (seja a partir da

autodeclaração ou uso de hastag que indique sua cor e orientação sexual), que tenham entre 18 e 35 anos e publiquem fotos com teor mais sexual. Também será levado em consideração as descrições desses perfis, que geralmente sinalizam a preferência sexual ou aversão a determinados tipos de corpos, como o das bichas afeminadas.

Quanto às entrevistas³, as mesmas foram realizadas com 2 homens *gays* e 2 bissexuais, totalizando quatro entrevistados que tiveram ou têm contato com o aplicativo, de modo a permitir o entendimento de suas vivências e as situações racistas que sofreram em suas tentativas de relacionamento. Ademais, explicamos que a escolha dos entrevistados ocorreu por meio de busca ativa: com postagem nas redes digitais e sugestão de amigos. Todos os encontros foram realizados de maneira online, via Google Meet. De antemão, explicamos que os relatos obtidos têm suas particularidades e se cruzam, principalmente, ao incentivarem reflexões sobre o racismo, os problemas da sexualização e os impactos na autoestima das pessoas pretas devido à hipersexualização de seus corpos. Portanto, ao analisar especificamente os *gays* e bissexuais negros é preciso não fechar os olhos para os contextos em que o racismo pode operar (e opera) socialmente.

Com isso, reiteramos a imprescindibilidade de pensar sobre o fenômeno da hipersexualização dos corpos negros dentro dos espaços midiáticos, como as redes sociais digitais, aplicativos de relacionamento, as mídias jornalísticas tradicionais, alternativas, entre outras. Efetivamente, o que nos interessa na pesquisa é manter um olhar mais direcionado para a comunidade *gay* e bissexual (embora seja notório que outras corpos também permeiam os universos dos aplicativos). Assim, ao fazer um recorte racial dentro desse grupo, percebemos que a comunidade tem a expectativa de que os negros possuam determinadas características que correspondam ao que foi construído socialmente. *Gays* e bissexuais negros afeminados, por exemplo, sofrem opressão quando não se comportam de acordo com o esperado.

Ao universo *gay* se estende o fetichismo em relação aos homens pretos. É neste sentido que nos aproximamos do cerne da discussão, que está no centro o homem negro homoafetivo fora dos padrões de beleza vigentes e que, além disso, possui traços de feminilidade. (Júnior, 2015, p.10)

Diante disso, torna-se passível de compreensão que este fenômeno da hipersexualização dos corpos pretos já é algo de conhecimento social, embora ainda seja

³ Entrevistas realizadas pelo autor desta dissertação no período de produção do livro-reportagem para a conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), no ano de 2021.

insuficientemente pautado nos meios de comunicação tradicionais, por exemplo. Neste ponto, ressaltamos que a análise da sexualização exacerbada desse corpo pode ser vista metodologicamente como uma forma particular da Hermenêutica de Profundidade (HP). Isso porque, embora Thompson reconheça que a interpretação da doxa (cotidiano/senso comum) seja importante, é preciso ir além, já que é necessário adotar outros caminhos complementares no processo de análise social com o intuito de evitar cair no engano ou mesmice.

Devemos fazer o que descreveria como uma ruptura metodológica com a hermenêutica da vida quotidiana. Sem esquecer a interpretação da doxa, devemos ir além desse nível de análise, para tomar em conta outros aspectos das formas simbólicas, aspectos que brotam da constituição do campo-objeto. (Thompson, 2002, p. 364),

Nesse sentido, a HP não tem por intuito fornecer uma alternativa simples e acrítica quando se dedica à interpretação da realidade (Thompson, 2002, p. 356). Para o referido autor, trata-se de um referencial metodológico articulado de forma ampla que visa compreender os processos de interpretações em três fases ou procedimentos principais. Com isso, o mesmo reforça que “essas fases devem ser vistas não tanto como estágios separados de um método sequencial, mas antes como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo” (Thompson, 2002, p. 365).

Ainda de acordo com Thompson, a primeira fase dessa proposta metodológica é compreendida como análise sócio-histórica, que tem por intuito entender “as condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (Thompson, 2002, p. 34). O autor explica, também, que essa fase é essencial, uma vez que as formas simbólicas não estão no vácuo. Segundo o mesmo, elas são fenômenos sociais contextualizados, são produzidas, circulam e “são recebidas dentro de condições sócio-históricas específicas que podem ser reconstruídas com a ajuda de métodos empíricos, observacionais e documentários”, (Thompson, 2002, p. 34).

Já a segunda fase desse referencial metodológico é chamada de análise formal ou discursiva, compreendendo “que é um empreendimento perfeitamente legítimo, na verdade, indispensável; ele é possível pela própria constituição do campo objetivo”, (Thompson, 2002, p. 369). Existem inúmeras possibilidades para empreender esse processo de análise, como por exemplo: semiótica, conversação, sintática, estrutura narrativa, argumentativa, conteúdo, entre outras. Thompson explica que realizar uma análise formal ou discursiva é estudar as formas simbólicas como construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada.

Essa fase é essencial porque as formas simbólicas são fenômenos sociais contextualizados e algo mais: elas são construções simbólicas que, em virtudes de suas características estruturais, têm possibilidade de e afirmam representar algo, significar algo, dizer algo sobre algo. É esse aspecto adicional e irreduzível das formas simbólicas que exige um tipo diferente de análise, que exige uma fase analítica que se interesse principalmente com a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações. (Thompson, 2002, p. 34)

É importante ter em mente que a fase de análise tem suas características de legitimidade e importância nos processos de pesquisa. Contudo, o autor alerta que ela pode se tornar enganadora quando o sujeito-pesquisador realiza o movimento de separá-la do referencial da Hermenêutica de Profundidade, colocando-a “como um fim em si mesma” (Thompson, 2002, p.34). Exatamente por isso é fundamental realizar o processo pautado no tripé proposto por Thompson: contexto sócio-histórico, análise discursiva ou formal e, por último, a interpretação ou reinterpretação.

Quanto a esta terceira e última fase, a mesma é facilitada pelos métodos de análise (da fase anterior), mas não são a mesma coisa, já que, para Thompson, os métodos da análise quebram, dividem e buscam desvelar padrões, por exemplo. Por sua vez, a interpretação constrói sobre esta análise da mesma forma que também sobre os achados da análise sócio-histórica. Contudo, cabe endossar que “interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados”, (Thompson, 2002, p. 375). Ou seja, pode ser mediada pelos métodos sócio-históricos e de análise formal, mas exige uma reflexão crítica que amplie o olhar sobre os observáveis. É um processo de interpretação e reinterpretação.

Esta fase interessa-se pela explicação criativa do que é dito ou representado pela forma simbólica. Analisa a construção criativa de um possível significado. A fase de interpretação se constrói a partir de seus resultados da análise sócio-histórica e a análise formal ou discursiva, mas ela vai além deles, num processo de construção sintética. Ela emprega a análise sócio-histórica e a análise formal ou discursiva para iluminar as condições sociais e as características estruturais de forma simbólica, e procura interpretar uma forma simbólica sob essa luz, procura explicar e elaborar o que diz, o que representa, o que lhe diz respeito. Esse processo de interpretação é ao mesmo tempo um processo de reinterpretação, no sentido que é a reinterpretação – mediada pelas fases do referencial da hermenêutica de profundidade – de um objeto-domínio que já está interpretado e compreendido pelos sujeitos que constituem um mundo sócio-histórico. Ao oferecer uma interpretação as formas simbólicas, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado e, assim, engajando-nos num processo que, por sua própria natureza, faz surgir um conflito de interpretações. (Thompson, 2002, p. 34-35):

Na mesma linha do pensamento do autor, quanto às fases e objetivos da metodologia aqui utilizada, podemos assumir a posição que interpretar a hipersexualização do corpo *gay* e

bissexual negro é uma Hermenêutica de Profundidade com um objetivo crítico. Dizemos isso porque a tentativa reflexiva proposta exige interpretação, ocupando um lugar central no estudo. Thompson (2002) reitera o argumento de que diariamente fazemos compreensões daquilo que está à nossa volta. Somos atravessados por essas interpretações cotidianas a partir da relação sujeito-objeto no processo de interpretação e reinterpretação constante. Em outras palavras, o sujeito, que constrói o campo-objeto, faz interpretações que, por sua vez, também fazem parte desse campo-objeto. É nesse contexto tridimensional e continuamente relacionado que seguimos com esta pesquisa.

Com isso em mente, e realizada as explicações metodológicas necessárias nos parágrafos anteriores, destacamos que no quarto capítulo deste trabalho será realizada uma apresentação mais detalhada dos observáveis, mas antecipamos alguns aspectos importantes sobre os mesmos. Previamente, importa explicar que o Grindr é um aplicativo que utiliza a geolocalização e surgiu em março de 2009, em Israel. Mesmo sendo estrangeiro, é um aplicativo que ganhou muitos adeptos e se tornou famoso no Brasil. Ressaltamos que foi um dos primeiros aplicativos que de fato conseguiu conquistar espaço e ser usado pelos homossexuais e bissexuais. A ideia principal do aplicativo é conectar homens que estão interessados em sexo ou amizade. A partir do uso da rede sem fio e do GPS, ele guarda informações digitais, como dados e localização, para emitir a outros indivíduos que também usam o aplicativo.

Reis e Costa (2014), no artigo “O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos”, explicam sobre o surgimento do aplicativo ao pontuarem que o mesmo nasceu da ubiquidade das novas ferramentas ligadas à tecnologia comunicacionais. Assim, há a presença de tecnologias móveis cada vez mais conectadas à rede e, nesses sistemas, a população se mantém constantemente online, fazendo com que espaços virtuais e físicos se misturem, dando origem aos espaços híbridos. Ou seja, fazem com que se rompa a ideia de um ciberespaço desconexo do mundo “real”.

O aplicativo Hornet também é uma rede social digital voltada para o público homossexual e bissexual. Com o aplicativo, disponível para iOS e Android, é possível conhecer pessoas próximas da sua localização e até marcar um encontro. Como qualquer outro site de relacionamento, o usuário pode colocar fotos, conversar em um bate-papo, fazer amizades e marcar encontros. Mas existem novidades nesse aplicativo, como a opção de procurar pessoas próximas da sua localização ou até em outros lugares do mundo, colocar seus amigos ou *affairs* como favoritos e usar uma ferramenta de filtro para pesquisar

pretendentes pela idade e etnia. Atualmente, a Hornet já conta com mais de 25 milhões de usuários em todo mundo.

Dessa forma, são espaços de análises importantes para este estudo, especialmente por este fenômeno — a hipersexualização — ser algo que remonta do período de escravização no país e ainda permear as relações sociais na contemporaneidade. Por isso, ao pensarmos nos formatos de comunicação, principalmente diante da maior facilidade em compartilhar conteúdos na era tecnológica e digital, é preciso que haja condutas mais conscientes na divulgação de conteúdos quando relacionadas à população negra, independentemente do gênero e orientação sexual. Ademais, é preciso atuarmos de maneira mais combativa a essa realidade racista no Brasil.

Com essas ideias à disposição, entendemos que os estereótipos, o racismo e discriminações ainda sondam nossa sociedade e dificultam o relacionamento das pessoas negras, que vivem com seus corpos atravessados por expectativas — sobretudo, no que diz respeito à sua atuação na hora do sexo — e são construções que não contemplam as particularidades de cada um desses indivíduos. Intentamos, portanto, sobretudo a partir da análise hermenêutica, compreender como os corpos de *gays* e bissexuais negros se apresentam dentro dos aplicativos (Grindr e Hornet) frente à temática da hipersexualização. Cabe endossar que recorreremos aos aplicativos porque, além de contribuírem com a imersão nesses espaços, podem mostrar como os *gays* e bissexuais pretos vivenciam o processo de hipersexualização de seus corpos e, dessa forma, nos apresentar ideias pertinentes ao tema, nos permitindo pensar sobre este fenômeno. Com isso, queremos dizer que o intuito não é investigar se existe ou não a hipersexualização, já que partimos da percepção que já é algo dado.

Dito isso, explicamos que esta dissertação está dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo traçamos um processo contínuo de reinterpretação do racismo no Brasil, suas implicações para os negros, além de acionar conceitos intrínsecos ao tema estudado, como interseccionalidades (raça, gênero e sexualidade), aprofundamento na compreensão da hipersexualização e como a mesma ocorre nos ambientes digitais, o que nos ajuda a construir/reforçar o campo sócio-histórico do fenômeno. Quanto ao segundo capítulo, fazemos um breve acionamento de reflexões sobre as ausências e presenças do tema no jornalismo tradicional e alternativo, tendo em vista que a mídia é um catalisador de informações que chegam à sociedade diariamente podendo, assim, impactar nas interações em ambientes virtuais. Já na terceira parte, direcionamos atenção às compreensões das sociabilidades e afetividades desses indivíduos, refletindo, sobretudo, quanto aos

atravessamentos de seus corpos nos ambientes digitais de relacionamento. Discutimos sobre corpos, afetos, fetiches, discursos de ódio e outras temáticas que, muitas vezes, são inerentes às tentativas de sociabilidades dos *gays* e bissexuais negros.

Por sua vez, no quarto capítulo destinamos atenção aos procedimentos de compreensão mais profunda dos nossos observáveis (Grindr e Hornet), estratégias metodológicas, bem como a análise formal (que faz parte da Hermenêutica de Profundidade) e, simultaneamente, a reinterpretação contínua dos achados nos aplicativos e impressões dos relatos obtidos por meio da técnica jornalística da entrevista. Percorrer esse caminho é uma estratégia consciente que nos permite dialogar diretamente com a metodologia central deste trabalho, uma vez que os aplicativos e entrevistas nos auxiliam na compreensão do contexto da pesquisa, ampliando, reflexivamente, os potenciais achados desta dissertação. Isso porque “os problemas teóricos gerais podem, e devem, ser ligados a problemas de caráter mais concreto, metodológico”, (Thompson, 2002, p. 32).

Consequentemente, buscamos enquanto pesquisa sócio-histórica entender e explicar um fenômeno que, em certos níveis, já passou por processos de pré-intepretação das pessoas que compõem a sociedade e realizam interações entre si, principalmente os indivíduos negros que são afetados diretamente pela temática estudada. Nesse sentido, o que nos propomos a fazer a partir de nossos observáveis e aderências metodológicas, conforme Thompson (2002, p. 33) nos aponta, é “reinterpretar um domínio pré-interpretado”.

1. INTERSECCIONALIDADES DA PESSOA NEGRA: O RACISMO PRESENTE NA HIPERSEXUALIZAÇÃO DESSES CORPOS

O corpo negro sempre esteve no seio social como um espaço de trabalho ou destinado, unicamente, às narrativas de barganha sexual, na qual deveriam, sobretudo, saciar as necessidades do senhorio sem possibilidade de recusa. O homem negro, nesse sentido, foi construído a partir do seu órgão genital, que deveria ser sempre um lugar de prazer imensurável para o Outro, em regra, o branco. Buscar outras possibilidades de projeção no mundo sempre exigiu uma ruptura social complexa e que, mesmo com muitos avanços sociais, ainda encontra fortes resistências diante das estruturas segregadoras que sustentam nossa sociedade.

Os processos de racismo que emergiram com o tráfico dessa população para o Brasil continuam introjetados em boa parte das mentes da população, em seus comportamentos e nas formas de “consumir” esse corpo: visto como um espaço vazio de sentimentos, mas repleto de experiências sexuais inusitadas. O *gay* e bissexual negro, objetos centrais desse estudo, também são impregnados pelos rastros quase inapagáveis do racismo no país. Além disso, ainda são afetados pelo machismo que opera em intensidade muito semelhante ao primeiro problema. Ser negro e *gay*, por exemplo, diante do mundo, é projetar-se como um indivíduo que será, constantemente, rechaçado por esses supostos marcadores de sua essência, que serão colocados pelo outro como inadequados e/ou imperdoáveis.

Portanto, pensar esse corpo como um ser interseccional é uma prática indissociável, especialmente quando compreendemos que não existem hierarquias de opressão. Um indivíduo negro *gay* e bissexual terá, além dessas marcas, inúmeras outras que dizem respeito ao seu lugar no mundo e às suas formas de sociabilidades. Traçar um caminho reflexivo-teórico que vá ao passado, mas que mantenha o olhar do presente, é um processo importante para compreender como esses corpos ainda são (ou podem ser) atravessados por estigmas de raça, gênero e sexualidade que, acionam, nesta proposta de estudo, inúmeras características da hipersexualização.

1.1 O problema do racismo no Brasil e suas implicações

É indispensável compreender alguns aspectos relacionados ao racismo no Brasil, sobretudo para auxiliar na análise de como essa prática também é ratificada, muitas vezes, nas mídias comunicacionais, como no jornalismo *online*. Nesse primeiro instante resgatamos dados históricos do racismo no país a partir de pesquisa (Manenti, 2015) que mostra o

transporte de 5,8 milhões de pessoas escravizadas em barcos com a bandeira do Brasil e de Portugal. O estudo também aponta que, das pessoas escravizadas trazidas para a América, 45% foram direcionadas para o Brasil. Cabe observar os dados que tratam da proporção de crianças nos navios negreiros, que, nos 200 anos anteriores a 1841, correspondeu a 7,6% do total de pessoas transportadas. Contudo, nos últimos 15 anos desse período, o índice saltou para 59,55%. Isso explica-se porque, para os traficantes, crianças apresentavam menos resistência física.

Com esse panorama do comportamento da máquina escravista no mundo e, sobretudo, no país, partimos da compreensão de racismo como uma afirmação preconceituosa de que existe a superioridade de uma raça em detrimento de outra. O racismo pode ser tão tanto estrutural — um sistema de opressão sistematizado que nega direitos, fomenta expressões e hábitos racistas, por exemplo — e institucional — acontece quando instituições não adotam ou não promovem políticas efetivas para reduzir a disparidade de oportunidades entre brancos e negros (Araújo, 2022, p. 10).

Nesse cenário, é leniente ponderar que, para além das práticas racistas no Brasil — provocadas pelas pessoas — o racismo também está cristalizado nas instituições, que dão, de uma forma ou de outra, aparatos de controle social para a reprodução e a manutenção desse ecossistema discriminatório. Com isso, pretendemos salientar que vamos além da compreensão em si de uma estrutura como forma, uma vez que relacionamos suas possibilidades de estar articulado com a maneira que esse sistema existe; e, na mesma medida, impactar a sociedade a partir do aval ou da negligência de órgãos institucionais e governamentais.

Para tornar mais nítida esta reflexão, citamos Sodré (2023, p. 30-33), que observa, no caso do Brasil, que “um efeito estrutural” não significa, necessariamente, “estrutura”, mas, sim, uma forma que “eventualmente pode revelar-se estruturante”. O pesquisador acrescenta à ideia a explicação de que “é possível pensar em ‘estrutura’ como um jogo com suas regras e peças interdependentes. Há situações cruciais em que as peças mudam, mas o jogo continua”. Em nossas palavras, compreendemos que hierarquias sociais, respaldadas pelas instituições, foram criadas para garantir a manutenção do sistema escravista.

No Brasil do período colonial, cabe observar que, para os senhores donos de terra e de pessoas escravizadas, o que importava indubitavelmente era que os negros fossem detentores de uma força sobre-humana. Por outro ângulo complementar, é necessário ponderar que o corpo negro era, assim, para os seus “donos”, a melhor ferramenta para a manutenção do sistema colonial escravista. Isso porque “a cor do negro, na perspectiva daqueles que

alimentam um pensamento discriminatório, demonstra inferioridade, e é tomada como um marcador de diferença” (Silva e Soares, 2011, p. 104).

Com a entrada — forçada — dos negros no Brasil, foi construído em todo o seio coletivo uma percepção de que a pessoa preta representaria o mal e o feio ou, ainda, aquela que não deveria ter acesso à inteligência. Em contrapartida, o branco diz respeito ao inteligente e ao bom. Essa lógica racista ainda opera em diversos ambientes e realidades sociais, como no setor político, da segurança pública, escola, rotinas de trabalho, entre outros. Esse sistema preconceituoso foi responsável por dar sustento às desigualdades no país, uma vez que “os negros eram aculturados, ao tempo em que o dominador fortificava a ideia de que os povos advindos de África eram oriundos de um continente primitivo, sem costumes” (Silva e Soares, 2011, p. 104).

Quando pensamos no processo de perda de suas culturas e identidades, falamos, inclusive, da linguagem. O autor Fanon (2008), na obra “Pele negra, máscaras brancas”, considera o fenômeno da linguagem importante para compreender o negro no contexto do racismo. Isso porque, para o pensador, a linguagem fornece condições para compreensão do outro. Sem linguagem, um povo morre e, ainda assim, a linguagem do negro não é legitimada socialmente devido às práticas racistas oriundas do período colonial. É verdade que, no referido livro, o autor coloca os Antilhanos como objeto de estudo, mas é inegável perceber que suas reflexões se aplicam a outros povos negros.

Dito isso, é válido frisarmos, acompanhando as ideias do pesquisador, que o negro constrói duas relações sociais à medida em que estabelece interações: com os seus semelhantes (os negros) e com o branco. São duas dimensões e, em cada uma delas, adota comportamentos diferentes. Muitas vezes, o negro, além de assumir uma nova linguagem (para encaixar-se no novo ambiente inserido) também tenta adotar mudanças de vestimentas e comportamentos. Fanon, para melhor ilustrar os impactos que a linguagem tem na construção de uma população, nos compartilha a seguinte peça reflexiva.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (Fanon, 2008, p. 34)

Isso significa dizer que os negros, que vieram de partes distintas da África, também tiveram suas culturas e costumes apagados. Negros oriundos da Guiné, do Congo, de São

Tomé, da Costa da Mina, Moçambique e outros países africanos tiveram toda a sua história invisibilizada por um sistema escravista que visava o lucro. Nesse jogo de poder e controle, é importante mencionar que a igreja católica foi responsável por dar aparato para a continuidade dessas práticas. Seria ingenuidade não reconhecermos que, à época, as influências religiosas na colonização desenvolveram “uma armadura ideológica, protegendo um grupo contra a diferença do outro, sempre mantendo o poder da dominação e a manutenção do regime escravista” (Silva e Soares, 2011).

Na mesma linha reflexiva que Silva e Soares (2011), Fanon (2008) também reconhece que, à medida em que passou a questionar o sistema vigente e a observar como era percebido pela sociedade racista, notou a existência de forças muito intensas que o deixavam reticente em suas lutas. A hierarquização das raças dentro do sistema social tinha poder e, muitas vezes, amparo das religiões dominantes. Neste caso, em específico, Fanon também se refere à Igreja Católica.

Através dos tempos, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; *in vivo* e *in vitro* o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. (Fanon, 2008, p. 111)

Dessa forma, o racismo não pode ser visto como um desarranjo da sociedade ou mesmo colocado como patologia. Muito pelo contrário, ele fez parte de um projeto social pensado de maneira detalhada para estabelecer a nítida divisão social entre brancos e negros, colocando estes últimos em posições de subserviências e com pouquíssimas — ou nem sequer uma — possibilidade de mobilidade social. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, ao recorrermos a Sodré quando ressalta que a baixa cultura republicana (estabelecida sem projeto formal) não abriu caminhos para a equidade entre brancos e negros.

A solução de compromisso brasileiro (transigente, uma vez que o separatismo não entrou no ajuste civilizatório), proclama igualdade social do afrodescendente, mas sem derrubar as barreiras à ascensão social nem reconhecer o negro como singular, como um cidadão dotado de fala própria. (Sodré, 2023, p. 29)

De fato, não houve nenhum projeto político republicano igualitário no Brasil e, assim, a Proclamação foi a formalização da “apropriação do Estado pelos donos da terra” (SODRÉ, 2023, p. 28). Nesse sentido, vale distinguir enfaticamente que a instauração do sistema República não foi algo debatido de maneira detalhada e, sim, uma decisão de última agora,

feita de cima para baixo, conforme relembra Sodré (2023) no seu mais recente livro “O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional”.

Cabe observar que o racismo no Brasil acontece com a negação dos preconceitos. A partir do mito da democracia social, um sistema que opera a pleno vapor com foco na negação dos problemas sociais provocados pelos atos racistas que, sem dúvida, estão impregnados no tecido social desde o período de colonização do país. Assemelha-se a um sistema de camuflagem, silenciado e, na mesma medida, potente. Para compreender como o racismo funciona no Brasil, basta analisar quais os cargos destinados a pessoas negras, bem como suas posições sociais e suas inserções no mercado de trabalho, no meio acadêmico e no social. Vale destacar que, com o passar dos anos, avanços foram obtidos, contudo, ainda há muito o que se conquistar e barreiras a serem enfrentadas. A população negra, em regra, ainda ocupa lugares subalternizados.

A autora e pensadora negra brasileira Lélia Gonzalez (1984), no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, traz importantes reflexões que nos levam a compreender pontos indispensáveis quando nos direcionamos às ideias em torno do mito da democracia racial. É sabido que a pesquisadora concentra esforços em entender, no texto em questão, o corpo da mulher negra dentro da sociedade, o que não significa que não possamos apreender conceitos mais gerais sobre a temática da pessoa preta diante do mundo. Isso fica evidente quando Gonzalez nos diz, principalmente na tentativa de desmitificar a construção social de que não há racismo no país, que,

como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeuamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeuamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (Gonzalez, 1984, p. 228)

Por sua vez, e dialogando com o texto mencionado acima, em “Lugar de Negro”, Gonzalez e Hasenbalg (1982) nos permitem visitar o passado com o olhar do presente a partir de suas escritas sobre o modelo de racismo do país que se operava naquela época e, assim, nos dá condições de interpretar esse fenômeno nos dias de hoje (que ainda soa muito atual em uma sociedade que prega o mito da democracia racial). Além disso, logo nas primeiras páginas do livro, Gonzalez (1982) nos convida a reiterar a importância de acabar com o estigma racista que visualiza o corpo negro como igual e imbuído das mesmas características,

desejos, comportamentos e vivências. A autora faz isso ao pensar o movimento negro, ou os movimentos negros, intensificando um debate pertinente quanto às particularidades e diversidade da população preta no país.

Afinal, nós negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis. Os diferentes valores culturais trazidos pelos povos africanos que para cá vieram (iorubas ou nagôs, daomeanos, malês ou mulçumanos, angolanos, congoleses, ganenses, moçambicanos, etc.), apesar da redução à “igualdade”, imposta pela escravidão, já nos levam a pensar em diversidade. (Gonzalez, 1982, p. 18)

Ademais, no processo construtivo das realidades brasileiras, a pessoa negra foi sempre colocada sob o prisma da produção braçal, como na lavoura e na busca de ouro. É nesse sentido que se faz necessário salientar que, com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, a abolição da escravatura libertou os negros apenas teoricamente, pois, na prática, continuavam presos a amarras sociais que os impediam de se locomover dentro da pirâmide social. Acrescentamos que a princesa Isabel assinou a referida lei direcionada muito mais por interesses políticos do que pelo desejo de libertar os negros. Assim, a posição dessa população dentro da sociedade ainda era demarcada por uma visão racista e segregadora, que relegava a eles locais de inferioridade. Sodré (2023) nos permite aprofundar este pensamento.

Pode-se dizer que, até a Abolição, a sociedade brasileira era composta pelos protagonistas do ‘descobrimento’ (portugueses, africanos e indígenas, principalmente, além de outras eventuais nacionalidades), enquanto, após o fim da escravatura, se poderia chamá-la de sociedade do ‘encobrimento’, no sentido de uma formação social orientada para o apagamento do que houve antes. (Sodré, 2023, p. 29)

O referido autor compromete-se em ampliar suas ideias a respeito da temática abordada, o que nos leva a argumentar, direcional e criteriosamente, que, no período mais crítico da sociedade escravista brasileira, o comportamento racista era condicionado por uma tecnologia de poder fundamentada em uma tríade que, ainda hoje, apresenta-se recorrentemente: estigmatização, discriminação e segregação. Estes são elementos que funcionam como condicionadores sociais que relegam ao negro locais de subalternização e impedem sua mobilidade social ao negar oportunidades iguais e possibilidades realistas de sociabilidade sem traços de preconceitos, já que “aparência, desde a cor da pele até a roupa, é uma categoria que se constrói socialmente e que atribui poder social” (Sodré, 2023, p. 40).

Isso quer dizer que o racismo brasileiro se caracteriza pelo fenótipo, ou seja, é o que se apresenta visivelmente aos olhos da sociedade: especificamente, a cor da pele. São os

aspectos físicos que funcionam como marcadores sociais e de status dos indivíduos, sendo responsáveis pela sua aceitação ou recusa — ainda que sutilmente — em ambientes sociais. Com essa acepção em mente, é fundamental frisarmos que, após a alforria, o racismo continuava (e continua) recorrente, mas sem a legitimidade de antes. Em outras palavras, os negros continuavam a ser tratados como indivíduos inferiores e “descritos como subespécie da raça humana, um híbrido ou amaldiçoado” (Silva e Soares, 2011, p. 102).

A compreensão sobre o corpo negro já estava imbricada de marcas estigmatizadas que ainda hoje reverberam. Contudo, é pertinente observar que esse grupo luta diariamente para progredir nessas questões e nos debates. Para os autores Silva e Soares (2011, p. 103), ao partir da seara das ciências sociais, os afro-brasileiros têm como missão a busca por sua própria vivência e desejos. Esta incumbência serve para questionar, sistematicamente, os pensamentos dos considerados “dominantes” na relação “superioridade dos brancos em relação aos não-brancos”. Embora tenhamos avançado atualmente em muitas questões quanto à apropriação de nossas identidades negras, de nossos corpos e afetividades, não podemos negligenciar o fato de que muitos indivíduos negros, especialmente aqueles que menos se dedicam a refletir sobre as questões raciais (mas não exclusivamente estas), tendem a adquirir a possibilidade de embranquecer. Isso acontece seja por meio de sua fala, de suas vestimentas ou da negação de suas características.

Nesse sentido, recorrendo mais uma vez a Fanon (2008), quando discorre sobre essa temática à sua época, o autor nos faz perceber a necessidade de impulsionar essa mudança social para que o preto passe a perceber-se por si só e para si mesmo. Além disso, o pesquisador nos instiga a esta retórica ao questionar-nos se o indivíduo negro conseguirá superar o sentimento de inferioridade diante da estrutura social vigente que o colocou à margem da pessoa branca. “No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em sentir-se pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável” (Fanon, 2008, p. 59). Mais adiante em suas ideias, no mesmo livro, o pensador reforça que o povo preto não pode se paralisar diante de uma estrutura que o relega à subalternação, pois não devemos nos “deixar atolar nas determinações do passado” (Fanon, 2008, p. 190).

É exatamente nesse ponto que também recorreremos, refletindo criticamente, ao conceito de estereótipo, que é uma conceituação supergeneralizada, não podendo ser verdadeira para todos os membros de um grupo (Gahagan, 1980, p. 70). Em outras palavras, podemos compreender como ideias que tentam padronizar determinadas ações e comportamentos como comuns e obrigatórios às pessoas de uma mesma comunidade ou

população. Segundo a professora Daniela Diana, no texto *online* “Estereótipo” (2018), o termo significa uma ideia ou um modelo de imagem atribuída a pessoas ou grupos sociais, muitas vezes, de maneira preconceituosa e sem fundamentação teórica. A autora bell hooks (2019) destaca alguns encargos negativos dessa realidade ao ressaltar que:

nessas representações do século XIX e do começo do XX, os homens negros eram figuras caricatas interessadas apenas em beber e se divertir. Tais estereótipos são uma forma eficiente de os brancos racistas apagarem da consciência pública a importância do trabalho do homem negro. Mais tarde, esses mesmos estereótipos seriam evocados como motivos para recusar empregos aos homens negros. São evocados ainda hoje. (hooks, 2019, p. 150)

Nessa linha reflexiva, frente a esses estereótipos e expectativas preconceituosas postas sobre a atuação do corpo negro *gay* e bissexual, como ter o pênis avantajado, ser viril, masculinizado e ativo nas relações sexuais, é válido observar também que, muitas vezes, esses indivíduos são impelidos socialmente a desempenhar performances específicas para serem aceitos dentro das relações que tentam estabelecer. O autor Goffman (2007), em suas pesquisas, busca conduzir a análise dos papéis que os indivíduos são condicionados a realizar nos mais diversos ambientes e lugares, aspecto importante para o que está sendo proposto aqui. O autor preocupa-se em pontuar que, algumas vezes, as pessoas desempenham suas ações a partir do que os outros indivíduos influenciam. Segundo esse pesquisador, isso pode ocorrer de duas formas: consciente ou inconscientemente. No que diz respeito à presente pesquisa, observamos que esses homens *gays* e bissexuais pretos vivem essa dualidade de comportamento.

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos 143 observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes não será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença. (Goffman, 2007, p. 67):

Assim, resgatamos que este trabalho visa refletir os processos de hipersexualização e sexualização, além dos estereótipos que recaem sobre os corpos de homens pretos (*gays* e bissexuais), principalmente em espaços midiáticos: a princípio, apresentando, brevemente, as ausências e presenças (no jornalismo tradicional e alternativo) desse fenômeno; e, na sequência, analisando efetivamente os aplicativos de relacionamento (Grindr e Hornet) e as entrevistas com usuários e ex-usuários. Dito isso, é fundamental manter atenção aos eventuais desdobramentos do masculinismo tóxico condicionado a esse grupo e que, por isso mesmo,

são barreiras sedimentares que implicam, em algumas medidas, como dificuldades em combater esse fenômeno.

Esse masculinismo negro é tóxico, tanto para homens negros heterossexuais quanto para as mulheres negras e LGBTs negros que, não bastasse sofrer as limitações e violências produzidas no seio da sociedade supremacista branca em que vivemos, sofrem também por parte de algumas pessoas do seu próprio povo com quem partilham opressões de raça, mas com quem não é possível contar e/ou confiar plenamente, porque a diferença de gênero e de orientação sexual faz com que o homem negro hétero, às vezes, se sinta numa posição superior em relação à mulher e aos LGBTs [...]. (Veiga, 2018, p. 81)

Essas problemáticas relacionadas aos ideais esperados de masculinidade negra — propagadas ao longo dos séculos — têm raízes bem fundamentadas. Quando o homem preto buscou ocupar um *status* “patriarcal”, os arranjos sociais impostos pelo branco, principalmente o homem hétero, potencializou o que a autora bell hooks (2019, p. 156) definiu como “falocentrismo selvagem”. Para dizer de outra maneira, podemos apreender que, naquele cenário, tudo era atravessado pelo conceito de pênis, inclusive — e, principalmente, — as relações hierárquicas desses indivíduos pretos dentro de seus lares. Seria, portanto,

uma masculinidade definida no ideal sexual e enraizada na dominação física e na posse sexual de mulheres poderia ser acessível a todos os homens. Dessa forma, até homens desempregados poderiam conseguir status, serem vistos como a personificação da masculinidade, dentro de uma moldura falocêntrica. (hooks, 2019, p. 156)

É sabido que as práticas preconceituosas e discriminatórias — não somente contra a população negra — ainda permeiam o Brasil e permanecem nas reflexões e ações combativas de inúmeros grupos sociais que lutam para ter seus direitos garantidos. Ainda que utilize outras ferramentas e, por vezes, elas apareçam sutilmente, a dicotomia superioridade versus inferioridade pode ser vista dentro da sociedade, principalmente na relação que coloca o indivíduo branco no lugar de privilégios e o negro em posições marginalizadas. Ao ampliar a percepção, significa dizer que os povos negros, quilombolas, originários, asiáticos, entre outros, enfrentam esses estigmas sociais diariamente. Muitas vezes, são colocados em posições de subalternidade ou ineficiência.

O resgate das inúmeras histórias escravistas no Brasil passa por um processo de reconstituição necessária: pesquisadores, artistas, professores e jornalistas imergem na missão de abordar tantas histórias não ditas para que não se repitam. É preciso que se rompa o silêncio provocado pelo racismo no Brasil a fim de que possamos avançar e encerrar o mito

da democracia racial. Negar que o racismo ainda está inserido no tecido social é contribuir para a manutenção desse sistema que, hoje, apresenta-se de maneiras sutis e, também, severas. O ideal de branquitude causa uma das maiores dores no processo de identificação do ser negro, uma vez que não se vê como parte integrante da sociedade e precisa, muitas vezes, submeter-se a um sistema que valoriza ideais da branquitude. Isso tudo provoca o processo de invisibilidade do negro e o distanciamento de si.

Hasenbalg (1982, p. 69), também no livro “Lugar de Negro”, é categórico ao fundamentar que pensar as questões que envolvem o mito da democracia racial é entender, sumariamente, que o racismo, “cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu a justificativa para exercitar o domínio sobre os povos de cor”. Ao pontuar esses aspectos relacionados às compreensões sobre racismo, o autor coloca as mudanças ocorridas quanto a percepções raciais após a abolição, mas também é nítido que os marcadores relacionados à cor da pele mantiveram-se como determinantes na estruturação das relações sociais.

Nessa linha de pensamento, é fundamental lembrar que o Brasil foi o último país a abolir a escravização. Havia, sim, movimentos políticos e rebeliões que exigiam o fim desse sistema, mas é válido destacar que as pressões da Inglaterra foram decisivas para o fim desse *modus operandi*, uma vez que, novamente, não viam mais rentabilidade nesse modelo. Assim, a escravização relegou ao negro o lugar de inferioridade. Mesmo com o fim desse sistema, o negro não foi incluído socialmente a fim de ter condições materiais, sociais e educacionais de participar ativamente como membro dessa sociedade. A presente pesquisa direciona seu olhar para o racismo relacionado à população negra, embora não negue — e mencione — que outros grupos sociais, como os povos originários, também foram criticamente afetados pela imposição de normas, costumes e percepções europeias, em outras palavras, por fugirem do padrão fenotípico branco.

Diante dessa observação, é válido ponderar que existem características específicas de como esse sistema racista opera no país. No caso do racismo pós-abolicionista, o “jogo” mudou (a estrutura, que mencionamos no início deste capítulo), mas “ficaram as peças imersas no imaginário escravista; isto é, nas imagens ambíguas de uma forma social hierárquica”, (Sodré, 2023, p. 33). Além disso, outro fenômeno bem característico das práticas racistas no país seria o chamado popularmente como “racismo à brasileira”.

Para entender melhor o contexto dessa expressão, podemos resgatar o primeiro aspecto que chama a atenção em relação ao que se caracteriza o racismo no Brasil. Nesse período — durante movimentos pró-assinatura da Lei Áurea —, tentou-se apagar a imagem do negro

escravizado para colocá-lo como trabalhador: como uma peça fundamental para a construção do país (dizemos isso porque, conforme hooks (2019), a sociedade branca ocupou-se em construir a imagem do negro preguiçoso na tentativa de apagar e justificar os rastros do racismo. Mesmo que estejamos no referindo à prática à brasileira, citamos hooks porque os resultados do racismo são parecidos tanto no Brasil como nos EUA). Interessante observar, ainda, que as ferramentas que operam diante do indivíduo negro sempre visam colocá-lo como parte do problema social. Exemplo disso é o fato de que com o passar dos anos a miscigenação começou a ser vista como inferioridade racial negra e degeneração.

No transcorrer do século XIX esse pensamento se torna hegemônico, em tal medida, que mesmo a campanha abolicionista sofreu a influência dessa ideologia. Isso porque a abolição começou a ser vista como a possibilidade de libertar o Brasil dos negros, agora culpados pelo atraso da nação. Tal questão foi denominada de “problema do negro”. (Junior, 2021, p. 71)

Realizado esse breve apanhado histórico, reiteramos que compreender os conceitos de intersecção, gênero, sexualização, raça, racismo e estereótipos é um exercício essencial. Todos esses aspectos são altamente indissociáveis entre si, e é sobre essa ótica que nos propomos a construir reflexões sobre a hipersexualização dos corpos negros dentro do ambiente digital comunicativo a partir da observação dos aplicativos Grindr e Hornet, na qual a intenção não é realizar uma análise comparativa entre esses observáveis, mas, sim, uma análise complementar. Nesse sentido, a proposta é empreender um estudo reflexivo-descritivo desses objetos e utilizar como ferramenta metodológica central a Hermenêutica de Profundidade de Thompson, que nos permite refletir em um ciclo contínuo de interpretação e reinterpretação dos achados nos observáveis.

Frente a isso, reforçamos ser necessário que essas pautas sobre racismo, aliadas às interseccionalidades (que se refere à análise em cadeia e transversal a partir de mais de um marcador social), permaneçam nas produções midiáticas de modo geral. Em outras palavras, devemos nos aprofundar na construção de uma comunicação com vieses à interseccionalidade nos âmbitos do gênero, da sexualidade e da raça, entre outros elementos relevantes e que compõem a nossa sociedade. É exatamente isto que nos concentramos em realizar nas próximas páginas deste capítulo.

1.2 Reflexões sobre interseccionalidade: gênero, sexualidade e raça

Nesta pesquisa também nos apropriamos do conceito de interseccionalidade, tendo em vista que nos concentramos em discutir aspectos ligados a gênero, sexualidade e raça, que,

combinadas, dizem respeito às características do *gay* e bissexual preto ao qual nos referimos na construção destas reflexões. Dessa forma, “a interação entre gênero e outros fatores é evidente quando analisamos alguns casos da vida real” (Bellagamba, 2022), que, no contexto em questão deste trabalho, relacionamos à sexualização exagerada das pessoas que fazem parte desse grupo.

Podemos compreender, assim, conforme nos aponta a pesquisadora e feminista negra Akotirene (2021), que a interseccionalidade é uma “sensibilidade analítica” utilizada para a compreensão de fenômenos sociais de maneira aprofundada e sistematizada. Para construir essa análise, temos como ponto de partida a ideia de que não existem hierarquias entre sistemas de opressão, mas, sim, uma interação síncrona entre esses elementos, como gênero, raça, classe, geolocalização, capacidade, orientação sexual, idade, deficiências, entre outros aspectos que se conectam em algum traço reflexivo pertinente. Quanto a esta interconexão, a autora Akotirene denomina em seu livro “Interseccionalidade” como “avenidas identitárias”.

A compreensão de Akotirene (2021) resgata o que o autor Fanon (2008) coloca de maneira muito categórica: que é preciso assimilar que a prática racista não pode ser analisada a partir da tentativa de hierarquizar sistemas de opressões. Com isso, a partir de nossa compreensão, o autor quer dizer, por exemplo, que embora haja diferenciações sobre como o racismo opera em diferentes lugares, esse não deve ser o ponto central da discussão. De modo geral, essas diferenças são sutis e não são objetos de análise das pessoas que sofrem com os impactos negativos do racismo. “Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas” (Fanon, 2008, p. 85).

Neste ponto, é válido resgatar que somente a partir de 1980 é que surgem teorias que visam aprofundar e dar instrumentalidade teórico-metodológica para avançar “discussões que envolvem mulheres e homens negros, sendo algumas delas, decolonialidades, colorismo, interseccionalidade, entre outras” (Lima, Silva e Nepomoceno, 2021, p. 7). Embora a teoria Interseccional tenha surgido com atenção às demandas e necessidades da mulher negra, ela não se limitou a isso em função da sua capacidade de abrangência e reflexão. Nesse sentido, envolve de maneira direcionada e categórica os temas relacionados à raça, classe, gênero, identidades, opressões, idade, entre outros aspectos sociais relevantes. Ou seja, ela tem por intuito permitir que “os sujeitos falem de si por si próprios”, (Lima, Silva e Nepomoceno, 2021, p. 25).

Ao pensar esse conceito dentro da área comunicativa, a pesquisadora Fernanda Carrera, uma das referências na área da interseccionalidade, observa que o método

interseccional no campo da Comunicação necessita de aparatos próprios e que dialoguem com suas origens. Por isso denomina esse método como roleta interseccional, “admitindo que a observância das matrizes de opressão que atravessam os corpos e os sujeitos é fundamental para a compreensão dos efeitos comunicacionais por eles engendrados” (Carrera, 2021, p. 2).

A autora sinaliza, também, que o conceito surge com viés a dar visibilidade “às opressões vividas por mulheres negras” (Carrera, 2021, p. 4). Ele também pode ser compreendido, em outras palavras, como a “identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2019, p. 48). Vale reiterar que, embora o termo tenha surgido a partir das demandas de classe, raça e gênero, principalmente impulsionado por mulheres negras, ele tem também aderência em outras categorias sociais.

Na atualidade, é utilizado por inúmeras áreas de conhecimento como instrumento para compreender situações diversas, a exemplo de gênero e deficiência; raça e idade; entre outros aspectos relevantes dentro de pesquisas sociais e sem, contudo, esquecer que é fundamental manter um rigor científico e metodológico ao debruçar-se ou apropriar-se dessa conceituação. “A interseccionalidade em Comunicação serve, portanto, como um aparato para expor injustiças representacionais e discursivas, propondo ferramentas de equidade” (Carrera, 2021, p. 10).

Compreendidas as ideias centrais sobre intersecção, partimos para a definição mais específica sobre o que é gênero, termo que, conforme apresentado, tem direta relação com o conceito anteriormente abordado. De acordo com Butler, no livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (2010, p. 25). Em suas ideias, visa desmontar a relação entre sexo, gênero e desejo como tripé indissociável. Questiona, nessa linha, o fato de a ideia de gênero produzir a frágil noção de estabilidade pautada no aspecto homem versus mulher.

Ao dialogar diretamente com as ideias de Butler (2010), Firmino e Porchat (2017, p. 55) destacam que o conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, “mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais”.

A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a 'cultura' relevante que 'constrói' o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (Butler, 2010, p. 26)

Ao ampliar suas reflexões, Butler (2010, p. 27) também pondera que não é possível recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais. Dessa forma, é pertinente reiterar que, nesta pesquisa, trabalhamos com a ideia de gênero (conceito que faz parte de uma discussão ampla, em que Butler apresenta-o como construção cultural) para explicitar que o corpo *gay* e bissexual negro masculino, dentro dos aspectos do determinismo biológico e cultural, é condicionado a agir socialmente de acordo com seu gênero e expectativas construídas com base em estigmas e estereótipos.

Quando esse mesmo corpo é atravessado por questões voltadas à sexualidade, ou seja, é um indivíduo *gay* ou bissexual, precisa lidar com outra série de problemáticas sociais. Nesse sentido, podemos compreender a sexualidade como uma característica geral experimentada por todo o ser humano que, por sua vez, “não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais” (Favero, s.d.).

No mundo contemporâneo, acentua-se uma discussão na qual é possível perceber como a sexualidade ganha aspectos cada vez mais centrais. Continuadamente vemos nas mídias comunicativas (digitais ou não) resquícios e reforços ao culto do corpo masculino e feminino, principalmente no que concerne à distinção de suas características e de seus papéis sociais. Cabe mencionar que esse contexto não é algo recente, ou seja, tem uma origem remota. Para melhor entender, Louro (2009, p. 30) diz que “em torno de 1860/1870, a sexualidade começou a se transformar numa questão. Ela passava a ser objeto de atenção do Estado, da Medicina, das Leis, além de continuar a ser tema da Religião”.

Importante reconhecer que a discussão desse conceito e termo, à época, era muito pautada na visão masculinizada na qual, muitas vezes, as mulheres tiveram seus desejos colocados como perigosos ou inválidos. Em outras palavras, os homens é que tinham a autoridade para pensar essas questões e definir terminologias com base nas compreensões do contexto vivido por eles. É no final do século XIX que surge o termo homossexualidade e homossexual para se referir a pessoas que mantinham relações sexuais e amorosas com outras pessoas do mesmo sexo. Obviamente, vale reiterar, que a prática em si já acontecia há muito

mais tempo ao surgimento do termo. Contudo, foi nesse momento que passou “a indicar um tipo particular de pessoa, um tipo social” (Louro, 2009, p. 30).

Os caminhos e transformações ao longo da história, voltadas à questão da sexualidade, foram inúmeras. Sendo assim, ressaltamos que os movimentos sociais relacionados à liberdade sexual foram significativos para reformular estruturas sociais que estavam pautadas, em grande parte, na relação binária homem e mulher cisheteronormativos. Com essa movimentação articulada, *gays*, lésbicas, bissexuais e outros grupos “minoritários” passaram a exigir que suas vozes fossem ouvidas em um processo contínuo de pedido por respeito, sociabilidade e garantia de direitos fundamentais para que tivessem a mínima sensação de bem-estar e segurança.

Diante dessas reflexões, em que o corpo do *gay* e bissexual preto também se encaixa, compreendemos, em alguma medida, que a classificação binária respaldada na relação entre homem e mulher héteros é insuficiente para abarcar os inúmeros vieses sexuais existentes. Dessa forma, são muitas as práticas de sexualidade possíveis e que na contemporaneidade são impulsionadas por reflexões oriundas de movimentos sociais, grupos de pesquisa e trabalhos.

Outro ponto relevante dentro desta pesquisa é o conceito de raça, que permeia todas as páginas, por isso é fundamental ressaltar sua conceituação. Podemos compreender, a princípio, conforme nos coloca Silva e Soares (2011, p. 102), que o termo raça teve sua origem por meio de uma “fundamentação biológica, dentro do paradigma de raça inferior e raça superior”. Os autores ainda pontuam que diz respeito à crença na ideia que dentro das sociedades humanas haveria mais de uma raça, o que “do ponto de vista das ciências naturais, apresenta um erro”, (2011, p. 108). Embora entendamos que no início a expressão foi cunhada para reforçar a estrutura social racista que coloca brancos como superiores aos pretos, apropriamo-nos da denominação raça como uma ferramenta de ressignificação importante para o movimento negro.

Exatamente ao permear esses conceitos, ainda que brevemente, é que nos preocupamos em compreender como os espaços midiáticos abordam a temática da hipersexualização do corpo homossexual e bissexual negro, que é constituído de suas próprias vivências e características raciais. Reiteramos que a tentativa de elucidar os conceitos sobre interseccionalidade à luz dos temas gênero, sexualidade e raça é imprescindível para o que está sendo proposto de forma mais direcionada: analisar como a hipersexualização do corpo do negro — que é atravessado por esses conceitos — é abordada dentro dos observáveis. Frisamos, mais uma vez, que o objetivo não é empreender uma análise comparativa.

Para auxiliar nessas proposições acadêmicas, também é preciso nos debruçarmos de maneira detalhada a entender mais sobre as ideias que giram em torno do fenômeno da hipersexualização, conceituação chave para este estudo, que se refere ao ato de consumir o corpo apenas pelo aspecto sexual, excluindo do mesmo outras possibilidades de afetos. É desumanizar um indivíduo a ponto de vê-lo apenas pelo seu membro sexual e sua performance durante relações íntimas. Dessa forma, nas próximas páginas dedicamos esforços a esse objetivo, já que é importante para os caminhos que esta dissertação visa percorrer coordenadamente.

1.3 A hipersexualização do corpo preto

O fenômeno da hipersexualização, quando visto sob o prisma do racismo, remonta ao período escravista brasileiro e permeia as relações sociais na contemporaneidade. Embora seja algo socialmente conhecido há anos, ainda é um tema pouco pautado nos meios de comunicação tradicionais, como o webjornalismo. Dessa forma, a conceituação central desta pesquisa é exatamente esta: a hipersexualização, que diz respeito ao ato de sexualizar ao extremo um corpo — no caso desta dissertação, o *gay* e bissexual preto — retirando dele todo o aspecto de humanidade à medida em que é construído apenas como um objeto (Hipólito, 2022). Para complementar o pensamento, a pesquisadora reforça que o termo hipersexualização pode ser entendido como um fenômeno que concentra esforços em atribuir um caráter sexual a alguém, um produto ou uma situação, baseando-se, principalmente, em uma série de estigmas sociais.

É nesse sentido que observamos que o contexto histórico do negro no Brasil esteve (e está) permeado por processos de exploração e subalternação de seus corpos, nos quais foram removidos dos mesmos aspectos sociais e humanos durante as suas interações sociais, pois foi construído que o negro “tem uma potência sexual alucinante. É este o termo: é preciso que esta potência seja alucinante” (Fanon, 2008, p. 138). Dessa forma, buscamos salientar, conforme aponta Lima, Silva e Nepomoceno (2021, p. 27), que a colonização negra no país foi atravessada por inúmeros fatores físicos e simbólicos que ainda reverberam atualmente, como “a escravização, o trabalho precário, a necropolítica e o estupro”. Portanto, na atualidade, o processo de hipersexualização dessa população ainda acontece, mas a partir de outras ferramentas de controle social.

Para pensar estes indivíduos como corpos hipersexualizados precisamos resgatar os estigmas sociais, construídos no período da escravização — e ainda muito comuns —, que os colocam na esfera de pessoas capazes de aguentar todo e qualquer esforço físico e sexual

como aspectos inerentes e biológicos às suas existências. Enquanto isso, “pessoas negras lidam com negativas em relação a sua capacidade intelectual, a supervalorização de sua força física e com a hipersexualização de seus corpos”, (Lima, Silva e Nepomoceno, 2021, p. 19). Assim, complementar a esta observação, é fundamental compreender que o homem *gay* e bissexual negro também carrega as marcas da hipersexualização em toda sua trajetória, uma vez que sofre uma série de atravessamentos, como precisar ser o “negão” dotado, viril, masculinizado, com desejo sexual exacerbado e detentor de performances na hora do sexo que sejam superiores ao homem *gay* branco.

Com essa percepção histórica em mente, salientamos que o negro sempre foi eclipsado ao genital, ao tamanho do seu pênis. De maneira resumida, ele representa apenas o plano biológico sexual de uma população. No início dos processos de escravizações, as sociedades colonizadoras e racistas dedicaram-se a catalogar o negro pelo comprimento e virilidade do seu órgão sexual, ou seja, deixa de ser um indivíduo, com sentimentos, e passa a ser um membro fálico destinado a atender desejos e ilusões sexuais do branco. Fanon (2008, p. 147) melhor elucida isso ao afirmar que o “branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona”.

É nesse ponto reflexivo que devemos analisar, sobretudo diante do fenômeno das mídias sociais, a construção da imagem do homem negro, mais especificamente do *gay* e bissexual preto, para além do aspecto do falocentrismo e apetite sexual insaciável. É necessária uma atenção aprofundada que conduza à desconstrução da imagem estigmatizada sobre esta população, no qual o intuito deve ser enxergá-los como pessoas reais e não apenas reduzidas a seus órgãos sexuais. O processo de hipersexualização coloca as pessoas negras como não merecedoras de amor ou apenas como objetos e produtos de desejo que, facilmente, podem ser descartados quando não cumprem as expectativas ou quando o Outro — geralmente, o branco — perde o interesse. Esse contexto permite compreender que são vistos “apenas como objeto de uso e passíveis de descarte” (Lima, Silva e Nepomoceno, 2021, p. 27).

Frente a essa reflexão é interessante apontar que os corpos dos homens negros — *gays*, bissexuais, héteros, entre outros — vivenciam um processo de construção voltados ao estado de virilidade e agressividade, quase como aspectos inerentes às suas existências, mas que, na verdade, estão enraizados em estigmas sociais que atravessam a sociedade até os dias atuais. Conforme nos apontam estudos na área, isso explica-se porque, “para a maioria dos brancos, o negro representa o instituto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições” (Fanon, 2008, p. 152). Quando ampliamos os

impactos desses estereótipos sociais, percebemos, ainda, que o corpo do homem preto passa por outros recortes, como a sexualização e as poucas possibilidades de estabelecer relações que não sejam pautadas, exclusivamente, na ideia de sexo.

Outro aspecto pertinente nesse contexto é que, quando não “cumprem” as expectativas ou estão fora dos padrões preconceituosos construídos, essas pessoas são excluídas. Como efeito, são geradas frustrações que podem levar à tentativa da realização de performances sociais mais aceitáveis dentro das relações sociais, ainda que precisem renunciar a suas particularidades e desejos apenas para sentirem-se parte do todo estigmatizado. Isso pode ser explicado quando recorremos, por exemplo (e, mais uma vez), ao autor Goffman (1998), que observa como um indivíduo, diante de outros, pode agir de várias maneiras em relação ao que esses outros esperam dele. Por isso, conforme já defendia Miranda (2016):

Se partirmos do pressuposto, portanto, de que o conceito de performance social abrange todo o leque de ações de um determinado indivíduo que, ao se deparar em um mesmo ambiente com outros que o observam – envolvendo, pois, um olhar de outros sobre si –, e que, ao mesmo tempo, possa influenciá-los, fica clara a metáfora teatral adotada por Goffman (2009): nós, indivíduos e atores sociais, ao nos encontrarmos com uma plateia que nos observa, em uma dada situação da vida ordinária, exercemos, naquele momento, uma performance social. Ou seja, as situações e contextos cotidianos são cenários nos quais encenamos (ou “performamos”) aquilo que desejamos mostrar – quando nos apresentamos para outrem, em diferentes palcos. (Miranda, 2016, p. 86-87)

Dito tudo isto, ao pensarmos na comunicação digital, como nas mídias tradicionais, alternativas e mídias sociais, é preciso que haja condutas mais conscientes por partes dos conteúdos que circulam nesses espaços quando relacionadas à população negra, independentemente do gênero e orientação sexual. Além disso, é preciso ter um processo comunicativo que atue de maneira mais combativa a essa realidade, já que seus produtos têm impacto diretamente na moldagem do pensamento (ainda que crítica) da sociedade. Para aprofundar essas reflexões, é importante destrincharmos, mais propriamente, alguns pensamentos relevantes sobre como a sexualização desse corpo negro ocorre nos espaços digitais, que podem ser compreendidos como um lugar de rápida disseminação de preconceitos e estigmas.

1.4 A sexualização do corpo negro em ambientes digitais

Diante do contexto de maior imersão nos ambientes virtuais, é notório o processo de hipersexualização dos corpos negros — de homens *gays* e bissexuais — dentro de espaços de interação virtual, como aplicativos de relacionamento e outros espaços digitais que permitem

troca de mensagens, assim como na mídia de modo geral. Os estereótipos e fetiches são recorrentes nesses espaços e são estratégias da sexualização ao extremo desses indivíduos. Essas práticas têm origem no processo de escravização dos nossos antepassados negros. Agora, na era digital, apresenta-se com outros formatos e ferramentas.

Ao pensar no comportamento da mídia, é preciso mencionar, ainda que brevemente, seu papel na formação de percepções negativas e estereotipadas que são estimuladas e realocadas socialmente pelos grupos dominantes (geralmente, o branco). Nesse sentido, pincelamos que a mídia tem participação na construção de compreensões e práticas racistas na medida em que podem potencializar estigmas sociais sobre os negros e estimular, de alguma forma, imagens de controle pejorativas dessa população. Aqui, recorreremos à pesquisadora Collins (2019, p. 368) quando relaciona essa realidade midiática com a construção das imagens de controle da mulher negra. A autora pontua que essa dominação demonstra a “organização social geral da qual as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas”.

É pertinente citar, dessa forma, que as imagens de controle abordadas pela autora se referem às mulheres negras. Isso porque, conforme comentamos anteriormente, as questões relacionadas à discussão da interseccionalidade partem das demandas de gênero, raça e classe, mas são ampliadas para diversos grupos sociais. Dito isso, os tipos de imagens são: a *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; *mammy* moderna; jezebel, prostituta ou *hoochie*; e *pretty baby*. Embora a análise das negritudes sob a ótica da mulher não seja nossa prioridade nesta pesquisa, ter consciência dessas imagens é importante, pois permite compreender como a mídia aborda determinados estereótipos desse grupo. Uma vez que elas servem para “mascarar o racismo, o sexismo, a pobreza e outras injustiças sociais, fazendo-os parecer natural, normal e parte inevitável do cotidiano” (Collins, 2010 apud REIS; Leite; Matos, 2019, p. 8).

Brevemente, para fins de conhecimento, explicamos que a imagem de controle *mammy* é a mãe negra boa (a serviçal fiel e obediente, mas tem consciência que não faz parte da família). A matriarca é a mãe negra má (agressiva e forte. Trabalha fora de casa por tempo excessivo, não direciona cuidados aos filhos e não cumpre com suas obrigações “femininas”). A mãe dependente do Estado tem acesso às políticas de bem-estar social (seria a mulher negra pobre da classe trabalhadora, mas que ainda é vista como acomodada devido aos benefícios que recebe do Governo). A rainha da assistência social é vista como a mulher muito dependente economicamente, pois não tem renda e nem emprego formal (seria um peso para o Estado).

Já a dama negra é a profissional negra da classe média (bem-sucedida, sem tempo para se relacionar com homens, tem pouca feminilidade e é muito instruída, embora seja sempre contestada). Quanto à *mammy* moderna (BUENO, 2020), é caracterizada como uma nova versão da dama negra, ou seja, é vista como explorável e submissa porque é excessivamente leal ao chefe/trabalho e coloca suas demandas pessoais em segundo plano. Collins coloca como sua última imagem a jezebel, prostituta ou *hoochie*, que teria apetite sexual excessivo, sendo cachorra e voraz (aspectos relacionados ao período escravista). Além disso, Bueno (2020) traz a imagem da *pretty baby*, que envolve a faixa etária (seria, portanto, crianças e adolescentes negras “sexualmente ativas”).

Esse percurso de resgate terminológico sobre a mulher negra nos permite introduzir que há, também, imagens de controle postas sobre o homem negro desde o período da escravização no Brasil. Quando nos apropriamos das ideias desenvolvidas pela pesquisadora bell hooks (2019, p. 148), no livro “Olhares negros: raça e representação”, compreendemos que os homens pretos foram (e, muitas vezes, ainda o são) postos como “fracassados, psicologicamente fodidos, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é informada por sua incapacidade de cumprir seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista” social e midiaticamente.

Portanto, percebemos que o homem negro diante da pessoa branca também desencadeia uma série de pensamentos conflitantes quando observamos pela ótica das possíveis relações que pretende estabelecer com esse Outro. É notório ressaltarmos que a pessoa preta, na contemporaneidade, ainda carrega traços fortes do medo da rejeição, sobretudo no campo da amorosidade e suas relações afetivas. Isso pode ser um possível reflexo do que Fanon (2008) colocou como abandonico negro. Às vezes, o abandono não ocorre necessariamente de maneira mais literal — como ser colocado em um orfanato —, pois pode ser também simbólico (que é o que o indivíduo preto vivencia dentro da sociedade).

Ao entramos no recorte de sexualidade desses homens (como serem homossexuais), esses impactos midiáticos são evidentes já que também precisam reproduzir certos comportamentos sociais estigmatizados. Portanto, quando analisamos essas imagens de controle sobre o viés da raça e da sexualidade, torna-se evidente que há prejuízos ainda mais sérios a este grupo, uma vez que historicamente foram construídos a partir de estereótipos e negação de suas particularidades e emoções, aspectos que condicionam diretamente para a sexualização de seus corpos em diversos espaços físicos ou virtuais.

Nos ambientes digitais, por exemplo, isso também é uma prática recorrente, seja na mídia tradicional ou em aplicativos de troca de mensagens instantâneas. Todo o percurso de

construção histórica sobre os negros colocou em evidência características mais sexuais do que outros elementos que os compõem. A autora bell hooks (2019) discorre, ainda, em reforço a essa ideia, que o surgimento de um falocentrismo selvagem relacionado ao negro mudou toda a concepção relacional desse indivíduo com a sociedade e a família de maneira negativa e preconceituosa, já que agora, para ser homem de “verdade”, precisava apenas ter um pênis. O autor Rodrigues (2020) ressalta os principais encargos inerentes à sexualização do corpo negro ao dizer que:

a objetificação do corpo masculino negro como viril, forte e insaciável parece sugerir que este corpo serve quase que exclusivamente aos desejos do próprio corpo, deixando de lado outros aspectos (valores, pensamentos e direitos) da essência humana, como inteligência, cultura, educação etc. (Rodrigues, 2020, p. 268)

O racismo está presente em todas as instâncias, incluindo nessas plataformas onde comumente a discriminação racial é relatada como objetificação e sexualização do corpo negro. É possível compreender esse processo como uma estratégia que concentra atenção unicamente ao aspecto íntimo do ser humano (negro) e ignora todas as suas emoções. É evidente que, por mais que as pessoas LGBTQIAPN+ sofram diariamente por conta de uma sociedade machista, racista e que prega a heterossexualidade como “ideal”, os negros são subjugados dentro desse sistema. Isso porque o racismo é estrutural e apresenta-se de formas variadas em toda a sociedade brasileira. Assim sendo, o recorte racial, de classe e orientação sexual deixa nítido como as relações (sexuais ou não) dentro da comunidade LGBTQIAPN+ — e sobretudo no ambiente digital — podem ser tóxicas para os indivíduos pretos.

Inclusive, nos ambientes digitais é exigido que os homens negros reproduzam aquilo que a sociedade coloca e ensina como o comportamento apropriado, ou seja, que atuem nas suas relações sociais com características, anseios e desejos diferentes dos homens brancos. Isso tudo para que sejam aceitos e estejam dentro dos recortes padronizados para seu fenótipo. Sem dúvida, essa construção de ideias funciona como mola propulsora para o reforço de discursos racistas.

Segundo o pesquisador Paz (2021), em entrevista *online* para o portal Queer, a sexualização, estereotipação e objetificação dos corpos negros em ambientes digitais são as formas como o racismo opera. Ele expressa acentuadamente que um corpo hipersexualizado não tem humanidade, uma vez que só pode servir para o sexo. O pesquisador ainda enfatiza suas elucidações sobre o processo de sexualização do indivíduo negro ao observar contundentemente que:

a sociedade brasileira é formada em um sistema educacional que não apresenta as questões culturais, afro-brasileiras, indígenas, um sistema que não trata os corpos das pessoas pretas e pardas e indígenas como corpos humanizados, que têm desejos, que sentem dor, enfim, como corpos humanos. E a comunidade LGBTQIA+ está inserida nisso, então, claro que o racismo também se expressa dentro dessa comunidade e com tessituras específicas. (Paz, 2021)

Aqui cabe pontuar que, historicamente, a construção das relações sociais amorosas é oriunda de entendimentos e concepções baseadas nas relações binárias. Imersos nessas compreensões, quando pessoas fogem da “norma padrão” estabelecida como a “ideal” acabam por submeter-se a constantes processos de subjugação e preconceitos. Quando um indivíduo faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, passa a ser alvo de agressões verbais, psicológicas e, muitas vezes, físicas. Se for uma pessoa negra e, especificamente, *gay* ou bissexual, enfrenta outros obstáculos criados apenas por idealizações racistas, uma vez que “... há ainda um caminho árduo para o homem negro se reconhecer e acolher a sua negritude em um mundo imperado por valores e condutas ditas superiores” (Rodrigues, 2020, p. 280).

Para elucidarmos ainda mais os impactos dos ambientes digitais quanto ao processo de sexualização desses indivíduos, que têm seus corpos fetichizados de inúmeras formas, citamos uma pesquisa de 2016 realizada pela Travel Gay Asia e pela Gay Star News, que apontou como os usuários *gays* dão preferência ao uso do Grindr quando vão procurar parceiros sexuais ou paqueras *online*. De 2 mil pessoas entrevistadas, 74% afirmaram usar o aplicativo. Depois dele, as outras quatro principais plataformas que se destacaram no estudo foram: Scruff (31%), Hornet (27%), Tinder (27%) e Jack’d (24%).

Trazemos esses dados para exemplificar que a hipersexualização do corpo *gay* e bissexual negro nos ambientes virtuais é uma realidade comum e que a mídia comunicativa (tradicional e digital) teve (e tem) forte influência em como essas pessoas são vistas e compreendidas socialmente a partir dos conteúdos que circulam nesses espaços midiáticos. É um ponto de alerta e fundamental para avançarmos no processo de desconstrução coordenada de preconceitos raciais. É nesse sentido que visamos pincelar entendimentos a respeito de como o jornalismo (tradicional e alternativo, a partir de suas ausências e presenças, respectivamente) aborda o assunto e, mais analítica e direcionalmente, como essa problemática social aparece nos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet (nossos observáveis centrais).

Pelo seu viés combativo, inclusive por conta de sua origem contra-hegemônica, partimos do pressuposto de que esses meios alternativos (nesta pesquisa usamos como breve

contexto os portais Alma Preta e Mundo Negro) assumiram a preocupação de construir narrativas sobre a população negra que visam evidenciar sua humanidade e singularidades. Citamos, ainda, a título de contextualização, as ausências da temática nos portais tradicionais Cidade Verde e Meio Norte (ambos de Teresina-PI). Dessa forma, reiteramos que esta dissertação direciona atenção e esforços para dar um contexto a esse tema a partir dos referidos portais, mas visa, principalmente, analisar como o fenômeno ocorre dentro dos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet — com o suporte de entrevistas realizadas previamente, além de uma imersão exploratória nessas duas plataformas.

2. AUSÊNCIAS E PRESENÇAS DO CORPO NEGRO: MÍDIAS TRADICIONAIS E ALTERNATIVAS

Pensar o campo da comunicação midiática pelo prisma das questões raciais é empreender a importante tarefa de tensionar as amarras racistas que estiveram por muito tempo fortemente presentes na imprensa brasileira e, vale dizer, nos dias atuais ainda se apresentam, seja pela manutenção de estereótipos de raça e social ou pelo silenciamento de pautas importantes para o movimento negro. Sem dúvida, são pautas que estão em evidência nas discussões da mídia alternativa, que vê a necessidade de buscar rotas alternativas que abarquem suas demandas de maneira imediata e humanizada, sem fomentar estigmas. Na mídia tradicional, o tema ainda é insuficientemente abordado.

Por isso, colocar em xeque as questões que envolvem a sexualidade do corpo negro é revisitar o passado escravista brasileiro e, nessa medida, utilizar essa visada do passado como esteira para acelerar os necessários processos de humanização desses corpos de homens e mulheres pretos na atualidade. No caso do corpo *gay* e bissexual preto, o mesmo é atravessado por estruturas preconceituosas que o relega a lugares de subalternidade. Por fugir da norma construída do homem negão viril, sofre machismo; por outro lado, por ser preto, é alvo de racismo. Há mecanismos sociais que realizam a manutenção constante dessa prática, por isso pensar a comunicação, dentro de suas presenças e ausências de conteúdos negros, é uma forma de lutar por um sistema mais igual.

Ao direcionar especificamente atenção ao campo do jornalismo a intenção é realizar uma análise de contexto reflexivo pertinente ao tema, quais são os recortes, lugares e aparições desse corpo negro na mídia para, então, analisarmos o fenômeno dentro dos aplicativos. E mais: é refletirmos a respeito de como essas ausências (ou pouquíssima presença) de narrativas mais positivas sobre essa população impactam no desenvolvimento social, interativo e amoroso desses indivíduos, que pouco se veem na imprensa e, por isso, há dificuldade de validação de sua própria forma de sociabilidade de maneira positiva.

Para tal intenção, reiteramos que o jornalismo alternativo ou de resistência é uma ferramenta que visa construir imagens midiáticas mais favoráveis à comunidade negra. Já nos espaços tradicionais, o tema ainda é pouco pautado. Nesta pesquisa, como já dito na introdução deste trabalho, recorreremos aos portais Mundo Negro e Alma Preta (alternativos) e Cidade Verde e Meio Norte (tradicionais) como um campo de reflexão e contextualização que nos guiará para o momento formal de análise do fenômeno da hipersexualização dentro dos

aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet, assim como por meio do acionamento de entrevistas com os atuais e ex-usuários dessas redes digitais.

Escolhemos o jornalismo tradicional e alternativo como um dos campos de contexto sócio-histórico desta dissertação por dois motivos centrais: o primeiro deles é atender e articular o que nos convida a fazer a Hermenêutica de Profundidade na sua primeira etapa, que é ver o fenômeno estudado na sua amplitude possível. Já o segundo diz respeito à compreensão de que é possível visualizarmos esse espaço crítico (o jornalismo) como um dos principais canais de construção de memória, reforço ou combate a estigmas sociais.

2.1 A construção da imagem do negro no jornalismo: enquadramentos, estigmas e ausências

Conforme já apontado neste texto, o racismo é um elemento que estrutura o Brasil desde os períodos coloniais de escravização. Naturalmente, em virtude de uma sociedade sustentada pelas marcas pungentes das práticas racistas, a maneira que o corpo negro é apresentado (e, em alguns casos, representado) nas mídias comunicativas é com base em estigmas e estereótipos que potencializam esses marcadores raciais, colocando a população negra como subalterna ou dentro de caixinhas que não condizem com suas realidades singulares.

O fim da escravidão culminou em centenas de ex-cativos libertos, mas sem expectativas de uma verdadeira emancipação. Nesse contexto, em vez de políticas públicas reparatórias, surgem movimentos como o eugenismo, que pregava a melhoria das características genéticas visando ao embranquecimento da população brasileira, afinal, na visão dos colonizadores e nativos dominantes, uma nação evoluída não poderia ter a presença de grupos “indesejáveis”. (Moura e Peruzzo, 2021, p.2)

É com isso mente que precisamos pensar, criticamente, quanto à forma de fazer o jornalismo (e, em plano maior, comunicação) que relega ao negro — a partir dos seus conteúdos, editoriais e enquadramentos direcionados às pautas — posições que reforçam no construto social comportamentos racistas que impactam, negativamente, as vivências e interações sociais racializadas. Isso porque, embora as pessoas tenham possibilidades de refletir diante daquilo que consomem nas mídias, é sabido que a comunicação tem papel forte na construção de pensamentos e hábitos a partir do que é divulgado nas suas rotinas produtivas. Dizemos isso porque “percebe-se que os meios de comunicação contribuem na formação de imaginários e podem criar narrativas que desmistifiquem estigmas criados em torno do negro, no entanto não é o que se vê” (Moura e Peruzzo, 2021, p.2).

Na mídia considerada tradicional, por exemplo, o corpo negro (do homem e da mulher, nos mais diversos marcadores sociais) estampa, em regra, as manchetes voltadas à violência, crime, uso de drogas e morte. Os conteúdos jornalísticos em que são mais mencionados enquanto personagens são os que comumente preenchem as editorias de polícia. Sem dúvida, isso resgata como o racismo ainda é estrutural e estruturante da nossa sociedade, inclusive (mas não somente), nas formas de fazer comunicação na contemporaneidade.

Precisamos visualizar esses comportamentos e recortes dados aos negros como resquícios do racismo que também se apresentam na mídia e cultura brasileira até os dias de hoje. Gonzalez (1984) discorre no texto “Racismo e Sexismo” sobre como essa relação social é problemática para as vivências da mulher negra, especificamente. Mas também podemos beber de sua fonte reflexiva para compreender como esse sistema afeta a população preta em amplitude, embora haja suas particularidades.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. (Gonzalez, 1984, p. 225-226)

Realizada essa explicação, retomamos a questão do negro diante da mídia comunicativa. Cabe mencionar, nesse sentido, que dar espaço marginalizado e estigmatizado em veículos jornalísticos para a população negra não é uma prática comunicativa recente, embora seja mais potencializada diante das formas céleres de se comunicar que estão presentes nas interações sociais atualmente, como dispositivos móveis e acesso à internet. Contudo, ao citarmos brevemente o passado, é possível resgatar que era comum ver negros amarrados/acorrentados estampando capas de jornais/revistas ou, ainda, a circulação de anúncios de venda de escravos negros para atuar no serviço braçal ou em afazeres domésticos.

Ainda de acordo com Moura e Peruzzo (2021, p. 5), na mídia hegemônica brasileira o pensamento colonial e a supremacia branca ficam evidenciados por alguns fatores. “Um deles relaciona-se ao controle dos meios de comunicação de maior audiência. Observa-se, por exemplo, que não há negros” entre os proprietários de grandes meios de comunicação. De acordo com as pesquisadoras, estão sob controle de famílias como a Marinho, “proprietária do Grupo Globo; Abravanel, do SBT; Macedo, da Record; Saad, da Bandeirantes; Frias, da Folha de São Paulo; e Sirotsky, do Grupo RBS”. Além disso, é fundamental mencionar que há pouca presença de pessoas negras em cargos de liderança, como editoria.

Quando pensamos na mídia brasileira, é notório que o sistema escravagista construiu e deixou marcas profundas na sociedade quanto à inserção do negro em inúmeros espaços, como o da comunicação. Para uma atuação combativa, é necessário que os veículos jornalísticos atuem de maneira crítica e pautados na construção de sociabilidades da pessoa preta por vieses que reflitam as suas vivências e histórias sem se pautarem, exclusivamente, na fonte oficial. Esta, por sua voz, pode legitimar e naturalizar o processo de marginalização dessa população quando o jornalismo dá muito espaço para a mesma e coloca as demais fontes em nota de rodapé, por exemplo. Concordamos com Moura e Peruzzo (2021), quando observam contundentemente que:

É inegável que os meios de comunicação são imprescindíveis para o desenvolvimento de uma democracia plena, no entanto, ao se colocarem a serviço de grupos dominantes, para a disseminação de ideologias e obtenção de lucro, eles deixam de cumprir esse importante papel. (Moura e Peruzzo, 2021, p.7)

Ao pesquisarmos, por exemplo, em portais considerados tradicionais por meio de palavras-chave, como “negro”, “preto” e “racismo”, os conteúdos encontrados nos veículos são voltados a temas que envolvem crimes e drogas em sua maioria. Fizemos essa busca prévia em dois veículos de jornalismo na web do estado do Piauí: Cidade Verde e Meio Norte. Os dois veículos foram levantados como possíveis observáveis (à época da construção do projeto de pesquisa desta dissertação), mas os poucos achados nos levaram a reconfigurar os caminhos de estudo. Isso porque há uma ausência de materiais sobre o centro desta pesquisa: os encargos sociais da hipersexualização do corpo preto.

Brevemente, apenas para situar o que falamos, ao entrar no portal Cidade Verde e utilizar as referidas palavras-chave, os conteúdos localizados, na sua maior parte, fazem referência ao universo negro dentro dos contextos de jogo de futebol (em associação ao Flamengo, devido à expressão rubro-negro). Além disso, quando pesquisamos por “racismo”, as matérias são sobre casos de crime e denúncias, como violências em escola, no ambiente de trabalho e, mais uma vez, dentro do esporte. Quanto ao portal Meio Norte, embora tenha suas particularidades narrativas, a situação não é tão diferente: há conteúdos voltados para o mundo do esporte, crime, uso de drogas e violência,

A nível nacional, os resultados também seguem o mesmo percurso. Ao digitar no Google “hipersexualização gay preto”, não é possível localizar conteúdos jornalísticos nos veículos considerados tradicionais que abordem a temática de maneira crítica. Ao buscar dentro de veículos de grande relevância, encontramos uma matéria no portal O Globo sobre a

temática. Reforçamos que essas buscas rápidas nos deram um panorama, ainda que superficial, de como o tema tem sido discutido dentro do fazer jornalístico. Na contramão, temos dentro de veículos consumidos socialmente como alternativos ou de resistência uma preocupação mais direcionada a respeito do assunto.

Os portais Alma Preta e Mundo Negro traçam narrativas comuns quanto à divulgação de pautas sobre a hipersexualização do corpo negro. Ambos criticam o problema da sexualização exacerbada desses indivíduos e, em diversos conteúdos postados em suas plataformas, dão espaços para que homens pretos homossexuais compartilhem suas vivências a partir de percepções críticas sobre a temática. Ao pesquisar no portal Mundo Negro por “*gay* negro” e “hipersexualização”, por exemplo, os achados abordam os problemas sobre a concepção de branquitude, reflexões sobre interações sexuais, sexualização exacerbada, a ideia do negão dotado e sem saciedade. No portal Alma Preta do Jornalismo, falam sobre os encargos negativos da sexualização, racismo, discriminação, violência, entre outros.

Assim, pensar a hipersexualização do corpo *gay* e bissexual negro no jornalismo nos leva a perceber que a pauta ainda é silenciada dentro de espaços midiáticos tradicionais. A ausência (ou pouquíssima abordagem) de narrativas jornalísticas que refletem criticamente sobre a construção e consumo do corpo preto a partir dos marcadores de virilidade e sexualidade exacerbadas também é vetor para a potencialização do racismo, fetiche e estereótipos desse grupo nos espaços digitais, a exemplo dos aplicativos de relacionamento (nossos principais olhares de estudo). Importante observar que esta já é uma temática constantemente abordada em roda de conversas, movimentos negros, estudos científicos e espaços outros que servem como terreno para desconstruções de práticas oriundas do período escravista brasileiro.

Isso é fundamental para não deixarmos de ponderar que falar sobre racismo é um movimento político que busca dirimir o efeito dessa prática na sociedade. Não pautar as questões sociais que envolvem o negro, por exemplo, é um caminho que faz a manutenção de estigmas racistas de forma silenciosa. O ponto abordado em páginas anteriores sobre o mito da democracia racial foi (e é) um dispositivo ainda muito utilizado para apagar (ou, por meio da percepção do autor desta dissertação, justificar) um crime que se ramifica no dia a dia. Quando (re)acionamos essas questões estruturais, citamos o pensador Hasenbalg (1982) que coloca elucidativamente a relação entre negro e escravidão, delineando um ponto importante: o marco temporal (o distanciamento da pessoa negra do período escravocrata) faz com que menos se olhe para a escravidão como um dos principais causadores da atual situação do preto na sociedade.

Dois fatores principais, ambos relacionados à estrutura desigual de oportunidades de mobilidade social depois da abolição, podem ser identificados como determinantes das desigualdades raciais contemporâneas no Brasil: a desigual distribuição geográfica de brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante. (Hasenbalg, 1982, p. 90)

Nesse sentido, a comunicação de resistência ou alternativa pode funcionar como uma impulsionadora no processo de pensar, construir e reposicionar o indivíduo preto dentro das fortes estruturas racistas que visam relegar ao mesmo uma posição de inferioridade e violências físicas e simbólicas. Por sua vez, a mídia tradicional ainda precisa avançar enfaticamente na abordagem dessas temáticas nos seus produtos comunicativos. Isso porque compreendemos que ter um amplo campo de comunicação que pense sobre as questões raciais envolvendo as sexualidades negras significa, também, transformar as sociabilidades destes indivíduos dentro das redes de relacionamento.

Não partimos do pressuposto da ingenuidade ao afirmarmos isso, mas sim utilizamos como ponto de apoio a percepção aguerrida de que a comunicação (a exemplo do jornalismo, embora não somente ele) influencia a forma de pensar, agir e relacionar dos indivíduos. Por isso, quando cruzamos o poder comunicativo às vivências em espaços digitais, queremos dizer que a comunicação tem grandes possibilidades de modificar os comportamentos racistas já tão enraizados, permitindo interações, inclusive, menos prejudiciais à negritude.

2.2 Movimento negro como um dos impulsionadores da comunicação de resistência e sociabilidades digitais

Empreender reflexões dentro desse campo exige entender que os portais de resistência usam as mesmas técnicas do jornalismo considerado tradicional, como apuração dos fatos, organização e divulgação dos mesmos junto aos públicos de interesse a partir de canais comunicativos diversos: portais, redes sociais digitais, televisão, rádio, podcast, entre outros espaços utilizados para potencializar as informações. O respeito pelas fontes ouvidas e ética profissional também são pilares que devem, principalmente, conduzir a rotina produtiva de ambos perfis jornalísticos. Além disso, são um importante campo catalisador de informações que chegam à sociedade todos os dias. Por isso, pensar a hipersexualização desses corpos negros nesse fazer jornalístico nos permite lançar percepções mais estratégicas e apuradas para esse fenômeno no instante de análises mais formais (nos aplicativos), já que concordamos com Thompson quando propõe a importância do contexto sócio-histórico para compreender fenômenos, “teoricamente”, reduzidos.

Após esse rápido reforço, explicamos que, embora os portais de resistência sejam colocados como veículos nichados, esses canais de comunicação alternativa (nesta dissertação nos referimos aos antirracistas) também abordam temáticas gerais que acometem os âmbitos sociais, econômicos, entre outros do país, já que as práticas racistas permeiam as estruturas da sociedade e acionam um olhar crítico dos portais. Cabe mencionar, ainda, que se formos seguir a lógica da segmentação, os veículos considerados tradicionais também podem ser vistos como nichados, pois eles visam atender as demandas do branco e da elite. O que diferencia esses veículos/formatos é que os de prática contra o racismo, por exemplo, buscam alcançar estratos sociais que são deixados de lado pela grande mídia ou, em muitos casos, comunicados a partir das lógicas estigmatizadas.

Ao fazermos uma retrospectiva histórica — para nos ajudar nessa reflexão —, é interessante pontuar que no dia 14 de setembro de 2023 comemorou-se 190 anos do primeiro jornal da imprensa negra no Brasil. Os registros históricos mostram que o primeiro veículo formal de jornalismo negro foi criado nessa referida data, em 1833. O periódico, que tinha como nome “O Homem de Cor”, teve apenas cinco edições e era produzido na tipografia de Francisco de Paula Brito, figura simbólica na luta pela abolição. A fagulha deixada pelo “O Homem de Cor” foi suficiente para impulsionar outras estratégias de atuação pelos negros, que começaram a desenvolver veículos negros nos séculos seguintes para denunciar os crimes que acometiam seu povo e, na mesma medida, acompanhar os avanços sociais para alcançar a tão sonhada inserção social. Aqui, cabe ressaltar que diversos meios de comunicação negra foram censurados durante a ditadura militar, mas, ainda assim, mantiveram sua importância.

Embora tivessem pouco espaço e apoio financeiro, foram impulsionados por organizações do movimento preto, recursos de ativistas e militantes e estão anos à frente da mídia tradicional em diversas abordagens. O debate sobre racismo estrutural, que até hoje ainda aparece timidamente nos grandes veículos, é pauta há mais de 100 anos para a comunicação preta. (Lacerda, 2021)

O surgimento dos veículos de comunicação (sobretudo relacionado ao movimento negro) ao longo da história tem forte relação com questões sociais urgentes para aquele período (e que ainda se apresentam como recorrentes na atualidade). Essa necessidade de denunciar injustiças e problemáticas sociais que colocavam grupos em posições de inferioridade é comprovada, inclusive, antes do surgimento da imprensa. No período anterior à implantação do jornalismo (dentro da lógica de produção de notícias a partir de critérios próprios) há conhecimento de peças e cartazes que denunciavam a escravização. Isso nos mostra, inclusive, que a comunicação contra a ordem vigente sempre esteve em andamento,

ainda que em menor escala e sem grande coordenação estratégica por partes dos povos considerados como subalternizados (os negros, por exemplo).

Termos compreensão destes fatos é algo fundamental, especialmente quando resgatamos que resistir sempre foi uma estratégia de sobrevivência dos costumes, culturas e vidas negras. Quando pensamos na importância dessas mídias negras, Silva (2023) é categórica ao afirmar que são veículos que abordam temáticas diversas: coberturas de festividades afro religiosas, feminismo negro, luta abolicionista, combate à violência policial, defesa da saúde pública, debates sobre padrões de beleza, entre outros. Ela endossa que estes são assuntos “abordados por jornais e revistas editados por pessoas negras desde o século 19, que reforçam seu protagonismo na luta antirracista em diversos momentos políticos do Brasil”.

Segundo Cardoso (2023), em texto online, direcionar atenção a como os conteúdos noticiosos são produzidos é imprescindível, principalmente quanto à abordagem que é dada à construção de matérias para pessoas pretas e brancas. Nessa linha de pensamento, concordamos quando compreendemos que as comunicações de resistência contribuíram para que a população negra percebesse a importância de apoderar-se de narrativas que retratem, sem estigmas e preconceitos comunicativos, suas histórias, vivências e possibilidades de apresentação diante de si e do outro a partir da apresentação e representação dessa população.

Durante o século 19, uma parte da população negra entendeu que a imprensa poderia ser uma ferramenta de luta contra a discriminação racial. Foram criados canais específicos para comunicar lutas e demandas da época. Comunicadores negros têm reivindicado cada vez mais um lugar de protagonismo e reforçado a necessidade de abordar os problemas sociais do país a partir das estruturas raciais que os sustentam. A imprensa tradicional é criticada por não responder satisfatoriamente a essas demandas. Do ponto de vista do conteúdo, pessoas brancas e negras são tratadas de formas diferentes nas matérias. Quando se analisam os sujeitos que produzem as informações, profissionais negros ainda são minoria nas redações. E, quando estão lá, raramente ocupam postos de decisão. (Cardoso, 2023)

A Imprensa Negra no Brasil sempre destinou esforços para apoiar a luta antirracista. Desde o estabelecimento de estratégias comunicativas para impulsionar a necessidade de políticas pós-abolicionistas eficientes à inclusão humanizada do negro na sociedade, os meios de comunicação criados e mantidos por pessoas pretas têm longo histórico na luta por igualdade e equidade social em um país que, reiteradamente, prega o mito da democracia racial. Dessa forma, “não é exagero dizer que a imprensa brasileira deve boa parte de sua evolução ao movimento negro”, (Lacerda, 2021).

Na outra ponta, relembramos que a prática de jornalismo tradicional no Brasil tem início com a chegada da coroa portuguesa ao país em 1808. De maneira sutil, conteúdos abordavam sobre racismo, mas com pouco fortalecimento ou destinação de espaço devido para avançar nas discussões sobre raça e classe social. A pensadora Lacerda (2021) salienta que mesmo tendo sido imprescindível para o jornalismo esse movimento da população quanto à implantação de uma imprensa negra, as pessoas pretas continuaram sendo marginalizadas. Isso ainda é traduzido na abordagem “tímida do racismo e na presença pequena de pessoas negras nas redações e agências” (Lacerda, 2021).

Com base nisso, recorremos ao Manual de Redação: o jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta (produzido pelo portal Alma Preta do Jornalismo em 2023) e, também, às informações da Agência Mural (2023) para apresentar os principais veículos de imprensa negra. O primeiro é O Mulato ou O Homem de Cor, criado em 1833 (conforme dito anteriormente). Ele é considerado o primeiro jornal da imprensa negra brasileira, com circulação no Rio de Janeiro entre os meses de setembro e novembro de 1833. Os conteúdos anônimos denunciavam arbitrariedades contra pessoas negras livres na época. O segundo é O Homem (de 1876), que circulava em Recife. O objetivo, anonimamente, era divulgar as oportunidades de emprego e educação para cidadãos negros. Sem contar que também dedicava esforços para compartilhar biografias de homens negros e poesias, por exemplo. Apenas a 11ª edição foi assinada por Ernesto Castro.

Já o terceiro é O Exemplo, criado em 1882. Sem dúvida, é considerado um dos periódicos mais longos (em termos de tempo de circulação) da Imprensa Negra. Foram mais de mil edições, sendo publicado em Porto Alegre entre 1882 e 1930, com algumas pausas. Importante mencionar que visava fomentar a cultura negra e, além disso, direcionou atenção à valorização das mulheres negras e defendeu a necessidade de elas receberem instrução formal. O quarto é o Getulino, de 1923. O jornal recebeu esse nome em referência ao livro de Luiz Gama, advogado abolicionista. Nesse sentido, o jornal trazia biografias de pessoas negras brasileiras, sobretudo abolicionistas. Foi publicado em Campinas (SP) até 1926 ebb tinha como missão reivindicar direitos no cenário pós-abolição.

Sequencialmente, outros jornais surgiram ao longo dos anos. Em 1948, o Quilombo, que foi publicado no Rio de Janeiro até 1950. Em 1977, nasceu o SINBA também no Rio de Janeiro. O Angola surgiu em 1981 com publicações também em 1986 e 1989 em Recife (estava vinculado ao Centro de Cultura Afro-Brasileira). Em 1981 nasceu o Nêgo - Jornal MNU, que circulou entre julho de 1981 e 1993, em Salvador. No ano de 1993 surgiu o Omnira, criado pelo Grupo de Trabalho Omnira, do Movimento Negro Unificado de

Pernambuco, e era editado exclusivamente por mulheres. Encerramos esse rápido resgate histórico, como apoio do conteúdo disponibilizado na Agência Mural, citando a Revista Raça, que surgiu em 1996. Em 2023, a mesma completou 27 anos de circulação.

Nos dias atuais, a imprensa negra atua de maneira ainda mais articulada e com pautas diversas relacionadas à população negra, como debates sobre preconceito, discriminação, estereótipos e sexualização desses indivíduos (homens e mulheres) que ocorrem, por exemplo, em espaços digitais. Essa modalidade de comunicação contra-hegemônica surgiu como um movimento de busca por mais espaços na mídia, a partir de narrativas que sejam condizentes com a realidade e que não coloquem os negros em posições de fetiches, sexualização ou, ainda, violências e crimes.

Esses espaços de comunicação alternativos, para além de registros formais de conteúdos sobre o povo preto, funcionam como locais de representação para essa comunidade que, por muito tempo, não teve acesso horizontal à mídia. O caminho ainda é árduo para o estabelecimento efetivo de uma comunicação verdadeiramente plural e respeitosa, mas os avanços nesse sentido são muitos e importantes para o movimento negro. Hoje, inúmeros portais de notícias alternativos são mantidos diariamente com o propósito de tornar possível a disseminação de informações sobre os pretos, assim como combater práticas racistas ainda corriqueiras na imprensa.

Além dos portais Alma Preta e Mundo Negro (já mencionados nesta dissertação), podemos citar, a título de conhecimento e exemplificação de como esse movimento contra hegemônico tem se fortalecido, outros: o BAOBÁ Fundo Para Equidade Racial; Correio Nagô; Fundação Cultural Palmares; Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa; Revista Afro e Negrê, apenas para mencionar alguns. Isso nos mostra que existe uma crescente quanto ao aparecimento de veículos alternativos (portais, jornais, sites e blogs) que têm como protagonismo o negro e outras minorias (que são majorias) sociais. Para Thaís Bernardes (2023), diretora e fundadora do Notícia Preta, em entrevista ao portal Agência Brasil, esses espaços alternativos atuam para criar narrativas mais plurais ao narrar acontecimentos.

Quando há uma operação dentro de uma favela, a mídia tradicional sempre vai começar com “segundo a polícia, essa operação foi feita para combater tal coisa”. Ela vai partir sempre do lado institucional. Nós partimos do lado do morador. De quem é atingido por aquilo. Podemos falar das consequências da operação policial: das crianças que ficaram sem aula e dos postos de saúde fechados. Fazer um jornalismo antirracista é entender para quem estamos falando, é fazer uma comunicação não violenta. Isso é que define o lead, a parte principal da notícia. (Bernardes, 2023)

Ter atenção a essa realidade social é importante, principalmente quando também nos concentramos em perceber de que forma se dá a inserção de jornalistas negros e negras no mercado de trabalho, os cargos que ocupam nas empresas jornalísticas e as possibilidades reais de progressão de carreira que possuem. Para ficar mais explicitado, recorreremos a uma pesquisa⁴ recente feita pelo Portal dos Jornalistas, Instituto Corda e I'MAX (Jornalistas&Cia). Os dados nos levam a compreender que 98% dos jornalistas que se declararam pretos, pretas, pardos e pardas relataram dificuldade para crescer dentro da profissão. Além disso, apenas 10% assumiram cargos de chefia ou coordenação, ou seja, a maior parte dessas posições de liderança são ocupadas por pessoas brancas (cerca de 60%). Numa situação inversa, a pesquisa aponta que cerca de 60% dos produtores, repórteres (e demais cargos que necessitam estar na linha de frente) são ocupados por funcionários pretos e pretas. Isso mostra como a área da comunicação ainda é condicionada por aspectos segregacionistas quanto às possibilidades de ascensão na profissão.

Não podemos ser céticos e negar que há muitos avanços sociais quanto à inserção do negro na sociedade (e essas conquistas devem ser celebradas), mas é notório que ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos. Mais do que impulsionar a criação de veículos de comunicação alternativos (que são importantes e muito necessários), é preciso executar um movimento de aproximação efetiva dos negros com suas áreas de atuação. Sem dúvida, a tomada de consciência de si, com relação à existência negra, e de suas demandas sociais, assim como o maior acesso às tecnologias e internet, são facilitadores de um cenário em que há mais conteúdos combativo a práticas racistas.

2.3 A Comunicação e o combate à sexualização do corpo negro em redes de relacionamento

Frente a essas reflexões nas linhas acima, direcionamos olhar ao fato de que dentro ou fora do país o problema da hipersexualização dos corpos negros atravessa esses indivíduos, o que evidencia que esse fenômeno ainda está introjetado no pensamento e ações sociais. Precisamos, sem dúvida, de muitos avanços e estratégias para que este contexto seja subvertido e imploda para que um cenário favorável surja. Nesse sentido, fazermos um movimento de insurgência contra esse sistema racista é fundamental, embora seja ainda difícil encontrarmos rotas alternativas que minimizem os impactos dessas ações na vida da população preta.

⁴Leia a pesquisa completa em <http://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>

Para além das questões meramente sexuais e amorosas românticas, a hipersexualização é um mecanismo que interfere na autoestima, segurança e formas de vivenciar inúmeras experiências e relações com a outra pessoa (que pode ou não ser branca). Além disso, devemos ter em mente uma percepção gráfica importante quanto à sexualização do corpo negro. Isso porque, muitas vezes, impregnado pelas amarradas racistas, a pessoa preta absorve como natural ser um preto fálico, severo, viril e sem saciedade. Sem dúvida, essa percepção e comportamento é resultado do racismo estrutural que já pontuamos em páginas anteriores. Para o negro, viver em sociedade é, frequentemente, submeter-se (consciente ou não) às normas vigentes.

Essa naturalização é marca forte do comportamento e impactos do racismo que opera, inclusive, nos ambientes virtuais. Quando pouco se fala nas mídias tradicionais sobre esse problema social, contribui-se para o impulsionamento dessas violências verbais, digitais e corporais direcionadas ao corpo preto nos aplicativos de relacionamentos, por exemplo. Há, assim, um silenciamento desse tema na mídia, embora percebamos os avanços das discussões dentro das rodas de conversas, trabalhos acadêmicos e espaços virtuais. Contudo, o processo contínuo de transposição dessas práticas para o campo virtual abre margem para a sensação de desresponsabilização dos atos racistas devido à facilidade de exclusão. Nas redes digitais de relacionamento, esses corpos são vistos pelo aspecto do pênis e precisam atender às expectativas. Porém, reforçamos que é “preciso atrofiar o preto-fálico para fazermos emergir o preto-afeto”, (Omoloji, 2019).

Quando o jornalismo de resistência traz para si a importância de abrir espaços para que vozes negras sejam ouvidas (e ampliadas) efetivamente quanto aos impactos da hipersexualização de seus corpos nas suas tentativas de relações, trocas e vivências, é um passo fundamental para modificar o contexto racista brasileiro que se faz estruturante a partir de uma naturalização (talvez, bastante sutil) dessas práticas. Nos aplicativos de relacionamento (nossos observáveis centrais), por exemplo, essa dicotomia (aversão versus fetiche) é algo recorrente e precisa ser vista com a devida atenção pelo movimento negro e sociedade.

Dessa forma, para auxiliar-nos nesta proposta, no capítulo a seguir nos dedicamos em apresentar a problemática estudada a partir de uma abordagem sobre o fenômeno dentro de aplicativos de relacionamento (nosso campo empírico e, também, formal de análise). Essa observação é importante para ajudar na compreensão, categoricamente, de como este já é um fenômeno dado socialmente e, portanto, nossa intenção não é comprová-lo, mas analisar seus

desdobramentos nos espaços digitais Grindr e Hornet com o suporte (re)interpretativo de entrevistas realizadas anteriormente.

3. SOCIABILIDADES E AFETIVIDADES NEGRAS EM AMBIENTES DIGITAIS

Traçar uma tentativa de compreender as sociabilidades e afetividades desse corpo negro através de processos comunicacionais é fundamental, uma vez que estes indivíduos estão inseridos no mundo e interagem uns com os outros (acionando questões particulares de suas vivências pretas) e com demais grupos sociais, marcados por outras questões de raça e sexualidade, por exemplo. Cabe reforçar que nos propomos, enquanto estudo científico, analisar como a hipersexualização atravessa esses corpos que, apoiados na doxa cotidiana, refletem sobre si e suas relações com o mundo. A intenção, portanto, é ir além em um processo analítico crítico do fenômeno.

Nesse sentido, estes indivíduos negros refletem sobre suas vivências a partir das relações e interações que são estabelecidas no mundo físico, que tem como marcador central a comunicação face a face. Como mencionamos nos capítulos anteriores, as marcas do racismo ainda reverberam na atualidade e, muitas vezes, esses encontros presenciais também podem ser espaços de reprodução dessas práticas enquanto o corpo negro procura estabelecer formas de sociabilidades e afetos com outros homens. Quando pensamos na imersão mais acentuada nos ambientes digitais, é notório que essas formas de socialização ganharam novos formatos e impulsionadores.

É importante ressaltar que o ambiente digital é fundamental para essa análise, uma vez que o efêmero marca as formas de comunicação, sociabilidades e possibilidades de afetos, potencializando comportamentos de distanciamento e desrespeito aos indivíduos nas redes. A concepção de descarte e inutilidade para com o outro é uma prática comum dos ambientes digitais devido ao pensamento recorrente de que estar diante de uma tela exige a responsabilidade de respeito para com o outro. Na pretensa concepção de uma “terra” sem lei, discursos de ódio e práticas racistas tendem a ser potencializadas no mundo virtual. Por isso, é de grande importância para esta dissertação realizar reflexões dentro desse campo, que são os aplicativos de relacionamentos, uma vez que estão diretamente vinculados às vivências da hipersexualização dos corpos *gays* e bissexuais negros.

3.1 Aplicativos de relacionamento como apresentação do problema estudado

Antes de prosseguir com o proposto neste capítulo — evidenciar como a hipersexualização de corpos negros em ambientes digitais já é um fenômeno concebido socialmente — é pertinente explicar que as motivações iniciais, lá em 2018, para a construção de pesquisas acadêmicas sobre a sexualização exacerbada de corpos pretos surgiu a partir de

inquietações pessoais do autor dentro de aplicativos de relacionamento, ou seja, em ambientes virtuais. Nesses espaços, os estereótipos em relação aos negros, especialmente aos *gays* e bissexuais, são perpetuados continuamente. Um exemplo que podemos citar é o Grindr — um dos primeiros objetos de estudo do autor —, que se caracteriza como um espaço em que homens pretos são colocados de formas estereotipadas e, por conseguinte, exigem-se que tenham determinadas características comportamentais e físicas, como possuir o pênis avantajado e serem ativos na hora do sexo. Ideias como essas propagam esses estigmas nocivos que são reflexo de todo o racismo estrutural e social que o país passou (e passa).

É nesse ponto que recorreremos aos aplicativos para situar mais praticamente como essa problemática social se apresenta de forma corriqueira. Nesses espaços, como já comprovado em pesquisas anteriores⁵, o corpo do *gay* e bissexual negro é atravessado por um constante processo de hipersexualização de suas vontades, desejos e necessidades, respaldados, sobretudo, nos estigmas sociais construídos ao longo dos anos. Portanto, nossa intenção na dissertação é analisar como esses corpos negros, diante do fenômeno da hipersexualização, aparecem nos aplicativos de relacionamento, mais especificamente no Grindr e Hornet.

Realizada essa explicação válida para a proposta reflexiva das próximas páginas, salientamos que dentro desses espaços digitais (os aplicativos, neste caso) existe uma cobrança exacerbada sobre a atuação do negro, pautada em estereótipos e expectativas que propagam ideias racistas. Por influência disso, alguns *gays* e bissexuais negros acabam por adotar comportamentos para se encaixar dentro desses recortes sociais colocados como ideais para eles, a exemplo: ser viril, musculoso, ativo da relação sexual, entre outros. Isso também pode ser compreendido a partir do que hooks (2019) nos convida a refletir: para agir de acordo com o status *quo* vigente (de certa maneira, assumindo um pouco de “cumplicidade”), muitas pessoas negras absorveram passivamente representações estreitas da masculinidade negra e, assim, “perpetuaram estereótipos, mitos e apresentaram relatos unidimensionais. Homens negros contemporâneos foram moldados por essas representações” (hooks, 2019, p. 149). Intenta-se, portanto, impor a ideia do “seja homem”, exigindo que atendam a um padrão patriarcal que não pode ser colocado como único e ideal.

Mas muitos homens pretos (*gays* e bissexuais, inclusive), diante dessas exigências sociais e série de expectativas sobre seus corpos e comportamentos, assumem uma personalidade não completamente verdadeira, se submetendo a encontros casuais apenas para se sentir “desejado” e, dessa forma, caminham em direção a um processo longo de

⁵ Nos referimos, em específico, a pesquisas realizadas pelo autor desta dissertação durante sua graduação.

distanciamento de si e negação da completude dos seus desejos e formas de demonstrar afetos. É uma busca por se apresentar dentro daquilo que a sociedade espera, mas que não condiz exatamente com quem são.

A objetificação da figura do homem negro, viril, másculo, incansável sexualmente e sempre pronto e disposto a satisfazer desejos sexuais, tanto os seus quanto os de outras pessoas, reforçam a necessidade de desmistificar tal figura, desfazer tal mito e imaginário estereotipado e racista que persegue, como uma sombra, a sua dignidade enquanto ser. (Rodrigues, 2020, p. 280)

Dessa forma, reiteramos que existe um mundo colocado como padrão ideal e honesto, que é, sumariamente, construído e dominado pelo branco. Tudo que foge a esse sistema causa espanto e não é aceito. Portanto, ser negro em um mundo branco, mesmo que esse preto atenda aos critérios que foram colocados como “civilizados”, não modifica o fato de que ainda permanece sendo uma pessoa negra. O que se espera, inclusive, de um indivíduo preto, é que ele se comporte de maneiras mais ajustadas ao imaginário social adequado: “uma conduta de negro”. Ainda assim, esse indivíduo continuará a ser rechaçado e não pertencente ao imaginário social estabelecido pela branquitude. Quem melhor elucida esse ponto de reflexão é Fanon (2008, p. 107) ao dizer que: “eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse”.

Assim sendo, o sentimento do preto para com o branco não é exclusivamente de inferioridade, já que tem muito a ver com a percepção de inexistência (Fanon, 2008) que foi orquestrada de maneira racista e sistematizada pelo branco. Isso porque o indivíduo negro, nas sociedades colonizadas em que foi obrigado a estar presente, silenciou gradativamente suas culturas, valores, sentimentos, comportamentos e percepções intelectuais. Embora tenham lutado por um processo de retomada de si mesmo ao enfrentar o sistema racista colonizador, o *status quo* que colocava a pessoa branca no topo da pirâmide social impedia que o preto tivesse consciência exata dos seus valores e, nessa medida, da importância e direito de sua existência enquanto ser social. Obviamente, isso é resultado de anos de processos de escravização dos antepassados negros, conforme Fanon (2008) aponta em sua obra utilizando, sobretudo, as experiências e realidades da França e dos povos Antilhanos para fundamentar suas reflexões sobre o perfil e comportamento da população negra.

Nos dias atuais, dentro do universo digital, os rastros do racismo também estão presentes e, inclusive, é importante ponderar que os avanços tecnológicos também influenciaram em inúmeras características e sociabilidades das pessoas à medida que interagem umas com as outras. Isso fica evidente quando observamos que esses

desenvolvimentos interferem, diretamente, em como as pessoas “se identificam, se conhecem e se relacionam na contemporaneidade”, já que têm “adquirido novos contornos e recursos”, (Francisco, 2019, p. 39).

Diante desse caminho interpretativo, compreendemos que a considerada “vida virtual” é uma realidade decorrente de novos processos comunicacionais que, por sua vez, impactam nas formas de construir sociabilidades e afetividades. Importante observar que os aplicativos de relacionamento funcionam com a pretensão de estabelecer relações que proporcionem interações. Inclusive, se aciona nesses espaços aspectos estigmatizados do que é ser homem *gay*, principalmente como ser a bicha preta, por exemplo. Ao recorrermos ao pesquisador Saraiva (2023, p. 246), quanto aos impactos da construção da vida virtual, ele nos coloca que a virtualidade implica “superficialidade e descartabilidade das relações, levando a uma sociabilidade efêmera na qual a estereotipagem é empregada ostensivamente para acelerar a dinâmica ao atribuir preconceitos aos demais usuários”.

Quando nos referimos a pessoas pretas, especialmente aos homens *gays* e bissexuais, essas relações são atravessadas por preconceitos raciais, de gênero e, muitas vezes, de classe. Embora este último recorte social não seja nosso ponto de análise mais direto, negá-lo é ignorar esse marcador como ponto chave nas reflexões sobre interseccionalidades do corpo negro. Ademais, nesses aplicativos é notório, inclusive, que as práticas racistas se transformaram e ocorrem de outras maneiras. Deixam de ser sustentadas exclusivamente pelas violências físicas, por exemplo, e apresentam-se por meio da manutenção de estereótipos sobre a atuação do negro. Cabe mencionar, ainda, que há alguns corpos e afetos colocados como consumíveis dentro destes aplicativos e outros que não o são.

Para além de ser negro, o corpo magro ou gordo excessivamente, deficiente ou com outras características que fogem dos padrões eurocêntricos, presentes nesses aplicativos, também são corpora rechaçadas e que sofrem com o impacto dos preconceitos impostos pela classe dominante nesse jogo de poder. Essa é uma percepção construída pelo autor desta dissertação ao imergir nos observáveis: o racismo se tornou mais sutil, mas ainda acontece de maneira direta durante o bate-papo com outros homens.

Para reforçar o que tem sido dito ao longo dessa dissertação, reiteramos que o preconceito de raça se mantém presente nesses espaços e é uma prática antiga. Quem corrobora com este pensamento é o pesquisador Francisco (2019), que observou o mesmo fenômeno durante entrevistas com usuários e análise de perfis na rede social Grindr no referido ano de sua pesquisa.

Em diversos casos, os perfis observados – por mim, por amigos, pelos entrevistados – apresentam muito claramente a interdição do negro, através da utilização de frases como “não curto negros” e suas derivações. É interessante notar que todos os entrevistados apontaram a existência de diversos perfis propagando o discurso “não curto negros”. (Francisco, 2019, p. 45)

Outro ponto que vale reforço é o fato de que essas redes digitais voltadas para relacionamentos entre homens estabelecem culto à ideia de que esses indivíduos tenham uma masculinidade hegemônica, dentro de um padrão colocado como ideal para o homem preto. Em outras palavras, há uma percepção desenfreada de que o corpo negro precisa estar dentro da lógica da exacerbação da sexualidade divina. Quando esse ser se opõe a isso — ou seja: pauta suas relações no âmbito das diversidades dos afetos, corpos, desejos e expressões de sentimentos de maneira mais orgânica uns com os outros — é rechaçado ou aceito dentro de recortes específicos, como performar uma “feminilidade” que adeque o belo e atraente à ideia de passividade. Isso porque o aspecto da raça cria no imaginário social o reforço das relações negras sustentadas, sobretudo, no campo do sexo, pênis e não saciedade.

Além disso, fica nítido que embora esses aplicativos utilizem a geolocalização para encurtar distâncias — conectando pessoas que já estão próximas umas das outras — com a intenção organizada de facilitar interações, é também leniente apontar que os estigmas sociais, preconceitos (os mais diversos) constroem muros quase impenetráveis quando se observa os marcadores sociais que inúmeros grupos sociais fazem parte. Com isso, pretendemos deixar explicitado que o racismo, machismo e a estereotipagem, principalmente relacionadas aos homossexuais e bissexuais pretos (e, em outro recorte, afeminados), são mecanismos de controle social que relegam aos negros locais de subalternização afetiva, uma vez que seus sentimentos são postos de lado em detrimento da construção de virilidade infinitamente fálica que não é verdadeira para todos os membros desse grupo.

Mesmo que internet seja vista como um instrumento para transpor as barreiras da distância, podemos observar que o uso dos aplicativos de redes geossociais para encontros homoafetivos mantém firmes outras barreiras. Os aplicativos podem facilitar o contato entre as pessoas, mas as próprias pessoas se encarregam de reforçar preconceitos e endossar, no caso, a marginalização do homem negro, especialmente o afeminado. (Francisco, 2019, p. 51)

Diante de todas essas reflexões necessárias é que nesse primeiro momento nos preocupamos em fundamentar teoricamente essas ideias — dispostas nas páginas anteriores e que seguirão nas seguintes — que muito nos auxiliam a continuar a escrita desta dissertação, principalmente quanto a este terceiro capítulo no qual concentramo-nos em explicar mais sobre as sociabilidades e afetividades dos corpos *gays* e bissexuais negros em aplicativos de

relacionamento. Contudo, sem esquecer de relacionar estas reflexões às ideias de gênero, raça e hipersexualização (que são elos possíveis para se pensar a interseccionalidade). Acionamos esses conceitos, sobretudo, porque este trabalho constrói ideias diretamente vinculadas a essas perspectivas de observação teórico-metodológicas.

3.2. Sociabilidades e afetividades em aplicativos de relacionamento

Para iniciar este outro tópico, reforçamos a compreensão de que a internet, enquanto meio de comunicação, alcançou papel fundamental na sociedade pós-moderna. Na era digital, o acesso à informação ganhou nova roupagem, identificada, sobretudo, pelo instantâneo, maior interação e participação nesses ambientes virtuais. Nesses espaços, as formas de se relacionar, amorosa ou sexualmente, é influenciada por esses arranjos digitais que potencializam os contatos que os indivíduos estabelecem entre si. Ao analisar esse contexto pela ótica dos aplicativos, é fundamental mencionar que os mesmos têm se popularizado nos últimos anos, principalmente entre pessoas que buscam encontros mais práticos.

Existe uma infinidade de aplicativos de relacionamento que se adequam às características e desejo de cada pessoa. Podemos citar alguns destinados ao uso em smartphones: Tinder (rede social bastante utilizada, especialmente por casais heteros), Amor em Cristo (direcionado ao público religioso), Badoo, Scruff, Hornet e Grindr (estes dois últimos sendo nossos observáveis e mais destinados ao público *gay* e bissexual). Além destes, existem muitos outros que permitem o estabelecimento de sociabilidades e afetividades diversas, sejam nos aspectos que envolvem corpos, sentimentos ou outros elementos intrínsecos a estes campos. Vale dizer, ainda, que o Grindr foi um dos precursores quanto ao surgimento de uma rede social específica para *gays* e bissexuais, abrindo, assim, caminhos para muitas outras redes destinadas à comunidade LGBTQIAPN+.

A variedade dos aplicativos é inquestionável. Cada um deles é desenvolvido para atingir um grupo específico com um objetivo específico. Os sites de relacionamentos foram criados com essa característica. Facilidade de encontros, que aqui podemos chamar de primeira interação, e ao mesmo tempo, facilidade de desconexão, haja vista que a não compatibilidade de interação entre os participantes, pode ser resolvida com apenas um *desmatch* entre ambos. (Sobrinho, Linhares e Teixeira, 2019, p. 4)

Inegavelmente, a finalidade desses aplicativos de relacionamento é estabelecer contatos e encontros entre pessoas que buscam formas distintas de interações sociais (em espaços virtuais e, algumas vezes, fora das telas). Nesse sentido, essas relações de sociabilidades são possíveis a partir de uma série de elementos que contribuem para indicar

como esses diálogos/impressões podem ocorrer como, por exemplo, a partir das informações dispostas em seus perfis de usuários, fotos, etnia, preferências sexuais, a proximidade geográfica, entre outros. Quando a pessoa opta por instalar um desses aplicativos, automaticamente compartilha uma série de informações pessoais, junto à plataforma, que servem como balizador para indicar pessoas mais compatíveis dentro da lógica algorítmica que opera nesses espaços.

Dessa forma, como esses aplicativos utilizam a geolocalização, é assim que conseguem construir uma base de dados estruturada que permite que os usuários tenham experiências mais ágeis e satisfatórias — quanto à praticidade do contato — quando buscam se relacionar com outras pessoas no âmbito pessoal, amoroso ou sexual. Além disso, por meio desse controle de informações, as pessoas conseguem selecionar “os perfis interessantes com base em critérios diversos, tais como faixa etária, sexo, localização, interesses comuns, entre outros”, (Francisco, 2019, p. 40).

De maneira simples, podemos refletir que o elo comum entre todos esses aplicativos de relacionamento, que são permeados por tecnologias e praticidade, é exatamente permitir que pessoas se conectem com conforto e sem precisar sair de casa. Aqui cabe mencionar que, muitas vezes, os homens mantêm sigilo dentro dessas redes digitais afetivas por ainda não serem “assumidos” para suas famílias/amigos e, também, por medo da violência, já que os crimes contra pessoas da comunidade são recorrentes no país. Dito isso, retomamos ao ponto da conectividade propiciada por essas plataformas, compreendendo que é possível visualizá-las como cupidos virtuais que “trazem um leque de opções de acordo com a preferência de cada usuário. Cada pessoa tem um perfil, com dados do que aparentemente ela é, gosta e quer”, (Brito, 2018).

Quando uma pessoa assume sua negritude dentro desses espaços é possível perceber alguns encargos inerentes a essa autoaceitação de sua identidade. Embora sejam espaços virtuais, eles não se dissociam completamente dos problemas sociais que acontecem no mundo físico. As fronteiras entre o digital e o material, nesse aspecto em específico, inexistem, já que esses espaços de relacionamentos virtuais (e dizemos mais: espaços digitais de modo geral) são gerenciados por pessoas. Isso quer dizer que, enquanto indivíduos imbricados de preconceitos, construções estereotipadas e tendências a reproduzir estigmas sociais, compulsoriamente executam muitas práticas racistas (também presentes no mundo físico) que afetam diretamente as pessoas pretas nessas redes digitais.

Dessa forma, dizer-se negro no Grindr, por exemplo, é esperar que os usuários, especialmente os brancos, dessa plataforma digital compreendam, erroneamente, que o corpo

preto é destinado exclusivamente ao sexo. Reiteramos de maneira bastante incisiva que nossa intenção aqui não é, de forma alguma, problematizar os atos sexuais de corpos negros, já que isso pode fazer, se assim o quiser, parte de suas sociabilidades. O que nos interessa, portanto, é guiar a reflexão para um aspecto ainda mais pertinente: ver este indivíduo apenas pelo aparato sexual é um limitador de suas relações enquanto pessoa com outros corpos e afetos. É fazer uso, dessa forma, de mecanismos que estigmatizam e criam expectativas de atuação que menosprezam os sentimentos e expressões dessas pessoas.

Cabe dizer que para fugir desses marcadores sociais do “preto negão, viril e másculo”, é comum ler descrições nesse aplicativo que tentam suavizar a característica do ser negro para algo mais ameno, como “moreno” ou “mestiço”. Quando resgatamos o caminho reflexivo presente no primeiro capítulo desta dissertação percebemos que essa técnica de embranquecimento já era utilizada há muitos anos como uma tentativa de apagar as corporeidades e sociabilidades negras com a intenção de negar o racismo no país. Notamos, muitas vezes, que a própria pessoa preta busca alternativas para ser o menos negro possível, como adotar outra linguagem, vestimentas ou mesmo ambicionar o casamento com uma pessoa branca. Ou ainda: assume comportamentos estigmatizados na tentativa de ser aceito. No ambiente digital contemporâneo, essa realidade ainda acontece, mas com outras formas, já que “o uso de outras denominações ou mesmo eufemismos – tais como “moreno” ou “mulato” – limitaria um pouco menos, por conta do ideário higienista da miscigenação que permite um embranquecimento da população” (Franciso, 2019, p. 45).

Diante dos aplicativos de relacionamento, o cenário construído é de dinamicidade e aceleração das interações que são estabelecidas. Embora a tecnologia possibilite conversas e troca de informações mais ágeis, é preciso refletir sobre os impactos que provocam na maneira que essa vida virtualizada acontece. De fato, esses espaços permitem formas de sociabilidades que já fazem parte da rotina das pessoas no mundo físico, como conversas e sexo; contudo, eles facilitam essas interações a partir de uma mediação tecnológica que intensifica esses contatos e, em alguma medida, amplia a possibilidade de descartar aquelas pessoas que não estão dentro das normas estéticas e/ou de “desejos”. Este último entre aspas porque também é oriundo de construções estereotipadas que precisam de nossa atenção, uma vez que podem estar impregnadas de concepções racistas e outras questões preconceituosas.

Nesse sentido podemos pensar, ainda, as sociabilidades no ambiente virtual como um desejo contínuo pelo efêmero, já que há uma necessidade de acelerar as relações, os contatos e os encontros. Isso nos implica pensar que podem ser experiências “momentâneas e substituíveis por novas e rápidas experiências, dificultando trocas sociais efetivas”, (Saraiva,

2023, p. 255). É um fio condutor que leva à compreensão que são relações que beiram à descartabilidade e que, por serem virtuais, eximem as pessoas das responsabilidades de suas ações. Agir dessa forma é contribuir para uma percepção social, dentro do fenômeno observado nesta pesquisa, que coloca o negro como objeto passível de descarte continuamente. Inclusive, quando realiza o processo de auto descarte quando adentra (mesmo que inconscientemente) dentro desse sistema: apresentando-se como extremamente viril, por exemplo.

3.3 Corporeidades negras e a fetichização de suas relações

Em continuidade ao disposto no item acima, seguimos uma linha de pensamento pertinente à pesquisa: os corpos negros, de homens e mulheres cisgêneros, não-binários, *gays*, bissexuais, entre outros, estão colocados no mundo como espaços-territórios de construção de relações pautadas em estigmas. Retomar essa ideia é importante para frisar que, muito embora tenham sido construídos estereótipos sobre os corpos pretos com a pretensa intenção de valorizá-los pelo aspecto sexual e o lado selvagem, na verdade estas práticas criam problemáticas profundas no tecido social que reverberam na contemporaneidade e, inclusive, aciona o jornalismo pelas suas presenças e ausências frente à temática.

Ao irmos além, é notório e necessário resgatar que as relações de poder que circundam os corpos de pessoas pretas são oriundas do sistema escravocrata do período de colonização do país. No processo de visita ao passado racista no Brasil (que realizamos na primeira parte desta dissertação), nos é revelado como o negro sempre esteve em posições subalternizadas e seus corpos foram colocados em dois eixos quase como aspectos indissociáveis: o serviço braçal (o homem negro construído pelo viés de uma força sobre-humana) e sexual (apetite não saciável, virilidade extrema e pênis avantajado para diferenciá-los dos homens brancos).

Tudo isso nos conduz à percepção de que estas corporeidades negras, assim como as possibilidades de seus afetos amorosos românticos ou sexuais, foram visualizadas sempre (ou, ao menos, na maior parte das vezes) pelo o que compreendemos como processos de fetiches e sexualização exacerbada. Apenas para explicitarmos de forma mais direta — mas brevemente, pois vemos o conceito como algo já compreendido socialmente —, o fetiche diz respeito, de acordo com dicionário online, a “ação ou efeito de fetichizar, de tratar como fetiche ou de transformar em fetiche (objeto a ser cultuado)”, ou mais pragmaticamente “transformar algo ou alguém num objeto erotizado ou usado para saciar os desejos de alguém”.

Seria, nesse sentido, cultuar um indivíduo com a falha impressão de que alguma parte do seu corpo terá características mágicas e eroticamente inigualáveis. É comum, por exemplo,

em conversas em aplicativos de relacionamento, homens *gays* e bissexuais negros serem abordados por perguntas iniciais que remetem ao valor do seu corpo muito mais do que aos seus sentimentos e interesses não sexuais. Quando buscamos ver esse fenômeno no jornalismo percebemos que os espaços tradicionais ainda pautam insuficientemente o assunto e, por sua vez, as mídias alternativas têm uma rotina de produção sobre a temática. Refletir sobre isso no campo comunicacional nos conduz a visualizar, criticamente, os problemas gerados por essa fetichização na autoestima dessa população e, principalmente, em como se veem e são vistas pela sociedade.

O problema, como já frisado outras vezes ao longo desse texto, não é novo, pois já era vivenciado pelos antepassados negros dentro dos sistemas de relações sociais à época. Porém, é fundamental observar que as potencialidades do ambiente digital, sobretudo diante dessas transformações frequentes nas formas de estabelecer comunicações e interações no ecossistema virtual, impulsionam, em alguma medida, essa realidade. Se agarrarmos o pensamento de que o racismo também opera (e podemos pontuar que até mais rapidamente) no ciberespaço, homens *gays* e bissexuais negros têm seus corpos atravessados pela ideia de serem viris, sexualmente ativos e machos.

No âmbito da exacerbação de características entendidas como masculinas, o tamanho do pênis é visto como um atributo positivo. O pênis, em vários perfis, é também chamado de “dote”, uma clara referência a algo que possui um valor considerável, uma riqueza, algo estimado. (Francisco, 2019, p. 47)

Mencionamos, também, que nesse jogo de relações e interações dentro desses ambientes digitais há o processo de consumo e venda desses corpos, que tem direta relação com a maneira como o indivíduo negro foi construído ao longo dos anos e suas práticas de sociabilidades. Essa esquematização ocorre de formas diversificadas e, algumas, já até mencionadas anteriormente. Podemos frisar que existe uma tentativa desse corpo negro se apresentar de maneira atrativa para as pessoas que visitam o perfil a partir de fotos sensuais (que se sobressaíam das demais) e frases insinuativas (que podem atizar a curiosidade quanto à prática sexual deste homem preto).

Além disso, há o uso de emojis mais picantes, misteriosos ou angelicais, bem como menção destacada às características físicas relacionadas ao tamanho do pênis, altura, porte físico (malhado, magro, sarado, entre outros). Em amplitude, podemos visualizar, ainda, preferências por uso ou não de drogas, preservativos e os tipos de encontros que desejam estabelecer (sexo fixo ou casual, por exemplo). É como se fossem corpos colocados à venda

em uma vitrine, conceito que melhor relacionaremos no capítulo de análise deste trabalho. Ao pensarmos na socialização em ambientes virtuais de relacionamento quanto ao seu uso comercial, podemos compreender:

Socializar como possível implica lidar com os limites de um aplicativo de relacionamento que é, antes de qualquer coisa, um produto que tem de ser economicamente viável ao ser destinado a um público-alvo já identificado como lucrativo. (Saraiva, 2023, p. 261)

Ainda compactuando e referenciando as ideias do autor, compreendemos que as relações virtualizadas nesses ambientes são atravessadas pela concepção de desresponsabilização (termo bastante explorado por Saraiva). Citamos o mesmo, pois corrobora com a temática aqui estudada, já que os processos de fetichização do ser negro, em especial o *gay* e bissexual, é interferido significativamente por essa ideia de não culpa por parte daqueles que realizam o processo de sexualização estigmatizada desses corpos enquanto produtos prontos para serem consumidos.

Endossamos que, nessa construção das sociabilidades, se estabelece a compreensão que não estar presente de maneira física com o outro dá autoridade para agir de maneira preconceituosa sem pensar exatamente nas consequências dos próprios atos e como isso afeta a outra pessoa envolvida nessa interação. Sabemos que o fetiche é um problema que faz parte da vida em sociedade, mas é notório que no plano virtual ele se potencializa. Essas relações virtuais geram uma desresponsabilização em que, muitas vezes, os usuários não dão atenção a quem está do outro lado da tela.

Como a relação virtual implica não estar em uma interação concreta e síncrona com pessoas, para muitos usuários, as palavras e ações não precisam ser medidas tendo o outro como um destinatário que pode se ofender, por exemplo. A ausência dessa interlocução direta interfere na interação, com certo nível de embrutecimento. Se o interlocutor não despertar o interesse de imediato, pode ser ignorado ou descartado de forma brusca, com um deslizar de dedos no *smartphone*. (Saraiva, 2023, p. 255)

Concordamos que existe uma desresponsabilização dos usuários frente a essa virtualização das relações, já que muitas vezes as pessoas não pensam (ou se negam a pensar) em como suas ações impactam as outras. Isso porque se consome, erroneamente, a ideia de que estar no ambiente digital exime, automaticamente, qualquer responsabilidade para com o outro. Em outras palavras, é como estar livre em uma “terra sem lei” em que os atos não geram consequências (ou ao menos consequências aparentes e, em regra, para quem pratica os atos ofensivos).

Por outro lado, embora consideremos o termo adequado para situar a problemática, não podemos esquecer que, nos casos de racismo, que é o nosso ponto de análise aqui proposto, as pessoas assumem a responsabilidade por serem racistas, ainda que isso seja resultado do padrão racista estrutural. Não podemos negar ou mesmo suavizar que elas atuam dessa forma (hipersexualizando estes corpos) em virtude da transposição (ou continuidade) das práticas racistas do mundo físico para os espaços virtuais.

Dito isso, queremos enfatizar sem deixar dúvida: elas são racistas, porque são racistas; e seria permissivismo retirar as responsabilidades de seus atos somente porque ocorrem no mundo virtual. Essa ideia é um ponto de equilíbrio que devemos colocar em evidência constantemente para não perdemos de vista como as corporeidades negras são afetadas pela fetichização durante as tentativas de estabelecer relações. Inclusive, ter isso em mente nos auxilia a compreender como o corpo negro se apresenta nos aplicativos de relacionamento diante fenômeno da hipersexualização.

3.4 Preto exótico como vetor de discursos de ódio: o ser afetado e o que afeta

A partir das ideias destrinchadas no item anterior, concentramos esforços em refletir sequencialmente sobre como esses discursos no ambiente virtual colocam o corpo negro como vetor do ser exótico e desejável quanto à experiência do inusitado (no sexo e no porte físico, por exemplo). Foi importante, dessa forma, pontuarmos os encargos negativos dos processos de fetichização destes indivíduos para que tenhamos um panorama, na amplitude possível, que permita entender e relacionar como os mesmos podem contribuir para a vetorização, sedimentada em preconceitos, deste grupo de homens nas suas tentativas relacionais e sociais em ambientes digitais.

Assim, é leniente reforçar que a construção desse corpo negro como detentor da concepção racista do exótico é enraizada nos processos de estereotipagem que também são propagados virtualmente. Os estereótipos, por sua vez, são orquestrados para reduzir grupos ou pessoas a um lugar de recorte social sem alternativas de mobilidade para o diferente. Nos aplicativos de relacionamento, quando as interações são pautadas nesses problemas, há uma forte aceleração no entendimento de como essas relações são passíveis de continuidade ou descarte: se existir um encaixe desse corpo nos padrões colocados como ideais, o mesmo é aceito; em contrapartida, se houver desencaixe, é recusado.

Isso porque quando existe a não correspondência das expectativas que o Outro cria (a referência é mais diretamente ao branco, mas se entende que o processo de racismo também influencia em como o negro consome/vê o seu semelhante e, principalmente, a si mesmo),

pode ocorrer exclusão nos ambientes digitais. De maneira mais didática, a intenção é dizer que ser um negro afeminado, não viril e não másculo faz com que haja maior propensão à recusa por parte desse Outro em termos de possibilidades de contato. Para ir além da questão racial, pontuamos que o mesmo distanciamento pode ocorrer quando se está diante de *gays* mais velhos ou os que possuem alguma deficiência.

Anteriormente, mencionamos que pesquisadores reiteram a necessidade de não haver hierarquias de opressão (ponto que esta dissertação concorda plenamente), mas é notório que há uma hierarquia de desejos dentro desses ambientes virtuais, oriundas das relações sociais físicas que, por sua vez, colocam as possibilidades de afetos e sociabilidades como um processo de compra, venda e aceitabilidade.

Saraiva (2023) endossa algo que pontuamos logo no início deste trabalho: que os corpos *gays* e bissexuais são alvos históricos de preconceitos e discriminações por fugirem do sistema cisheteronormativo. Contudo, mesmo que vivenciem essas situações, reproduzem práticas que dificultam ainda mais suas relações uns com os outros à medida em que propagam preconceitos de raça, gênero, idade e tantos outros. Conforme pontua Saraiva (2023), os homossexuais dentro dos aplicativos de relacionamento criam:

(...) uma hierarquia do desejo que tem no topo o perfil mais próximo do macho alfa e, na base, os menos próximos, como pessoas negras, pobres, afeminadas, gordas, idosas ou com alguma forma de deficiência física. (Saraiva, 2023, p. 260)

Essa contextualização prévia, sobre como os corpos negros podem ser atravessados por comentários e expressões que os ofende enquanto grupo ou pessoa, foi necessária para situar nosso campo de discussão dentro das ideias que giram em torno dos discursos de ódio. De fato, nem tudo pode ser considerado discurso de ódio, por isso a importância de se conhecer o que significa a expressão. Para ajudar nessa compreensão, podemos sinalizar que se referem a manifestações que atacam e incitam ódio contra grupos sociais a partir de marcadores sociais de raça, etnia, gênero, orientação sexual, religiosa, origem nacional, entre outros aspectos.

De acordo com Bauer (2018), “enquanto o discurso de ódio e o preconceito não forem amplamente rechaçados social e juridicamente”, manifestações que toma como bases principais a ignorância, por exemplo, “continuarão a povoar as redes sociais” digitais. Enfaticamente, é imprescindível refutar a propagação generalizada, errônea e fatal à nossa sociedade que defende ferrenhamente que o termo discurso de ódio e o preconceito surgiram

para mitigar drasticamente a liberdade de expressão. Os conceitos não são sinônimos e não existe linha tênue entre os mesmos, já que a liberdade de expressão:

(...) significa o direito das pessoas expressarem a sua opinião, sendo livre toda e qualquer forma de manifestação de pensamento, independentemente do meio. Desse modo, a manifestação de pensamento poderá ser exercida de várias formas, a principal delas é a falada, onde os membros da sociedade expressam suas ideias e opiniões em discursos para outro indivíduo ou grupo. A segunda maneira mais usual é a escrita, que pode ser vinculada aos mais diversos meios de comunicação, aonde a informação e os discursos podem se propagar rapidamente, atingindo uma coletividade quase que instantaneamente, neste quesito há um destaque especial para a internet, principalmente as redes sociais. (Costa, 2021, p. 326)

Sabemos que a ideia da liberdade de expressão remota da Grécia Antiga a partir da articulação, à época, para a organização da sociedade. Dessa forma, surge como estratégias para a manifestação de pensamentos, opiniões, sentimentos, entre outros, com respaldo e associação à ideia de direito do cidadão e cidadã. Por isso, frisamos que, embora haja esse movimento que tenta associar discursos de ódio à censura da liberdade de se expressar, é evidente a distinção que ambas ideias possuem. Os discursos de ódio são ofensas gratuitas a grupos ou pessoas a partir de técnicas que visam humilhar e menosprezar, por exemplo, estes indivíduos. Podemos, ainda, reforçar que “consiste em uma expressão de pensamento de maneira depreciativa voltado a um determinado grupo da sociedade, com o intuito de desqualificar” (Costa, 2021, p. 330).

Realizada essa diferenciação conceitual necessária, cabe frisarmos que esses discursos de ódio têm alvos bem direcionados: a comunidade LGBTQIAPN+, mulheres e pessoas negras, apenas para citar algumas minorias (que, muitas vezes, compõem a maioria da sociedade, a exemplo da população negra). Nos ambientes digitais não é incomum encontrar essas práticas repletas de conteúdos racistas, misóginos ou, ainda, que propagem a violência contra esses grupos.

Somente a SaferNet⁶, idealizadora do SaferLab, já recebeu mais de 2 milhões de denúncias de conteúdos de ódio. Em recorte de práticas racistas, em 2006 recebeu 25.895 denúncias e em 2021 chegou à marca de 640.804. Isso corresponde a 23% das denúncias somente sobre racismo. Dessa forma, se ressalta que houve crescimento exponencial nas proporções de denúncias de ódio ano após ano. Esses dados, ainda que não tão aprofundados, nos dão a possibilidade de compreender como esses espaços digitalizados também funcionam

⁶ É uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político-partidária, religiosa ou racial. Tem como foco a promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil.

como impulsionadores de discursos de ódio. Mais especificamente neste trabalho, trazemos a ideia desse corpo negro funcionar como vetor para a propagação dessas práticas, uma vez que visualizamos que há resquícios marcantes do racismo atravessando as relações dessas pessoas.

Sem dúvida, é pertinente deixarmos explicado que essa posição de vetor enquanto símbolo construído como exótico não é resultado de uma escolha consciente sobre seu corpo, já que as práticas racistas operam de maneiras a impedir (ou dificultar acentuadamente) que as pessoas pretas tenham autonomia sobre suas ações, posições e desejos. Esse homossexual e bissexual preto, dentro desses aplicativos, catalisa para si uma série de discursos de ódio, pois não foi ensinado, conscientemente, a desviar desses atravessamentos. Não queremos, portanto, dizer que não há avanços e busca por representações de si mesmos sem a lente do Outro. Contudo, o *gay* e bissexual preto é induzido pela configuração social vigente a ser visto como o negrão diferente e único.

É neste ponto reflexivo que endossamos que esse indivíduo preto é, recorrentemente, o ser afetado nessas relações de sociabilidades, afetividades e corporeidades dentro dos ambientes digitais. Os atravessamentos que percorrem seus corpos resultam da falha concepção de que o espaço virtualizado é passível de desresponsabilização de atos, comentários e práticas racistas. Ao imergir nesse universo de relacionamento digital, o preto se vê refém de um sistema racista que opera a pleno favor, colocando-o em posições de aceitabilidade e, em alguns casos, de participação assídua para atender as expectativas postas sobre si. Existe, assim, uma tentativa constante de performar comportamentos que se adequem aos construtos sociais colocados como ideias para todos os homens negros.

Com isso, nossa pretensão não é negar que existem homens *gays* e bissexuais negros que são viris, másculos, ativos nas relações sexuais, que têm desejos intensos na hora do sexo e performem aquilo que é considerado “masculino”. Nem queremos apontar como errado adicionar fotos nesses perfis de aplicativos de relacionamento que mostrem seus corpos, que tentem vender uma imagem sedutora ou qualquer outra relação com a negociação sexual inerentes a esses espaços digitais e que são importantes para muitos seres humanos. Nosso ponto de sustentação, nesse sentido, é para os contextos em que homossexuais e bissexuais negros precisam abrir mão de suas particularidades para atender uma demanda que exige deles comportamentos encaixotados e imutáveis.

Consequentemente, temos o ser que afeta estes indivíduos afetados. Ao longo da escrita deste capítulo é evidente a quem nos referimos: às pessoas, especificamente os homens brancos, que estão imbuídos de pré-conceitos e preconceitos oriundos de uma estrutura que sedimenta a sociedade em uma pirâmide social complexa e racista, uma vez que coloca a

pessoa preta em posições de subalternidade. E para alcançar esse “êxito” estrutural, ao longo de anos, a pessoa branca articulou uma tentativa de instaurar o mito da democracia racial para negar o racismo impregnado em todas as estruturas sociais.

A tentativa, diga-se de passagem, tem sido falha. O racismo está presente em diversos ambientes, seja físico ou digital. Os movimentos sociais têm agido em prol do descortinamento deste mundo que utiliza de armas sutis para colocar o negro a serviço dos desejos e vontades do branco à medida que dificulta sua mobilidade social. Neste conjunto de circunstâncias, ressaltamos que esse ser que afeta nas relações digitais com o preto costuma ser o indivíduo branco.

Mais uma vez reiteramos (e não negligenciamos) que homens negros podem ser influenciados pelas amarras racistas que conduzem à ideia de naturalidade do preto falocentrado e animalesco, mas trata-se apenas disso: são persuadidos pelo sistema racista que afeta todos, ainda que de pontos de partida e perspectivas distintas. Nesse sentido, compreendemos que a vetorização desse ser negro enquanto receptor de discursos de ódio também é parte intrínseca desses espaços virtuais e permeiam as tentativas de empreender relações com pretendentes dentro dos aplicativos de relacionamento.

Dessa forma, destacamos que no próximo item seguimos por caminhos interpretativos que nos dão outros arcabouços para compreender mais propriamente como as relações do corpo *gay* e bissexual negro são diversas nos ambientes digitais e como estes espaços podem se relacionar com o fenômeno da hipersexualização dos indivíduos pretos. Dialogamos com conceituações importantes que afetam esse corpo negro, como o machismo que enfrentam as bichas afeminadas nas suas tentativas de sociabilidades e afetos. Pensar nesse campo é peça-chave para compreendermos os contextos dessas pessoas e suas relações como o fenômeno estudado.

3.5 Negros afeminados e as suas relações nos ambientes digitais

Dessa forma, outro aspecto intrinsecamente conectado ao tema é que os homens *gays* e bissexuais negros afeminados são vistos dentro dos ambientes digitais como uma total quebra das expectativas postas sobre os povos pretos. Ao performar características consideradas como “femininas”, automaticamente entram em uma contracorrente do padrão (racista) colocado como único e necessário para o homem negro. Conforme discorre Francisco (2019) de maneira muito elucidativa ao explicar sobre a dualidade bicha preta afeminada e masculinizada, o negro que demonstra comportamentos mais sensíveis e femininos é visto

como “a lacraia”; por outro lado, o viril, detentor de um corpo e desejos excedentes, é másculo, é considerado como o “negão”.

Nesse arranjo de tentativa de estabelecer interações de sociabilidades e afetos com outros homens, as bichas pretas afeminadas, por exemplo, enfrentam preconceitos recorrentes e, até mesmo, rejeição de outros homens (principalmente, brancos) por simplesmente serem quem são e possuírem as características comportamentais que têm. Isso é explicado quando percebemos que esse “súbito desinteresse está ligado à quebra da expectativa em torno da imagem do ‘negão de tirar o chapéu’. E que aproxima do “oposto” dessa ideia: o afeminado, a “lacraia”, (Franciso, 2019, p. 48).

Importante ressaltarmos que a construção e manutenção dos estereótipos de gênero e, especialmente, de raça — e nesse quesito, por conta da pesquisa, aos que estão diretamente ligados aos homens negros — também influenciam nas discriminações que sofrem nos mais diversos espaços. No ambiente do Grindr e Hornet (que são nossos pontos de apoio na análise aqui empreendida) os mesmos precisam enfrentar muitas barreiras quando decidem explorar as potencialidades dos aplicativos em busca da compreensão dos próprios desejos e formas de amar.

Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco. (Pinho, 2004, p. 67)

É fundamental endossarmos que o ambiente digital tende a facilitar a reprodução de estereótipos e reforça diversos estigmas construídos em relação à população negra. O mito do desejo insaciável por sexo do homem negro e a performance da atividade (durante o ato sexual entre homens) são exemplos comuns e frequentes do racismo e hipersexualização durante o bate-papo que acontece dentro do aplicativo. Nessa linha de pensamento — e ao fazer uma relação (ou ao menos menção) importante aos relatos de usuários desse aplicativo obtidos ao longo dos últimos quatro anos — ser *gay*, bissexual, negro e afeminado gera problemas dentro dessa rede social digital. Por conta da construção imagética de que todo homem preto precisa ser viril, quando outros homens iniciam conversas com *gays* e bissexuais negros e estes apresentam a *performance* da “feminilidade”, há entraves e recusa para manter a continuidade do bate-papo.

Brevemente, outro ponto que merece atenção — uma vez que faz parte das sociabilidades e afetividades possíveis dentro desses espaços midiáticos propiciados pelos aplicativos — é o tratamento que os bissexuais recebem dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Muitas vezes, a sigla “B” é esquecida dentro da comunidade, fazendo com que esses indivíduos vivenciem um processo de apagamento de suas identidades quando decidem se relacionar com outras pessoas. Dentro do Grindr e Hornet a situação não é diferente, já que, ser bissexual e afeminado, traz alguns problemas e, entre eles, se destaca a invisibilidade e o questionamento da atração que sentem por meninas.

De modo geral, as experiências homoafetivas de negros afeminados nesses espaços digitais perpassam uma série de pontos de reflexão que são postos como relevantes nesta temática. Compreender as concepções de gênero, sexualidades e raça (conforme realizado no primeiro capítulo e acionado sequencialmente ao longo de todo o texto) fornece condições mais teóricas para emprendermos uma tentativa de alinhar as compreensões desses corpos quanto às suas relações em aplicativos de relacionamento.

3.6 Gênero, racismo e hipersexualização: relações em aplicativos de relacionamento

De acordo com as pesquisadoras Sobrinho, Linhares e Teixeira (2019), a versão virtual dos relacionamentos, aspecto que é intrínseco à nossa análise, impulsiona uma maneira de se comportar e interagir com outras pessoas mais direcionalmente. Isso significa dizer, em amplitude, que com a popularização dos meios de comunicação de massa existe um caminho que leva ao surgimento dessas novas formas de se relacionar e de tratar as relações. Embora seja nova e efêmera, ainda estão imbuídas de preconceitos.

Com o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, é inegável que de alguma forma esse ritmo acelerado de transmissão de informação e interação começaria a impactar as relações interpessoais dentro da sociedade contemporânea. (Sobrinho, Linhares e Teixeira, 2019, p. 3)

Nesse sentido, é possível analisarmos que o comportamento dessas relações no campo dos aplicativos de relacionamento deve ser um ponto de atenção para o campo comunicativo, já que pode influenciar diretamente na forma dessas construções de sociabilidades, uma vez que é importante entender os valores e mecanismos que permeiam essas interações. A partir da concepção da efemeridade, que implica algumas vezes na reprodução de estigmas, entendemos que a virtualização das relações chama “mais atenção por ser fácil de começar e mais fácil ainda de terminar” (Sobrinho, Linhares e Teixeira, 2019, p. 4).

Com isso, queremos dizer que os usuários que buscam estabelecer namoro ou formas de interações diversificadas na modalidade online se sentem seguros, já que existem mais facilidades para empreender suas formas de contato. Em outras palavras, a qualquer momento podem voltar ao “mercado, olhar o catálogo e escolher uma nova pessoa. O botão de começar de novo sempre se encontra a disposição”, (Sobrinho, Linhares e Teixeira, 2019, p. 4). Para o corpo negro, se fugir do considerado padrão, significa mais probabilidade de descarte antes mesmo de efetivar interações mais profundas.

Ao pensarmos nos conceitos de raça, gênero e hipersexualização retomamos indubitavelmente inúmeras ideias que já foram trabalhadas neste trabalho em uma perspectiva interseccional que permeia as sociabilidades e afetividades do corpo negro nos ambientes digitais. Entendemos que, por alguns caminhos, essas redes sociais digitais enfatizam muito mais o consumo, a partir de um modelo de negócio, do que os encargos inerentes às trocas que ocorrem nesses espaços.

Existe, sem dúvida, uma pretensa compreensão de que seria mais fácil burlar os problemas sociais no mundo virtualizado, mas o Grindr e Hornet, por exemplo, mostram que esses espaços servem como reforço dessas problemáticas. No mundo considerado “ideal”, os aplicativos de relacionamento, nesse sentido, serviriam como meios para o estabelecimento efetivo e humanizado das relações dos corpos, mais diretamente o negro, uns com os outros e, nessa perspectiva, haveria uma reverberação positiva, ou menos desfavorável, nos demais espaços de comunicação social. Na realidade prática, não é isso que ocorre.

A inclusão social poderia ser o grande trunfo desses aplicativos, uma forma de visibilizar aqueles que de alguma maneira são impedidos de pertencer plenamente à sociedade. Todavia, a ênfase em corpos, e em um jeito “certo” para esses corpos, termina por reforçar a marginalidade da maioria das existências gays também no contexto virtual, o que pode fazer da vida social organizada um interessante alvo de atenção acadêmica e social”. (Saraiva, 2023, p. 262)

Termos como ponto de partida a concepção que a hipersexualização existe e afeta os homens *gays* e bissexuais negros nos dá ferramentas teórico-metodológicas para estabelecer construções reflexivas válidas para a análise. Portanto, no próximo capítulo dedicamos esforços em traçar uma linha de raciocínio que circunde as sociabilidades, afetividades e corporeidades deste corpo negro no mundo digital em um processo contínuo de interpretação e reinterpretação dos achados nos aplicativos e, também, a partir da reinterpretação das entrevistas realizadas com homens *gays* e bissexuais.

Dizemos, previamente, que essas interações e atravessamentos quanto à temática são percebidos nos aplicativos a partir dos conteúdos com os quais os negros *gays* e bissexuais se apresentam dentro desses espaços, que é semelhante a uma vitrine de corpos à venda. E, na outra ponta, acionamos transversalmente os relatos obtidos durante entrevistas que, naturalmente, dialogam com os achados na análise de conteúdo das redes.

Por fim, reiteramos que ter esses materiais e possibilidades de análise é fundamental para o suporte metodológico proposto por Thompson com a Hermenêutica de Profundidade, já que podemos realizar uma tríade reflexiva a partir do contexto sócio-histórico, análise formal e a reinterpretação de um fenômeno já pré-interpretado pelas pessoas.

4. COMPREENDENDO OS OBSERVÁVEIS: APLICATIVOS GRINDR E HORNET

No processo analítico não tentaremos desenvolver um modelo cristalizado de construção de resultados e percepções teórico-crítica dos nossos observáveis (aplicativos Grindr e Hornet) e das entrevistas, tendo em vista que trabalhamos com um caminho analítico sustentado na Hermenêutica de Profundidade de Thompson que exige continuamente que estejamos atentos aos desdobramentos (re)interpretativos dos nossos achados. Portanto, é um convite para que observemos e interpretemos os encargos inerentes dos impactos da sexualização exacerbada dos corpos de homens negros em ambientes digitais sem esquecer os contextos nos quais estão inseridos, a materialidade dos achados que servem de apoio para a análise e, por fim, a etapa compreensiva que nos revela potenciais reverberações do fenômeno enquanto campo crítico de estudo.

Para tanto, temos como respaldo o diálogo com nossa metodologia central para reforçar aspectos inerentes às redes digitais de relacionamento, o que nos permite compreender suas atuações, objetivos e impactos na maneira que são utilizadas por homens negros *gays* e bissexuais. Sem dúvida, direcionar atenção para como esses espaços podem gerar proximidade ou distanciamento entre homens funciona como importante balizador para empreender reflexões conjuntas com os resultados das entrevistas. Manter posições amplas para este estudo permite condicionar melhor os achados, ainda que tenhamos como ponto focal identificar como esses indivíduos negros se apresentam nesses ambientes virtuais a partir de reflexos de comportamentos e ideias racistas postas à sociedade desde os períodos de escravização no país.

Ademais, condessar nossas estratégias de observação e metodologia alinhadas às possibilidades da análise de conteúdo, da técnica de entrevista e da reinterpretação funcionam como pontos chave para avançar em nossas proposições acadêmicas com este estudo sobre o corpo negro e os impactos da sexualização exacerbada. Exatamente por isso nossa intenção não é sanar todas as questões que envolvem a temática e, muito menos, compilar as vivências negras. Tentamos, apenas, mostrar caminhos possíveis para reinterpretar determinados comportamentos ainda impregnados pelas amarras racistas, tensionando com as experiências de usuários e ex-usuários e com imersão nos aplicativos de forma a termos materialidades reflexivas para entender, na amplitude possível, a hipersexualização do corpo negro em suas tentativas de sociabilidades, sexualidades e afetividades por meio destes campos comunicacionais.

Diante disso, reiteramos que ao longo das próximas páginas estabelecemos procedimentos científicos sustentados, também, pelo contexto sócio-histórico, análise formal e reinterpretação dos achados com o intuito de caminharmos em nossas proposições teórico-reflexivas. Essas etapas são acionadas transversalmente e a todo instante, pois precisamos refletir frente a um processo de texto e contexto de modo simultâneo, principalmente quando trabalhamos com cenários que exigem a interpretação da doxa cotidiana associada ao campo científico considerado formal. Dessa forma, nos dedicamos neste capítulo a apresentar: 1 - os aplicativos Grindr e Hornet; 2 – os procedimentos metodológicos aplicados ao estudo; 3 – o corpus de pesquisa delimitado e a segunda etapa da Hermenêutica, e, por fim, 4 – os processos (re)interpretativos dos observáveis e entrevistas.

4.1 Aplicativos Grindr e Hornet: uma breve apresentação

Conforme mencionado anteriormente, o Grindr é um aplicativo que utiliza a geolocalização e surgiu em março de 2009, em Israel, tendo sido criado por Joel Simkhai. A ideia principal do aplicativo é conectar homens que estão interessados em sexo ou amizade. A partir do uso da rede sem fio e do GPS, ele guarda informações digitais, como dados e localização, para emitir a outros indivíduos que também usam o aplicativo.

Quando nos propomos a analisar mais especificamente as funcionalidades do aplicativo, naturalmente é fundamental observar que houveram avanços em termos de melhorias na própria interface da aplicação, assim como nas possibilidades de entrega (e uso) para os adeptos à rede social digital. Nesse sentido, é necessário destacar que o aplicativo dispõe de versão gratuita e paga, na qual esta segunda é chamada de Grindr Xtra.

Quanto à versão gratuita, quando os usuários criam uma conta, com o Facebook, número do celular ou e-mail, têm acesso a 100 perfis instantaneamente. Isso porque os usuários mais próximos surgem na interface do aplicativo, possibilitando amplas formas de interações em tempo real. Com relação à versão Xtra, é possível ter acesso a 300 perfis e, além disso, os usuários não precisam lidar constantemente com anúncios publicitários.

Além disso, nesse processo de criar um perfil dentro da rede digital, a pessoa tem inúmeras possibilidades de escolha à sua frente: pode inserir ou não uma foto de perfil (embora a rede coloque que seja ideal pôr uma foto do rosto, nem sempre os usuários seguem essa dica). Também podem decidir que nome será exibido aos demais frequentadores do aplicativo, assim como adicionar/escrever as principais qualidades que possui ou desejos que julga relevantes para estabelecer interações satisfatórias com outros usuários. Com relação às informações como idade, altura, peso, etnia, porte físico, posição sexual (ativo, passivo e

versátil, por exemplo), tribes (que é um estilo que o usuário se identifica, como, por exemplo, nerd, barbie, discreto, elegante e etc.) ou relacionamento atual, são dados que decide ou não fornecer.

Ademais, após o preenchimento desses dados, os usuários têm a possibilidade de dizer o que buscam no aplicativo, com que gênero se identificam, os pronomes que preferem ser tratados e, também, informar seu *status* de HIV e quando fizeram o último teste. Se quiserem, podem vincular suas demais redes sociais, como Instagram e Twitter, ao Grindr. Esses são dados que o usuário pode decidir se devem aparecer ou não para quem visita seu perfil.



Figura 1: Informações e dados dos usuários do Grindr

O usuário, na versão gratuita, tem a acesso a três tipos de filtros (idade, tribes e em busca de...). Na versão paga, há os filtros avançados, que permitem peneirar ainda mais e encontrar o homem que mais atrai. Quando o usuário se interessa muito por algum perfil, além da mensagem direta, há possibilidade de mandar *taps* (que são curtidas). Na interface do aplicativo aparece um mosaico com os usuários mais geograficamente próximos.

Na parte superior, há um botão com opção “explorar”, que direciona a uma espécie de Google Maps, mas dentro do próprio aplicativo, permitindo selecionar o local ou região exata em que se deseja procurar outros homens. Também há um pequeno elemento de olho, que dá a chance de saber que outros usuários visitaram seu perfil nas últimas horas. Além disso, há uma fileira horizontal com alguns filtros de busca rápida: “novo”, “conectados”, “idade”,

“posição”, “tags” e “more filters” (este último, para versão paga). Na parte inferior da tela se tem acesso à opção “buscar”, “caixa de entrada”, aos “favoritos” e à “loja”.



Figura 2: Interface do aplicativo Grindr

Os interessados em vincular anúncios fazem isso pelo aplicativo Grindr Ad Kit. Os anúncios duram um mês e, além de aparecerem na interface principal, podem ser enviados por mensagens diretas (no qual o usuário precisa tocar à tela para sair do anúncio) ou mensagens curtas.

Por sua vez, o aplicativo Hornet também é uma rede social digital voltada para o público homossexual e bissexual. Com mais de 35 milhões de usuários em todo o mundo, é uma rede baseada em feed para pessoas se conectarem com usuários *gays*, *lésbicas*, *bi*, *trans*, *não-binários* e *queer* por meio de bate-papo, fotos e vídeos. Além disso, se apresenta como um espaço inclusivo e seguro para a comunidade. Por meio da plataforma é possível fazer conexões significativas com pessoas localizadas em todo o mundo, estejam elas no seu bairro ou a milhares de quilômetros de distância.

A rede foi criada em 2011 pelo norte-americano Christof Wittig, em São Francisco, na Califórnia. De acordo com o último levantamento, o serviço já conta com mais de 25 milhões de usuários cadastrados em países como França, Rússia, Turquia, Estados Unidos e, no Brasil, chegou oficialmente em 2017. Cabe mencionar que ao contrário do Grindr, o Hornet também funciona na web. Além disso, no aplicativo o usuário tem a opção de colocar fotos públicas e também bloquear parte das fotos, bem como garantir apenas o acesso para usuários selecionados.



Figura 3: Informações e dados dos usuários do Hornet

A rede Hornet conecta o público *gay* e bissexual através de perfis e possibilita bate-papo entre os usuários. Foi no ano de chegada ao Brasil, em 2017, que a startup lançou novas funcionalidades. Isso quer dizer que, à época, além do recurso de encontros, diariamente a plataforma é atualizada com um canal de conteúdo diversos para seu público.

Assim como o cadastro na plataforma, o serviço de encontros, o acesso ao conteúdo e à curadoria de locais para a comunidade gay são gratuitos. A assinatura premium, que sai a partir de \$ 3 dólares mensais (cerca de R\$ 10), garante alguns descontos ao contratar serviços de marcas parceiras, como desconto em cinemas, teatros, festas e eventos, por exemplo. (Batistoti, 2017)

Com relação às suas características, na interface principal é possível ver stories dos usuários, assim como postagens de agora (que incluem fotos do corpo e/ou mensagens). Também é possível postar vídeo e fazer live. Ao rolar o feed, há um grande número de perfis que aparecem sequencialmente. Ainda há a aba de notificações para mensagens e/ou curtidas. Ao entrar em um perfil de usuário, é possível ver com mais detalhes as fotos que estão publicadas como capa, as que estão presentes no perfil, além de informações como idade, nome e descrição (que é feita pelo próprio usuário).

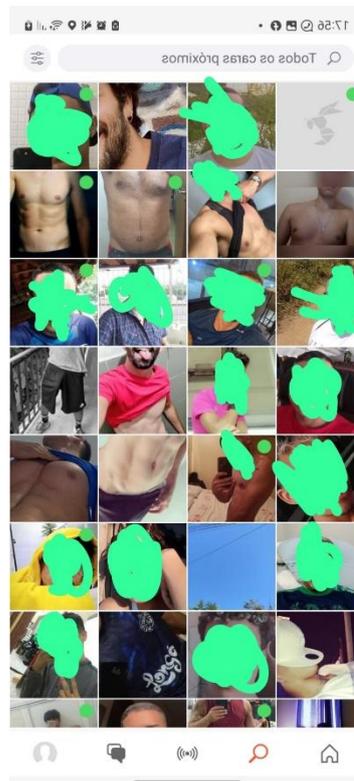


Figura 4: Interface do aplicativo Hornet

Também é possível mencionar suas outras redes digitais dentro do aplicativo, se assim desejar. Ainda, o usuário pode colocar a localização de onde mora ou está temporariamente, sua preferência sexual (ativo, passivo, etc), adicionar hashtags, a cor da pele, os pronomes que se identifica, status de relacionamento que está e o que busca dentro do aplicativo. Sem contar

que pode incluir sua altura, peso e status de HIV. Essas características e possibilidades são semelhantes ao Grindr.

4.2 Procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa

Realizada essa contextualização sobre os observáveis, reforçamos que a metodologia central desta pesquisa é a Hermenêutica de Profundidade (Thompson, 2022), que nos dá condições de refletir transversal e continuamente sobre o fenômeno da hipersexualização dos corpos *gays* e bissexuais negros em ambientes digitais. De forma continuada temos executado a etapa de contexto sócio-histórica dessa metodologia, inclusive com o acionamento do jornalismo e comunicação frente às questões de negritudes. No segundo momento fazemos uma análise multidimensional: trazemos a técnica jornalística de entrevistas em um processo (re)interpretativo e a análise de conteúdo dos aplicativos. Explicamos, ainda, que trabalhamos como uma amostra intencional para a delimitação dos entrevistados e perfis nas redes digitais dentro de critérios pré-estabelecidos. Para o estudo, utilizamos entrevistas com quatro homens (Nilton Barbosa, Giovanni Freitas, André Luís e Leonardo Alves (pseudônimo)) e analisamos 10 perfis no Hornet e 10 no Grindr.

Dentro desse campo teórico-metodológico maior, também nos apropriamos ao longo deste trabalho de técnicas metodológicas que nos impulsionam nas tentativas aqui propostas. Importante reiterar que os procedimentos metodológicos são caminhos que possibilitam o processo de coleta de dados e, conseqüentemente, a apresentação dos achados de maneira estruturada a partir das escolhas realizadas ao longo da pesquisa executada. Dessa forma, precisam ser condizentes com o que se busca responder e avaliar enquanto estudo. Por isso, além da Análise do Conteúdo (utilizada, aqui, na segunda etapa da Hermenêutica de Thompson), também ressaltamos que esta é uma pesquisa qualitativa e exploratória. Significa observar que um estudo pode ser feito a partir de associação de procedimentos metodológicos que facilitem a condução do mesmo para caminhos mais eficientes.

Enquanto pesquisa qualitativa, os achados encontrados por meio de análises são fundamentais para refletir a partir da temática e pergunta que direciona o estudo. Por isso, ter uma definição precisa do que se busca responder é imprescindível para que a pesquisa qualitativa funcione adequadamente. Dessa forma, o principal foco do estudo de qualidade não são os números (embora eles possam aparecer e auxiliar nas interpretações da pesquisa), mas as compreensões presentes durante a análise empreendida diante do fenômeno investigado.

Por sua vez, a pesquisa exploratória nos permite visualizar em detalhes um evento que há pouco conhecimento ou aprofundar o que já se sabe a partir de olhares mais técnicos e críticos frente ao fenômeno estudado. Associado a essa análise mais exploratória o autor precisa, naturalmente, adotar revisões bibliográficas que sustentem os achados e dialoguem (em concordância e/ou criticidade) ao que está sendo estudado sobre o tema. A partir de hipóteses levantadas, o percurso exploratório atua para validação (ou não) da temática.

Os procedimentos de exploração, aos quais podem corresponder às técnicas ditas sistemáticas (e nomeadamente automáticas), permitem, a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis, funcionam segundo o processo dedutivo e facilitam a construção de novas hipóteses. (Bardin, 2016, p.129)

Portanto, uma vez que tem caráter flexível e estrutura sistematizada, essa técnica geralmente é utilizada em conjunto com uma abordagem mais qualitativa. Exatamente por isso adotamos esses dois caminhos como possibilidades reflexivas. Dito isso, reforçamos que a intenção, desde a primeira linha desta dissertação, é analisar o fenômeno da hipersexualização do corpo *gay* e bissexual negro sem retirá-lo de seus contextos históricos (passado, presente e visualizar aspirações de futuro), realizando, assim, reflexões teóricas e exploratórias numa ótica qualitativa por meio das estratégias já mencionadas. Ademais, por empreendemos uma pesquisa que utilizará coleta e sistematização de dados (dentro da Hermenêutica de Profundidade), teremos como ferramenta metodológica a Análise de Conteúdo (AC) apresentada por Bardin (2016) para nos debruçarmos nos achados dos aplicativos.

Conforme aponta a autora, a AC é um método empírico que tem como função o aprofundamento crítico em análises de conteúdo diversificados: verbais e não-verbais, linguísticos, semióticos, apenas para citar alguns. Dessa forma, Bardin reitera que se trata de um conjunto de técnicas de análises das comunicações: todo material empírico que possa transpor uma comunicação (significações das mensagens). A pesquisadora pontua, ainda, em seu texto, que a hermenêutica, a arte de interpretar textos sagrados, por exemplo, é uma prática muito antiga. Ao relacionar com o processo de análise de conteúdo, Bardin (2016, p.20) observa que “a atitude interpretativa continua em parte a existir na análise de conteúdo, mas é sustentada por processos técnicos de validação”.

Seguindo as compreensões da autora, a análise de conteúdos se sustenta em três etapas cronológicas que auxiliam na atividade analítica cientificamente: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Dessa forma,

destrinchando brevemente cada uma das etapas propostas pela autora, explicamos que a pré-análise constitui algumas etapas importantes e pode ser compreendida como a etapa de organização. Isso significa dizer que se trata de um período de intuições dentro da pesquisa, “mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”, (Bardin, 2016, p. 125).

Dentro dessa etapa inicial (pré-análise), é preciso compreender três principais processos analíticos que funcionam como caminhos reflexivos. O primeiro deles é a *escolha dos documentos*, que são os materiais a serem analisados. Depois, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e, na sequência, a interpretação final. Obviamente, essas três etapas não precisam seguir uma ordem cronológica, pois estão interligadas transversalmente e em ordem não linear. Frente a isso, a pré-análise, de acordo com Bardin, é composta de atividades não estruturadas “abertas”. Dito isso, observamos que a terceira etapa da Análise de Conteúdo dialoga diretamente como o terceiro momento da Hermenêutica de Profundidade de Thompson: a (re)interpretação.

Dentro das atividades não estruturadas da pré-análise, Bardin (2016) elenca algumas que são válidas de menção e compreensão. A *leitura flutuante* é a primeira e diz respeito ao contato com os documentos de análise, que podem ser textos, entrevistas, entre outros recursos para obtenção de materiais para interpretação. No caso desta dissertação, nos valem mais diretamente da imersão exploratória dentro dos aplicativos Grindr e Hornet. Depois, temos a *escolha dos documentos*, uma vez que “o universo de documento de análise pode ser determinado a priori” (Bardin, 2016, p. 126). É nessa compreensão que devemos nos dedicar a delimitação do *corpus*, que é o conjunto desses documentos que serão analisados. Nesse sentido, “a sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras”, (Bardin, 2016, p. 126).

Com relação às regras que estão incluídas nessa etapa da escolha dos documentos, Bardin (2016) apresenta 4 pontos fundamentais para guiar os estudos. São eles: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Sobre a exaustividade, quando se define o *corpus* a ser interpretado, é imprescindível ter em conta todos os elementos desse corpus”, (Bardin, 2016, p. 126). Com isso a autora quer dizer que devemos incluir todos os achados que façam menção ao tema estudado dentro daquele espaço e recorte de tempo pré-definidos. Na representatividade, pontua que a análise pode efetuar-se numa “*amostra* desde que o material a isso se preste” (Bardin, 2016, p. 127).

Nesse processo analítico, nos deparamos com a terceira regra, que diz respeito à homogeneidade do estudo. Isso significa que os documentos escolhidos “devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios”, (Bardin, 2016, p. 128). E, por último, temos a regra da pertinência que, para Bardin (2016, p. 128), “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”.

Ao pensarmos na formulação das *hipóteses* e dos *objetivos*, seguimos as reflexões de Bardin (2016, p.128) quando a mesma compartilha que “uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar)” à medida que nos utilizamos dos procedimentos de análise. Por sua vez, a autora acrescenta que o *objetivo* é “a finalidade geral que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior)” e, ainda, “o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados”. Vale pontuar, conforme nos pondera a pesquisadora, que ter previamente um *corpus* de hipóteses não é uma regra obrigatória para a análise de conteúdo, já que a mesma pode ser feita sem ideias preconcebidas. Ou seja, podemos compreender, em tempo real, o que os achados dizem diante do fenômeno estudado.

Já com relação à segunda etapa da Análise de Conteúdo (a exploração do material), Bardin (2016, p. 131) diz que esta fase, longa e fastidiosa, “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Em outras palavras, é o momento de organizar os achados de maneira que possam ser efetuadas interpretações continuadas diante do fenômeno analisado. Por sua vez, a terceira e última etapa corresponde, exatamente, à interpretação ou tratamento dos resultados. Nesse sentido, recorrendo novamente à autora Bardin, podemos compreender que:

os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos... O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (Bardin, 2016, p. 131)

Feitas essas considerações pertinentes às práticas metodológicas adotadas neste estudo, no tópico a seguir explicaremos de maneira mais direcionada qual ob *corpus* de análise dessa dissertação e os potenciais caminhos reflexivos que foram definidos para a tentativa de estruturar os materiais de análise. De modo geral, os processos (re)interpretativos foram sustentados, na etapa formal, pela escolha e análise dos documentos (entrevistas e

imersão exploratória dos aplicativos), que permitiram acionar percepções críticas diante do processo analítico deste estudo.

4.3 Delimitação do corpus da pesquisa e segunda etapa da Hermenêutica de Profundidade

Como dito no item anterior, partimos de uma amostragem intencional dentro dos aplicativos e na escolha das entrevistas que compõem essa dissertação. Além da revisão bibliográfica contínua, também estruturamos o resultado de entrevistas realizadas com 4 homens (usuários e ex-usuários dos aplicativos de relacionamento). Trata-se de dois homens *gays* negros e dois bissexuais negros que compartilharam suas experiências ao utilizarem a rede digital. Com relação às etapas da coleta dos dados, dividimos a conversa em três grandes partes centrais: o período da infância e adolescência (e as relações com o corpo e sociedade); o uso do aplicativo de relacionamento e as questões sobre a hipersexualização. Quanto aos outros critérios de inclusão, foram previamente definidos como: homens negros *gays* e bissexuais que tenham entre 18 e 35 anos. As entrevistas ocorreram por mediação tecnológica.

Com relação ao perfil dos entrevistados, eles são: Nilton Barbosa, que é um homem *gay* e arte educador formado em técnico em dança; Giovanni Freitas é *gay*, jornalista e pesquisador de negritudes; André Luís é bissexual e estudante; e, por fim, Leonardo Alves (pseudônimo), que também é bissexual e jornalista. A escolha dos entrevistados aconteceu por meio de postagem nas redes digitais do autor da dissertação quando o mesmo procurava por potenciais homens que cumprissem os critérios pré-estabelecidos para compor o escopo de análise do estudo sobre a hipersexualização do corpo negro em ambientes digitais, especificamente em aplicativos de relacionamento.

Importante mencionar que as entrevistas tiveram, em média, a duração de quarenta minutos. Partimos de um roteiro de perguntas semiaberto, no qual tivemos três perguntas centrais: “como foi a sua infância/adolescência com relação às questões da negritude e sexualidade”; “quando iniciou o seu contato com redes digitais destinadas a relacionamentos entre homens” e “já percebeu processos de sexualização/objetificação do seu corpo nesses ambientes digitais?”. A partir desses pontos, que consideramos importantes, aproveitamos o momento de diálogo para tensionar aspectos oriundos das respostas dos entrevistados, permitindo elucidar dúvidas e estabelecer outros aspectos de reflexão.

Acrescentamos, ainda, que a definição de dois homens *gays* e dois bissexuais foi algo que ocorreu naturalmente, tendo em vista que nossos critérios eram apenas conversar com homens negros que utilizam ou utilizaram essas redes para relacionamento. A demarcação pela sexualidade (serem *gays* e bissexual) não foi uma decisão deliberada, embora tivéssemos

conhecimento que esses espaços contemplam esses dois públicos, além de outros. Nesse sentido, termos estes dois perfis de usuários foi um aspecto que nos possibilitou ampliar nossas percepções quanto ao tema, sem fugir do objetivo central do estudo.

Já na análise exploratória dos dois observáveis (Grindr e Hornet), além da verificação dos perfis de homens *gays* e bissexuais negros (no qual alguns indicam esta condição na descrição) dentro dos aplicativos, também observamos demais pontos pertinentes ao estudo, como: disposição das informações na interface, possibilidades de interação/contato, uso da geolocalização, serviços gratuitos e premium, filtros, hashtags possíveis, entre outros aspectos. Como critérios de escolha dos perfis, foram observados o dos usuários que sinalizaram ser negros; passivos, ativos, versáteis ou afeminados; as imagens que aparecem em seus perfis (se tem fotos que demonstrem “feminilidade”, o corpo desnudo, o rosto do usuário, entre outros aspectos) e demais pontos relevantes para a pesquisa, como o uso excessivo de imagens que sexualizam estes indivíduos. Para o registro dos dados, dentro dos observáveis, foram feitas capturas de tela.

A busca intencional nos aplicativos aconteceu durante cinco dias ao longo de cinco semanas e foram observados os dez primeiros perfis que apareciam a cada dia e selecionados apenas o que estavam dentro dos critérios pré-estabelecidos. Ao todo, foram escolhidos 10 perfis no Grindr e 10 no Hornet. Quanto aos campos perceptivos dentro dos mesmos, pesquisamos pelos filtros: idade, posição, tags (agora e amizade colorida), online agora e com fotos. Além disso, imergimos em uma análise geral para compreender as disposições dos perfis, as recorrências e ausências. Por sua vez, também utilizamos dentro dos observáveis os subsídios de buscas pelos filtros “negro, 22cm, black, passivo e ativo” para afunilar nossos resultados relacionados à temática maior.

Olhamos para os aplicativos a partir desses marcadores mencionados acima que nos ajudam a estruturar a segunda etapa voltada à análise de conteúdo da nossa metodologia central. Em um recorte mais quantitativo abrangente, os resultados nos mostraram o seguinte panorama: no Hornet com o filtro “passivo” foram 163 resultados e “ativo” apresentou 79 resultados, em ambos incluindo homens negros e brancos. Já a filtragem por meio do termo “negro” apresentou 79 resultados e o “black” foram mais de 200 perfis, uma vez que este inclui também os homens estrangeiros. Na filtragem pelo marcador “22cm”, encontramos 34 resultados (entre usuários brancos e negros). Ainda observando o Hornet, ao delimitarmos o campo de análise para os 10 perfis selecionados, dentro dos critérios estabelecidos, temos: 3 homens negros passivos; 5 usuários que se consideram ativos e versáteis ativos; 1 que se considera apenas versátil e 1 que não define esse marcador.

Por sua vez, no Grindr, durante nossas buscas, tivemos 300 usuários pelo filtro online agora. Afunilando para a filtragem por meio de “ativo” foram 600 usuários entre homens brancos e negros. Com relação à quantidade de negro ativos, entre os que foi possível verificar dentro dos critérios, contabilizamos 40 perfis. Isso porque, dentro desses 600, muitos usuários não têm fotos ou não se autodeclaram pretos. Com relação aos homens “passivos”, também observamos 600 perfis entre brancos e negros. Com o recorte para negros passivos, temos ao todo 36 usuários. Diferentemente do Hornet, não conseguimos realizar a filtragem pelo marcador “tamanho do pênis”. Já dentro do escopo escolhido no Grindr, temos: 3 homens passivos; 5 que consideram ativos e versáteis ativos; 1 que é somente versátil e 1 que não compartilha sua preferência de performance sexual.

Explicamos que embora o resultado quantitativo no Grindr e Hornet — quanto aos homens que se consideram passivos, ativos, versáteis ativos e os que não se definem — tenha tido exatamente a mesma distribuição numérica, esta não foi uma decisão deliberada e muito menos intencional. Dito isso, frisamos que em ambos aplicativos de relacionamentos nos concentramos em perceber como estavam dispostas as informações em suas biografias, especificamente quanto às suas buscas e “preferências” dentro dessas redes. Percebemos, ainda, que a maior parte das imagens dispostas nos perfis não mostravam o rosto do usuário e que, por sua vez, em regra, buscavam ressaltar mais as partes do corpo que entendem como ponto de desejo, a exemplo da barriga, pênis e nádegas. Além disso, o uso do próprio nome não é tão recorrente. Essas impressões nos auxiliaram no processo (re)interpretativo melhor desenhado nas páginas seguintes.

Assim sendo, a sistematização e explicação do processo analítico para coleta de dados que utilizamos na segunda etapa da Hermenêutica de Profundidade nos dá subsídios para seguir para o terceiro momento. Em virtude desse encontro indissociável das entrevistas e achados nos aplicativos é que assumimos a posição de realizar o momento (re)interpretativo deste estudo de maneira interconectada em formato de complementação de ideias e divergências, quando necessário. Entendemos, nesse sentido, que essas estruturas nos auxiliam na intenção de organizar os materiais coletados e relacioná-los com as compreensões analíticas oriundas das entrevistas. Nesse sentido, permitindo sempre acionar os caminhos reflexivos, já apresentados nos capítulos anteriores, que são imprescindíveis para contextualizar, recorrentemente, o estudo aqui proposto.

Compreendendo esses aspectos, reforçamos que tanto nas entrevistas quanto nos aplicativos buscamos identificar, selecionar, sistematizar e relacionar os conteúdos por meio de discussões teórica-críticas. Ter em mente esses pontos é fundamental para os próximos

passos mais direcionados da nossa metodologia de análise, na qual nos dedicamos a dialogar, de maneira interligada, a respeito das reinterpretações dos conteúdos encontrados.

4.4 Interpretando e reinterpretando os observáveis de análise

Direcionar, formalmente, o olhar para os achados dentro dos aplicativos de relacionamento em diálogo com os resultados das entrevistas é uma etapa fundamental para este estudo. Observamos, contudo, que as reflexões têm sido realizadas ao longo de todo o texto e, neste momento, nos concentramos em afinar ideias, potencializar caminhos perceptivos com base nos materiais propriamente localizados em cada um dos observáveis. As etapas anteriores da nossa metodologia seguem transversalmente nas páginas seguintes, conversando simultaneamente e, dessa forma, nos dão apoio para entender como os corpos negros se apresentam dentro dessas redes digitais.

Em uma percepção mais ampla é possível observar que boa parte dos perfis de homens negros dentro de ambos aplicativos não se apresentam, por meio de tags ou descrição, como pessoas pretas. Muitas vezes, é algo colocado como tácito. Enquanto pesquisa teórico-crítica, nas imersões exploratórias nos questionamos o que significaria não se dizer negro dentro de um espaço digital que tem potencial para estigmatizar um corpo, exigir certos comportamentos e esperar determinadas características físicas. Embora não tenhamos investido em uma pesquisa que visasse dialogar com os relatos dos próprios usuários dos perfis que selecionamos nas redes, deixar de lado este ponto de reflexão seria negligenciar os eventuais desdobramentos deste estudo.

Com isso queremos dizer que, dizer-se negro, em qualquer ambiente que seja, exige coragem e extrema compreensão de suas vontades, desejos e, principalmente, o impacto que essa afirmação pode ter na vida do outro. Explicamos: não nos referimos à ideia de esperar por uma aprovação diretamente, mas no impacto negativo que isso pode causar, uma vez que do negro espera-se tudo que envolva um comportamento estereotipado. Mas também compreendemos que não se dizer negro nos aplicativos, por exemplo, pode envolver muitas questões que fogem ao nosso controle e compreensão, já que pessoas pretas são múltiplas, complexas e nem todas veem como fundamental apresentar-se com esse marcador ao mundo, mesmo que já estejam demarcadas por ele em qualquer ambiente que frequentem.

Por isso, quando abrimos os materiais de análise localizadas ao longo desta dissertação é possível compreender inúmeros pontos de atenção que os achados nos permitem refletir. O corpo negro — e aqui defendemos que estão impregnados pelas marcas racistas, sexualizadas e estereotipadas oriundas de processos de escravização desses indivíduos — tende a se

apresentar por meio de características mais eróticas. Entendemos, sem dúvida, que os espaços analisados têm como premissa a negociação sexual, contudo insistimos na compreensão de que as amarras racistas fazem com que a pessoa preta tente se encaixar em espaços estereotipados para se sentir aceita, amada ou desejada. Sustentamos essa observação por meio dos relatos dos entrevistados que compõem também esse estudo, que nos dão, cada um dentro de suas vivências, respostas similares quanto à necessidade imposta de serem o negro viril e másculo dentro dessas redes digitais.

Também observamos em amplitude que os corpos negros de *gays* e bissexuais dentro dos aplicativos são imbricados pelas amarras da sexualização a partir de sua apresentação: em regra, se mostram desnudo, estimulando o desejo por seus corpos e ressaltando o tamanho do pênis. Há, ainda, aqueles que já investem em processos de melhor autoestima, compreendendo-se como um negro no mundo e estimulando boas práticas consigo mesmo ao entender suas necessidades, possibilidades de amar e busca por respeito dentro desses ambientes digitais. Embora esses perfis apareçam com menor recorrência no nosso processo analítico, eles nos mostram que os efeitos do empoderamento negro têm auxiliado na autoaceitação.

Entrando propriamente nos perfis analisados, percebemos que alguns deles tendem a reforçar alguns preconceitos vinculados à ideia de virilidade do homem negro. Um dos perfis do Hornet, por exemplo, tem como usuário “negãokvalão”, remetendo a si mesmo como um negro de pênis extremamente avantajado. Além disso, a expressão kvalão (conforme escreveu o usuário) leva o corpo negro, mais uma vez, à ideia do animalesco, selvagem e não-humano. Questionamos, reiteradamente ao longo dessa dissertação, os encargos negativos que essas expressões e percepções provocam na vida da população negra. Entendemos, nesse sentido, que quando uma pessoa negra reforça esses estereótipos diz respeito a como a estrutura racista ainda movimenta a sociedade, fazendo com que haja reproduções de preconceitos, mesmo aqueles tidos como vantagens e características positivas.



Figura 5: Perfil do Hornet “negaokvalao”

Não queremos dizer com isso que uma pessoa negra não pode ter um pênis grande, mas sim que não pode haver associação cristalizada quanto a essa afirmação. Além disso, no final da biografia o mesmo diz que está disponível para quem não dispensa “uma boa pik de negão”. Isso, novamente, reitera a construção do negro pelo viés falocêntrico. Sem contar que isso confirma como as amarras do racismo podem levar o negro a ver a si mesmo como apenas um objeto sexual que precisa cumprir todas as expectativas para ser aceito e amar. Quando relacionamos essas reflexões com as experiências dos entrevistados Leonardo Alves e André Luís, ambos concordam que, muitas vezes, foi necessário adequar-se às expectativas impostas dentro dessas redes de relacionamento homoafetivo.

Especificamente, o entrevistado Leonardo Alves endossa que existe uma expectativa posta sobre sua atuação sexual e comportamental constantemente o que, certamente, afeta sua autoestima, relação consigo mesmo e põe em xeque suas pluralidades de amar. No processo de construção de suas reflexões e percepções sobre a temática, expressa que o mito do negro viril, másculo e não saciável implica diretamente nas tentativas de contatos dentro dessas redes digitais. Pontua, inclusive, que ser negro bissexual exige adequar-se a todas as expectativas que permeiam as ideias em volta do indivíduo “macho, sarado, do pênis grande e ativo”.

Isso é uma coisa que eu não sou e isso me afeta. Qualquer coisa diferente disso (do negro viril), você está forçando uma personalidade sua. E eu, por um bom tempo, pensei que era assim que eu deveria ser. Daquele jeito. Tanto que eu tentei realmente. Eu queria me experimentar, descobrir, seguir aquele padrão, regras, normas, mas eu fiquei muito mal mesmo no sentido de me perguntar por que eu não era daquele jeito e sou desse jeito? Até mesmo nas minhas relações sexuais eu broxava mesmo, porque não conseguia ser eu. Era uma expectativa para a performance de algo que não sou. (Alves, 2021)

Acionando o Grindr, percebemos que a disposição de elementos e apresentação é bastante similar ao Hornet. Dentro do Grindr também é comum os usuários negligenciarem o nome e se apresentarem por adjetivos que ressaltem determinados atributos. Quando bebemos das conceituações de Saraiva (2022, p. 255) sobre a vida virtualizada, entendemos que alguns perfis tentam valorizar “atributos físicos dos usuários e frases de efeito, o que destaca uma espécie de tensionamento contínuo em torno do consumo de corpos de forma virtualizada”. Isso porque, ainda de acordo com pesquisador, não podemos compreender a chamada virtualidade sem as implicações de uma sociabilidade e, por conseguinte, esses processos não ocorrem de forma separada.

Retornando ao Grindr, um dos perfis selecionados para esse estudo se identifica como “e ai, bora?”, que utiliza emojis específicos para reforçar suas características sexuais: uma berinjala (simbolizando o pênis grande) e pêssego (bunda grande). Isso dialoga muito com a posição sexual do usuário: ser uma pessoa versátil. Além disso, a primeira foto do perfil é dele de cueca branca, marcando o volume do pênis. Esses recursos utilizados mostram como o usuário, muitas vezes, busca expressar-se para o outro a partir de características físicas sexuais.



Figura 6: Perfil do Grindr “e ai, bora?”

Na sua descrição do perfil, ainda apresenta alguns pontos e comportamentos que são coerentes com o nome que utiliza na rede: se considera passivo, versátil e ativo. Outro aspecto que chama atenção, dialogando com o que foi pontuado em alguns momentos da dissertação, é que o usuário diz não curtir pessoas acima de 38. Em uma de suas tags, o mesmo ainda diz que prefere novinhos. Nesse texto, já colocamos que, para além das imagens sexualizantes, também há preconceitos contra pessoas consideradas mais velhas nessas redes. Ademais, uma outra foto dele é praticamente pelado: está sem cueca, de lado (com a bunda à mostra) e cobre parcialmente o pênis com a mão.



Figura 7: Perfil do Grindr “e ai, bora?”

Para além de pensarmos apenas nas imagens em si que são postas nessas redes, precisamos entender os potenciais efeitos que estão por trás das mesmas que, por sua vez, impulsionam comportamentos dos usuários diante de suas relações com o mundo. Quando resgatamos o que já dissemos no começo dessa dissertação, podemos lembrar que os corpos pretos sempre foram colocados à margem e, embora haja o estereótipo sexual do ser inusitado e exótico, na contemporaneidade é muito comum pessoas negras serem postas em segundo plano, tendo poucas experiências românticas, amorosas e/ou sexuais. Isso porque o racismo ainda é muito presente e gera danos muito visíveis, principalmente quando essa pessoa preta não se vê representada em inúmeros espaços.

Por isso, muitas vezes estar dentro dessas redes digitais de relacionamento significa para o negro uma possibilidade ínfima de encontrar afeto, burlando as experiências negativas de suas vidas no mundo físico. Nosso entrevistado André Luís compartilha, inclusive, que foi nessas experiências virtuais que viu seu corpo negro ser desejado pela primeira vez, ainda que dentro de uma lógica de objetificação exacerbada. Para ele, seu objetivo, geralmente, nem era o sexo em si, mas “me sentir desejado” (Luís, 2021). Podemos compreender este comportamento como reflexo de um corpo que, naturalmente, é posto em uma dicotomia que exclui reiteradamente esse ser das possibilidades de afetos à medida em que, também, pode ser aceito para suprir expectativas e desejos estereotipados.

Imagina só você crescendo sem nunca ter ouvido um elogio diretamente a você e, de repente, chega em um espaço (aplicativos de relacionamento) em que você é quase ovacionado por certas coisas. Eu lembro muito que falavam sobre três coisas: minha pele, sobre eu ser magro e a coisinha que está entre minhas pernas. Essas três coisas. Falavam que eu era muito legal, mas eu tinha consciência que tinha fetiche ali. Já tinha noção dessas coisas, então eu me protegia de certa forma. (Luís, 2021).

Uma semelhança bastante comum entre os dois aplicativos é os usuários usarem o comprimento do pênis para chamar atenção e reforçar sua virilidade. No Hornet, há um perfil que se apresenta como “@24cmgrossa”. Em alusão a isso, suas fotos mostram a barriga desnuda e o nome do perfil se define como “PauGrosso”. Esses aspectos nos chamam atenção enquanto tentativa de compreender os impactos da hipersexualização dos corpos negros, especificamente em como esses indivíduos se apresentam nesses espaços em função dos resquícios do racismo que, muitas vezes, condicionam suas atuações. Além disso, também é notório que apesar dessas informações preliminares o usuário não se considera um homem sarado e nem dotado. Isso nos faz questionar o que seria um corpo negro dotado? Qual deveria ser o tamanho e grossura do pênis ideal?

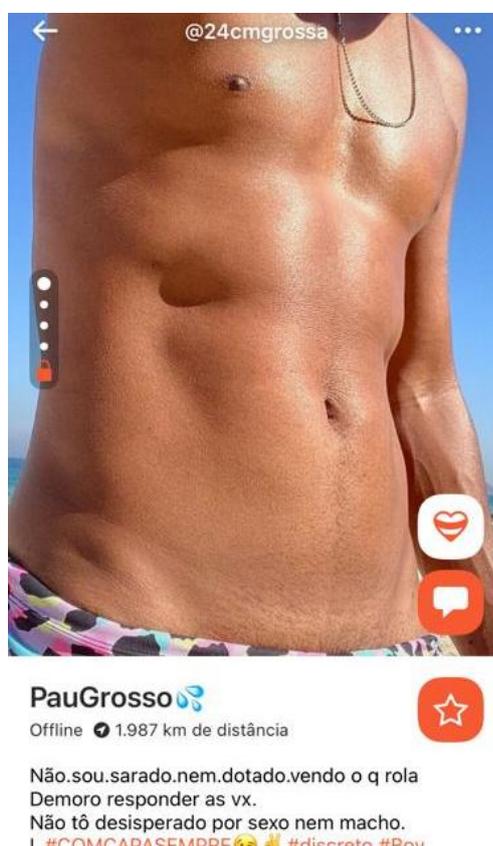


Figura 8: Perfil do Hornet “PauGrosso”

Dessa forma, fica nítido que tanto no aplicativo Grindr quanto Hornet é muito recorrente utilizar o campo de nome de usuário para ressaltar seu membro sexual. É muito comum colocarem apenas ativo, assim como fotos sem camisa mostrando o tronco desnudo. Em sequência às impressões dos aplicativos, percebemos que um dos perfis do Hornet que se considera bissexual — e faz isso por meio de suas tags — colocou na sua biografia um ponto que chama atenção: “não me envie foto de cu aberto”. Isso representa um aspecto muito trabalhado sobre o processo de sexualização do homem negro: a ideia de serem sempre viris ou precisarem, necessariamente, ter uma conversa estritamente com apelo sexual. E vamos além, inclusive, dialogando com a conversa que tivemos com Leonardo (que também é bissexual), quando o mesmo pontua que é comum homens e mulheres (brancos e negros) iniciarem conversas com ele enviando foto pelado e, em especial, do ânus/bunda. Isso reforça a ideia de que há um construto social em torno da figura do negro a partir do falocentrismo e ativismo sexual⁷.

Eu tinha muito problema com meu corpo e a maioria só saía comigo por causa do tamanho do meu pênis. Como se eu fosse uma máquina de sexo. Eu achava errado ter pau grande, porque as pessoas queriam sair comigo para transar e eu queria sair, conversar e beijar. Não queriam saber meu nome, idade e nem nada. Primeiro tinha a barreira do preconceito e, quando não, tinha a segunda coisa: a objetificação. É como se no meu corpo tivesse só pau. A maioria dos que fazem isso são homens brancos e isso afeta, principalmente, a autoestima. (Alves, 2021).

Nesse cenário, ao tensionar as imagens que são visíveis dentro dos aplicativos percebemos que esse corpo negro se apresenta de forma que realce as características que julga relevantes. No Hornet, por exemplo, o perfil do usuário “Lucas” utiliza uma foto de corpo todo, mas sem mostrar o rosto; usa apenas uma cueca e possui um corpo considerado malhado (pernas grossas e barriga sarada). Na sua descrição, exige que as pessoas interessadas em conversas sejam educadas. Ele também usa o adjetivo bonito para referir-se a si mesmo, caminhando um pouco no quesito de boa autoestima (que não é tão comum para pessoas pretas conforme expressado, inclusive, pelo entrevistado André Luís anteriormente).

Além disso, relacionamos isso por um caminho reflexivo vinculado à ideia de cuidado com o corpo, amplamente intensificada pelas mídias digitais e sustentadas pelas exigências compulsórias para a manutenção de uma estrutura física definida e ideal. Embora não tenhamos como afirmar indubitavelmente, podemos questionar se ser passivo (fato que tende

⁷ Quanto a esta expressão, nos referimos aos homens que costumam executar a prática sexual como ativos nas relações sexuais com outros homens.

a remeter negativamente à construção do homem negro com traços femininos (como algo ruim) foi combustível para o mesmo desenvolver um corpo considerado másculo que o negro deve ter nas suas tentativas de sociabilidades. Isso significa dizer que, mesmo passivo, por ser considerado padrão, isso facilitaria suas investidas em outros homens ou ampliaria a busca de pessoas interessadas por ele.



Figura 9: Perfil do Hornet “Lucas”

Por sua vez, o Grindr também nos permite ampliar nossos olhares reflexivos diante do fenômeno estudado, inclusive nos colocando que há diversidade dentro do escopo de análise delimitado. À vista disso, o perfil abaixo que se apresenta como “ativo” não possui tantos elementos que versem diretamente sobre as ideias em torno da virilidade negra construída como ideal. Na foto principal, mostra apenas parte do tronco e pernas (ambos com roupas). Na sua descrição, reitera ser apenas ativo na relação sexual e busca apenas encontros casuais. Aqui pontuamos a ideia de efemeridade que é transportada, também, para esses ambientes digitais. Compreendemos, nesse sentido, inclusive com respaldo de todas as entrevistas realizadas, que o corpo negro muitas vezes é aquele colocado como passível de descarte e não interesse.

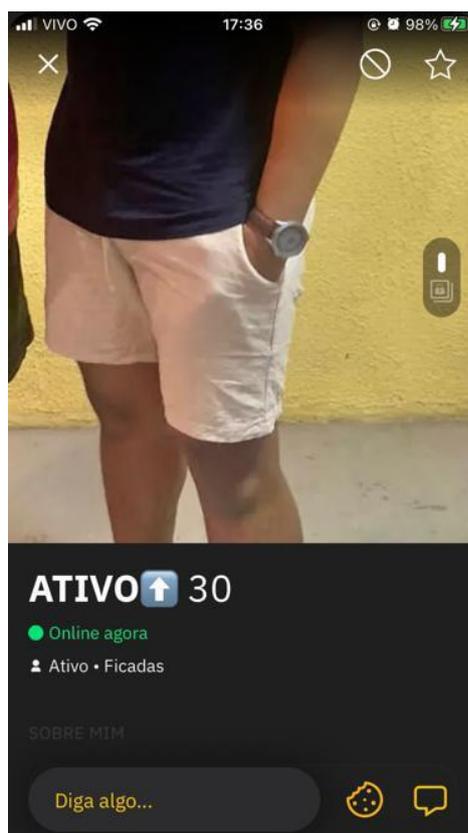


Figura 10: Perfil do Grindr “Ativo”

Quando vemos, nesse caso, pessoas pretas manifestando essa intenção de algo casual, isso pode nos levar a percepção analítica de ser uma atitude que reitera suas pluralidades de amar e desejos reais, sem uma possível influência das amarras racistas. Não somos levianos em afirmar que, sumariamente, todas as pessoas pretas que desejam encontros casuais têm compreensões exatas sobre si; ou, ainda, não podemos afirmar que todas as pessoas brancas que fazem o mesmo são racistas. Contudo, dialogando com a entrevista de Giovanny Freitas é notório que há estratégias racistas que inibem as possibilidades do negro em suas tentativas de afetividades genuínas, sobretudo diante do fenômeno da sexualização exacerbada desses indivíduos.

A hipersexualização é um tipo de situação que é recorrente, porque a gente vem de uma sociedade muito racista. Nessa parte de erotização e hipersexualização do corpo negro, como é um aplicativo que tem a fama de pegação (as pessoas entram e veem se tem alguém na vibe delas de transar), sempre existe esse estereótipo de “todo negro é pauzudo”. Já me falaram: “vou ficar contigo porque me disseram que você vai me arregaçar”. As abordagens na maioria das vezes têm esse teor. (Freitas, 2021).

Outra vertente de perfis localizados dentro dessas redes digitais versa diretamente com o que já pontuamos: há a reprodução de preconceitos dentro da comunidade LGBTQIAPAN+, especificamente, neste estudo, nos referimos às práticas de homens *gays* e bissexuais. O machismo, por exemplo, foi perceptível algumas vezes durante as imersões nos aplicativos. O usuário do Hornet, que se apresenta como “mlke discreto slgo”, deixa bastante explicitado em sua biografia na rede digital o que “prefere” e o que “recusa”. No seu perfil, nos dá a primeira impressão de estar em busca de pessoas, o que podemos compreender como algo amplo e diverso.

Contudo, logo na sequência cria uma série de restrições que considera ideal para agradá-lo. Nas suas palavras, diz “não curto mais velhos e nem ursos, gordinhos e afeminados”. Diante disso, reiteramos que há, também, discursos preconceituosos impulsionados por pessoas pretas dentro desses espaços. Quando uma pessoa negra nega a possibilidade de se relacionar com alguém negro e afeminado é, também, reforçar um sistema racista e machista que impera socialmente.

Não podemos assumir que não ficar com uma pessoa afeminada, por exemplo, seja resultado meramente de um gosto pessoal. Não assumimos esse lugar, já que compreendemos que gostar ou não de algo/alguém só pode ser legítimo desde que não fira o outro ou o relegue a condições de inferioridade, exclusão e repulsa. Não se trata, portanto, de gostar, mas sim de resquícios evidentes de práticas de machismo e, nesse caso, também de racismo. Isso porque o negro (*gay* ou não) precisa ser viril, másculo e falocêntrico para ser um “objeto” consumível e imbuído de desejo.



Figura 11: Perfil do Hornet “mlke discreto slgo”

Em consonância com o Hornet, no Grindr também vemos perfis que declaram os mesmos formatos de preconceitos. O usuário dessa segunda rede digital tem poucos elementos em seu perfil, mas uma descrição de sua biografia chama bastante atenção: “não curto afeminados”. Isso resgata o que já colocamos antes: que o homossexual também pode reproduzir preconceitos sociais, como o machismo. Não curtir afeminados significa dizer que negam tudo aquilo que entra no espectro da feminilidade que o homem *gay* e bissexual possa performar. Transitar nesse campo do feminino é gerar no outro indivíduo um distanciamento e negação. Frases como essa são muito comuns durante as conversas no aplicativo, conforme os entrevistados relataram. Muitas vezes, eles precisam assumir uma personalidade mais viril para serem aceitos quando buscam sexo, por exemplo.

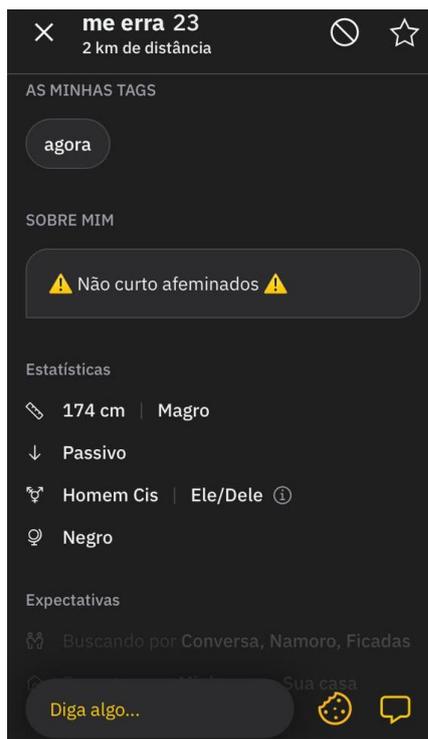


Figura 12: Perfil do Grindr “me erra 23”

Ao confrontar esse comportamento dentro do aplicativo com o relato de Nilton Barbosa, que se considera uma bicha preta afeminada, o mesmo reitera que quando consegue se relacionar com outros homens por meio dessas redes é comum que haja, posteriormente, um silenciamento ou negação daquele contato prévio. Explicamos melhor: quando esse outro corpo tem acesso a tudo que o negro afeminado tem a oferecer naquele contexto sexual, passa a esconder que se relacionou com alguém que possui esse perfil mais feminino. Em alguns momentos de nossas conversas, os demais entrevistados também pontuaram essa negação que recai sobre o corpo do negro afeminado. A recorrência dessa prática dentro da rede se materializa, em regra, pela exclusão desses perfis antes mesmo de qualquer contato; por outro lado, quando ocorre a consumação do ato sexual, no mundo físico, a tendência é que haja a exclusão.

Saí com pessoas que aproveitaram o momento, tiveram o que queriam e depois escondiam isso de todas as pessoas. Não só pela homossexualidade, mas também por estar se relacionando com uma pessoa preta com quem não quer ser visto: afeminada, mas que serviu completamente e que não teve problema para fazer sexo. Há essa objetificação de que você pode usar uma pessoa de um aplicativo momentaneamente e depois descartar. Mas esse corpo é uma resistência de todos os outros âmbitos de uma vida. (Barbosa, 2021)

Nas investidas dentro dos aplicativos, também localizamos perfis que visam suavizar sua negritude para serem aceitos. Especificamente no primeiro capítulo desta dissertação trouxemos diversos autores, a exemplo de Fanon (2008), que pontuam que o corpo negro muitas vezes busca encontrar caminhos alternativos para sofrer o menor impacto do racismo. Dizer-se moreno, em um mundo físico e digital imbricado de marcas racistas, é uma maneira comum para evitar as consequências ainda presentes dos anos de escravização no país. Entendemos que essa suavização, sem dúvida, é fruto do racismo estrutural e estruturante, conforme já pontuamos nas páginas anteriores.

Na outra ponta, além dos negros que tentam suavizar a cor de sua pele, também há as pessoas que utilizam desses mecanismos quando tentam se relacionar com homens pretos. Existe, socialmente, uma série de expressões que se apresentam como sutis, mas que carregam grande peso no processo de reforço de racismo, a exemplo da ideia do “moreno”, quando se referem a pessoas negras. Isso é um caminho possível de explicação para o contexto no qual negros também usam essas expressões para se sentirem menos pretos, já que representa estar um passo mais perto da branquitude e, conseqüentemente, da aceitabilidade. O entrevistado Giovanni Freitas, que já compreende sua negritude e a aceita, relembra que é bastante comum o uso desse adjetivo por parte de outras pessoas quando navega por essas redes e, inclusive, durante encontros presenciais.

A pessoa já chega e fala que “adoro um moreno como você”. Essa é uma forma de suavizar e dizer que você não é tão preto assim. Porém, têm a expectativa de por ter a pele escura represente *bem* a raça. Sempre são abordagens nesse sentido: a pessoa já chega para você, nem te manda um oi e já pede para ver tua nudez. Ela já quer confirmar aquela expectativa dela em cima de você para ver se tem condições de ela continuar falando contigo, porque, caso contrário, não rola. O papo já começa pelo sexo e se você não condiz com aquela expectativa como ser um negro dotado, não querem falar com você. Ou dizem: “se for para a gente ficar, só se você for um preto dotado”. Quando não é isso, é colocando o corpo negro em um laboratório de fetiche, sabe? (Freitas, 2021)

E essa dicotomia entre apresentar-se como negro ou não negro nos aplicativos é permeada de inúmeras nuances que deixam escancarado o impacto do racismo e sexualização deste corpo preto diante do mundo em suas tentativas de relações. A exemplo de um perfil no Grindr, podemos compreender lições fundamentais: 1 – o usuário é bissexual e utiliza o nome “18cm grosso”, dialogando com o que já frisamos outras vezes: o aspecto do pênis ganha fortes proporções e interesses para chamar atenção e ser aceito pelo outro; 2 – embora nas suas tags ao criar o perfil marque a opção negro, para definir a que grupo pertence, na sua biografia suaviza essa informação ao se apresentar apenas como “moreno”; 3 - também

pontua que tem um corpo “normal”. E isso nos leva a questionar o que seria um corpo normal: aquele dentro dos padrões e normas estéticas que o negro deve ter (forte, viril, malhado)? Ou seria aquele corpo negro que tem características mais eurocêntricas (traços considerados mais branco (leia-se, finos) em vez de negróides)?

Com relação à escolha deliberada de que informações os usuários decidem ou não disponibilizarem, reiteramos que não se trata de algo ao caso, uma vez que todas essas técnicas e estratégicas funcionam como potenciais formas de aproximar ou distanciar outros homens nessas redes de relacionamento, influenciando, inclusive, no sucesso ou fracasso que terão em suas experiências imersivas nos ambientes digitais para relacionamento. Isso porque tanto as “fotos quanto os campos onde a etnia do usuário se expressa em seu perfil são elementos que afetam diretamente na potencialidade de visualização deste perfil e no sucesso do usuário de marcar encontros” (Francisco, 2019, p. 43).



Figura 13: Perfil do Grindr “18cm grosso”

Somente a partir desse perfil do Grindr é notório que esta é uma discussão que não finda. Em complementação a essas percepções mais práticas e, digamos, materiais, percebemos que os relatos das entrevistas com os usuários e ex-usuários dessas redes permeiam também essas ideias envoltas nas características e comportamentos do negro, principalmente quanto à construção e manutenção da autoestima. Ser muito magro, negro e

baixo, por exemplo, pode ser um impedor para ter relações com outros homens. O entrevistado Leonardo Alves (2021) pontua isso de maneira muito enfática e ressalta, inclusive, que algumas vezes tem mais facilidades de encontros por ser considerado dotado (possuir pênis grande). Para ele, esse não é o seu melhor atributo, embora ceda a essas construções para satisfazer aos outros e ter o mínimo de prazer físico.

Só que acontece isso: converso, marco um encontro e só tem o ato carnal e eu desinstalo o aplicativo. Passei muito tempo só assim, mas digamos que isso não me ajudou na minha descoberta. Fez foi piorar o que sentia. Mas mesmo assim era a única oportunidade que eu tinha de me descobrir. (Alves, 2021).

Outro aspecto que nos chama atenção na imersão dentro dos aplicativos também dialoga estritamente com o que foi pontuado por Leonardo durante nossa conversa: os impactos da pornografia na construção imagética sobre a performance do negro nos atos sexuais é um ponto de importante análise. Em termos mais objetivos, queremos dizer que muitas vezes o negro é induzido pela produção audiovisual pornográfica a se comportar dentro de determinados recortes e comportamentos durante o ato sexual. Na outra ponta, o branco acredita veementemente que o negro performará aquele comportamento no ato sexual. Quem confirma essa observação já percebida em função de análises sociais recorrentes é Leonardo, quando diz que “em relação aos conteúdos pornográficos com os negros, olhava para aquilo e via a minha referência. Dizia que era assim que eu tinha que ser, porque, pelas conversas no aplicativo, era como se tivessem me impondo a ser aquilo”, (Alves, 2021).

No Hornet e no Grindr é possível encontrar perfis de homens que se apresentam enquanto garotos de programa e estão dispostos à negociação sexual por meio de pagamento financeiro. Nesses perfis, em específico, o apelo sexual é ainda mais pungente. Trazemos exemplos desses usuários, pois conversam transversalmente com o nosso processo analítico respaldado pelas experiências dos entrevistados que compõem essa dissertação. O perfil do Hornet “Chupador deCu 22cm” se apresenta como ator pornô e ressalta suas qualidades mais sexuais, como ter um pênis de 22cm. Entendemos que isso é um atrativo para quem está nessa área de trabalho.



Figura 14: Perfil do Hornet “Chupador deCu 22cm”

Além disso, o usuário também diz que curte fetiche, o que abre margem para a realização de inúmeras possibilidades sexuais, que não saberemos mensurar somente por essa informação. Como dito ao longo do caminho dessa dissertação, muitos processos de fetiches envolvendo pessoas negras se relacionam com pensamentos estereotipados. Certamente é um ponto que nos chama atenção e que, embora não possamos afirmar a partir do perfil do usuário, as entrevistas empreendidas neste estudo nos reforçam que diversificadas ideias de fetiches vinculados às pessoas negras têm como base comportamentos racistas. O entrevistado Leonardo, por exemplo, já relatou que precisou realizar, temporariamente, o fetiche de uma de suas parceiras, que dizia sentir tesão por negros que transavam loucamente. Compreendemos, portanto, que isso não se trata de um fetiche, mas sim de uma conduta racista.

Meu namoro mais duradouro foi com uma mulher. Não foi para frente porque ela esperava que eu fosse de um jeito e eu não era. Ela esperava um homem macho e bruto “de verdade”. Um homem que mandasse nela, dizia as coisas, que ela obedecesse. E eu não era assim. Eu sou mais sensível e gosto de escutar. Ela não gostou desse meu jeito na hora do sexo, pois esperava que a minha atuação fosse do homem mais viril. Isso já havia me afetado antes e me afetou de novo. (Alves, 2021).

A título de complementação, na nossa coleta de dados também encontramos outro perfil no Hornet que dá a impressão de estar interessado em sexo em troca de dinheiro. A maneira que expressa isso é muito sutil, mas compreensível. No seu nome de perfil se apresenta como “Bi\$\$sexual” utilizando os cifrões, o que nos leva a entender que aceita

dinheiro para encontros sexuais. Isso é reforçado quando diz, na biografia, ser fã de inúmeras coisas, entres elas mimo\$. Um aspecto diferente de alguns perfis analisados é que o usuário diz “curto os coroas”, se referindo a homens mais velhos. Embora entendamos que especificar esses marcadores de “preferências” seja algo carregado de preconceitos, é fundamental observarmos que este perfil vai na contramão dos demais que expõem aversão à ideia de velhice para seus encontros casuais ou sexuais.

Já no Grindr, também localizamos perfis que estão no espectro da prática pornográfica. O usuário “20CM Disp(onível) THE” dispõe de uma série de elementos que versam com seu trabalho e atributos corporais, como estar com uma foto sem camisa e numa posição que chama atenção. Não seremos levianos em afirmar que esses perfis se veem obrigados a colocarem-se como garotos de programa dentro do aplicativo em função de serem um corpo negro. Entendemos, contudo, que a construção do ser preto como exótico e estritamente sexual é potencializada nesses ambientes digitais em função da transposição e continuidade das práticas racistas influenciadas pela ideia de a internet ser um espaço isento de responsabilidades.



Figura 15: Perfil do Grindr “20CM Disp THE”

Decididamente mantemos a posição de que esses comportamentos voltados à ideia de exotismo negro são resultado de resquícios, inclusive, do consumo de pornografia com pessoas pretas. E, mais especificamente, adentrando nas questões que envolvem a não responsabilização em ambientes virtuais, acionamos novamente Saraiva (2023) que nos traz o

entendimento de que, muitas vezes, o virtual é visto com um espaço não concreto, gerando o conforto de realizar ações preconceituosas. Além disso, em função dessa virtualidade, torna-se mais “aguda a velocidade e a descartabilidade das relações sociais porque as relações virtuais são ‘inferiores’” (Saraiva, 2023, p. 248).

Dito tudo isso, obviamente percebemos que também há os perfis que reiteram a compreensão de si e o amor por sua negritude. Em nossas buscas dentro dos observáveis — com suporte das impressões das conversas com os entrevistados — fica evidente o quanto a chegada até esse entendimento de suas características e lugar no mundo é complexa e desafiadora. Ir na contramão de um sistema que alimenta o mito da virilidade negra, o exotismo sexual e o falocentrismo preto exige força e muita resistência contra as investidas racistas que são impostas recorrentemente a essa população no dia a dia. O conhecimento sobre questões raciais, a insurgência de movimentos sociais negros, o uso de ferramentas tecnológicas para expandir o debate sobre racismo no país são alguns dos exemplos de ações que têm sido executadas há muitos anos e que têm ganhado ainda mais impulso.

Por isso, encontrar perfis de usuários dentro desses aplicativos versando na contracorrente da reprodução de práticas racistas e, por outro lado, aproximando-se de suas próprias necessidades, desejos e vontades é algo que precisa ser fortalecido. Isso pelo motivo de representar o importante processo de autoaceitação, autoconhecimento e melhor autoestima. Embora possam parecer ideias abstratas e superficiais para algumas pessoas, são elos indispensáveis para a população negra que sempre viu, conforme sedimentado nas páginas do primeiro capítulo, suas culturas, valores e características físicas serem subalternizadas e descartadas com pouquíssimas possibilidades de defesa. Os nossos quatro entrevistados, mesmo que tenham relatado os impactos negativos do racismo em suas vidas desde o período da infância até o contato com os aplicativos de relacionamento, encerram a conversa observando que há avanços significativos em suas trajetórias e na dos movimentos negros.

Concordamos com essas afirmações ao longo de todo o nosso estudo. Ressaltamos, inclusive, que são esses pequenos avanços que têm servido de mola propulsora para o descortinamento das práticas racistas no país, contribuindo, assim, para um processo mais vigoroso de retificação do passado e construção de futuros mais humanizados e igualitários para a população negra. Dentro dos aplicativos, como relatado nos exemplos anteriores, a população negra se mostra ainda muito influenciada pelos estereótipos e visões racistas da sociedade, além de praticarem machismo e etarismo, que são questões sociais muito

complexas e que nossa dissertação não teve intenção de dar conta de todos os desdobramentos emergentes dessa realidade.

Apesar disso tudo, também observamos que há perfis nesses espaços digitais que alcançaram, minimamente, um lugar de entendimento de si e, mais do que isso, aprenderem a derrubar a cortina que impedia as sociabilidades de negros com negros. É um movimento que parece sutil e inofensivo, mas que tem potencial gigantesco quando falamos sobre vivências negras enraizadas em condutas racistas. Citamos o autor Fanon (2008) no começo dessa dissertação quando o mesmo traz exemplos de pessoas pretas que tinham como objetivo de vida casar-se com pessoas brancas. Essa relação social e desejo quase vociferante está atravessada pela ideia racista de que embranquecer seria o padrão de vida mais formidável para uma pessoa preta. Isso porque, se não pode mudar a cor de sua pele, firmar matrimônio com uma pessoa branca bem-sucedida pode ocasionar algumas regalias, como a introdução em ambientes majoritariamente brancos.

Aprofundando as ideias dispostas por Fanon (2008), o autor traz reflexões importantes sobre como o negro tende a possuir um ego que o conduz a querer tornar-se branco a todo custo e a qualquer tempo. Negar a sua existência e aderir à existência do Outro (neste caso, o branco) é como um estímulo para sua ascensão social e crescimento interno. Caso não alcance esse status, é como se suas relações sociais não comprovassem sucesso e, conseqüentemente, sua progressão de classe social. Isso quer dizer que, para ter êxito, precisaria da aprovação do branco.

Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. (Fanon, 2008, p. 60)

Exatamente por isso ressaltamos esses perfis nos aplicativos que veem a importância de suas negritudes e aceitam-se como são. Podemos alinhar que a não apresentação de forma tão sexual é um indicador dessa aceitação, pois fica evidente que ser negro no mundo não tem vínculo necessário com o comportamento meramente erótico. O uso do próprio nome em vez de expressões que remetam ao órgão sexual e posição na hora do sexo também são pontos que nos levam a essa compreensão. Além disso, a afirmação mais diretamente do amor negro é indubitável quanto à certeza do movimento de autoaceitação. No Hornet, dentro de nossas

buscas no aplicativo, encontramos o perfil abaixo que, expressamente, declarou ser “apaixonado por negros”.



Figura 16: Perfil do Hornet “👑👑”

Essa afirmação versa diretamente, e em especial, com as conclusões obtidas durante a conversa com Giovanni Freitas (2021), quando o mesmo reiterou constantemente a importância do empoderamento negro, inclusive, dentro de ambientes digitais. Assumir sua negritude e o desejo de estar com outras pessoas negras, segundo o entrevistado, é fundamental para que haja mais equidade, respeito e formas de amar. Isso porque estar com outras pessoas pretas facilita muitas compreensões sobre as afetividades negras, que são carregadas de aspectos únicos e vivências parecidas quanto à possibilidade de exclusão e aceitação em alguns ambientes sociais (físicos e virtuais).

Esses estereótipos sobre o preto viril recaem sobre a gente de uma maneira até diferente. Essa expectativa que as pessoas têm acaba passando para a gente. Se você é preto, “viado” e não cumpre essas expectativas é como se você fosse relegado ao descaso. E ainda vem a questão da pressão do próprio corpo: “você pode até não ser malhado, mas você tem o pau grande?” E se você é preto, seu black só vai ser bonito se for mola. Se você usar trança, tem que ser no mínimo malhado. Se você é preto, tem que ter aquele jeitinho de malandro. Então, ainda tem esse estereótipo de esperar que seja um preto com cara de ladrão. (Freitas, 2021).

Dialogando com a linguagem imagética, na foto do perfil do usuário (no print acima) também o vemos sem camisa, mas, além disso, mostra todo o seu rosto⁸. Sem contar que utiliza tranças que parecem ter sido feitas com jumbo, sendo um aspecto bem marcante do movimento de empoderamento capilar negro. Certamente usar os cabelos dessa forma representa um importante elemento de valorização cultural e afirmação da importância do cuidado com o preto. Não queremos dizer, contudo, que todas as pessoas pretas que utilizam tranças são, necessariamente, compreendedoras das teorias raciais, estão à frente de movimentos políticos, entre outros; queremos afirmar, nesse caso, que usar esse elemento tão representativo relaciona-se diretamente com a fundamental consciência negra diante de um mundo ainda muito racista. No caso desse usuário assumimos essa compreensão quando o mesmo afirma amar pessoas pretas. Amar é um verbo importante para o negro, especialmente quando o seu lugar, desde os períodos de escravização, foi muito mais voltado às necessidades braçais e sexuais, sem possibilidades de amar efetivamente.

E “Siro”, usuário do Hornet, também foge de algumas características estereotipadas. Quanto aos aspectos comuns aos demais materiais de análise, o mesmo tem fotos mostrando partes do corpo e reforça que está em busca de sexo. No que diz respeito às informações diferentes, é o primeiro, dentro das nossas buscas exploratórias, que salientou não ser um homem “socador ou dominador” na hora do sexo. Isso é importante e chama atenção porque, em regra, o negro é visto por essas características. Quando este corpo preto compartilha com o mundo essas suas formas de afetividades (no caso, gostar de sexo calmo e carinhoso) gera estranheza, repulsa, mas, também, pode ser um canal para evitar situações constrangedoras e racistas.

⁸ Borrámos o rosto para garantir o sigilo do usuário dessa rede, uma vez que não temos o termo de autorização de uso de imagem.



Figura 17: Perfil do Hornet “Siro”

Indo além: ter consciência de suas vontades e necessidades faz com que não percam suas identidades e singularidades relacionais quando se desafiam a estar com outras pessoas. Citamos essa compreensão em reforço ao depoimento de Leonardo Alves, no qual o mesmo frisou que já teve, muitas vezes, que silenciar sua preferência por um sexo carinhoso e tranquilo para realizar a performance de um negro selvagem e animalesco, já que socialmente sua atuação na cama foi construída dessa forma. Geralmente, por receio de ser esnobado, excluído e subvertido a nada, finge ter características que não tem e negligencia os próprios desejos em busca de aceitação supérflua e toque físico.

Fico ocultando um lado meu que eu quero mostrar para pessoas: que sou uma pessoa amável, legal, simpática, bacana e uma pessoa que pode ter uma relação sexual casual. (Quero) mostrar a minha forma de ser, sem precisar forçar um personagem. (Alves, 2021)

Em nossa análise no aplicativo Grindr, a partir da exploração intencional, esse foi o único perfil (abaixo) dentro dos critérios pré-estabelecidos que mostrou seu rosto e, contudo, não há seu nome oficial. Em amplitude a essa percepção, pontuamos que, muitas vezes, não mostrar o rosto ou nome é uma forma de garantir o chamado sigilo. Esse sigilo pode ocorrer

por inúmeros motivos: ser um homem casado com mulher ou não ser “assumido”, por exemplo. O entrevistado Giovanni Freitas traz outro ponto válido para essa discussão: manter-se em sigilo garante à pessoa LGBTQIAPN+ a segurança do lar, tendo em vista os inúmeros relatos de violências físicas, simbólicas e familiares que ocorrem quando se aciona o dispositivo de controle “sair do armário”⁹. Segundo o entrevistado, esse é um tema delicado porque é comum de ocorrer essa expulsão devido à sexualidade divergente da norma esperada, tendo em vista já somos construídos “em cima desse medo: ‘se você falar para sua família talvez seja posto para você de casa, apanhe e seja deserdado’. Vários pais e mães não colocam como legítimo aquele filho por causa da sua sexualidade”, (Freitas, 2021).

Fechado esse parêntese complementar, retomamos ao exemplo do aplicativo Grindr, especificamente analisando a forma que esse perfil se descreve. Sutilmente, pontua algo que expressa o processo de negociação sexual dentro do aplicativo: não tenho local. Isso significa dizer que está disposto a sexo desde que haja um lugar. É um código sutil, que não deixa de ser explícito para quem navega nesse ambiente. Porém, o que mais chama atenção na sua descrição é o fato de reiterar que todos são bem-vindos (a conversar e relacionar). Essa afirmação dá margem para o entendimento que se trata de uma pessoa aberta às possibilidades e pessoas, sem distinções pré-concebidas.

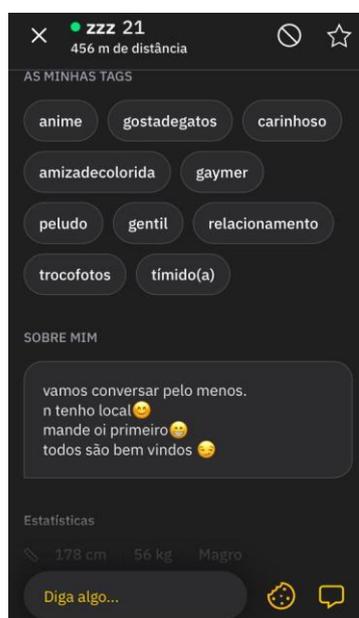


Figura 18: Perfil do Grindr “zzz”

⁹ Expressão utilizada para se referir a pessoas que contam a seus familiares, amigos e socialmente que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Encerrando a percepção oriunda dos aplicativos, no Hornet encontramos um perfil que, especificamente, demonstra uma completa aceitação de si e consciência dos preconceitos sociais que estão em volta de pessoas que fogem das normas padrões (nesse caso, o ser branco, malhado e magro é visto como o ideal). Há, nesse sentido, um processo de empoderamento muito evidente na sua permanência dentro do aplicativo que, por sua vez, pode ter forte reverberação nas formas que se relaciona com as outras pessoas dentro da rede. Ademais, observamos que o perfil do “Paulo” é um dos poucos que mostra o rosto e utiliza nome próprio para sua identificação e navegação nesse espaço virtual.



Figura 19: Perfil do Hornet “Paulo”

Na biografia, diz que é “forte/grande/gordinho/parrudo” e acrescenta que as pessoas podem chamá-lo do que quiserem, mas não se importa. Isso evidencia que o usuário tem boa autoestima e também expressa que os comportamentos preconceituosos são comuns na rede. Apresentar-se dessa maneira, portanto, serve como um inibidor para eventuais ataques verbais e violências simbólicas. Atuar dessa forma tem sido uma estratégia adotada por muitos usuários, que prezam pelo mínimo de conforto dentro dessas redes. O entrevistado Nilton Barbosa (2021), em suas compreensões, aborda que “muitas vezes, quando você se mostra, veem que é uma pessoa preta, quando não é o padrão que procuram, sofre”. Em discussão com tudo que foi apresentado nas páginas acima, Nilton também conclui que os aplicativos podem ser um “refúgio tóxico, no qual as pessoas (pretas) que desejam algo estão lá para obter e muitas vezes saem machucadas”.

Esse cenário, no qual exige-se do corpo negro a performance de uma masculina cristalizada, nos remete às reflexões que bell hooks nos convida a fazer continuamente. Nesse sentido, condicionar um grupo de homens negros (*gays*, bissexuais, heteros, entre outros marcadores sociais) a agir de maneira única é reduzir uma vasta pluralidade de afetos e desejos a uma caixinha estereotipada e incompleta. Em concordância com hooks, entendemos que quando apagamos as realidades de homens negros que, por sua vez, têm diferentes entendimentos de masculinidade, colocamos “uma representação rasa e unidimensional no lugar dessa complexidade vivida” (2019, p. 148).

Exatamente por isso, encontrar perfis como o de “Paulo” (apresentado acima), que tem esse comportamento de autoaceitação e empoderamento, é um imprescindível catalisador para a materialização dos desejos que os entrevistados para essa dissertação possuem: que os ambientes digitais e físicos estejam livres de preconceitos raciais e, dessa forma, permitam que sejam eles mesmos. Consequentemente, que não precisem cumprir as expectativas postas para sua atuação na cama e fora dela; sem as amarras associadas a seu corpo e, também, sem inúmeros condicionantes repletos de estereótipos que impedem que explorem suas pluralidades, sociabilidades e afetividades singulares e necessárias.

Até porque, concordando com Fanon (2008, p. 126), o “preto é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper este círculo infernal, ele explode”. Compreendemos, portanto, a palavra explosão em um sentido metafórico que simboliza a insurgência de corpos negros (em sentido amplo, abrangente e inclusivo) frente a um sistema racista que está sustentado em relações de poder que implicam em questões econômicas, sociais e culturais que colocam a pessoa preta na base da pirâmide. Por isso, ao insuflarmos comportamentos que se baseiam em respeito, equidade e afetividades legítimas percorremos um caminho mais linear e favorável a vivências pretas socialmente, inclusive, dentro de aplicativos de relacionamentos e nas aparições nas mídias jornalísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos nessas linhas finais da dissertação, nosso objetivo não é colocar um encerramento cristalizado sobre as questões que circundam as corporeidades, afetividades e sociabilidades da pessoa preta, a exemplo dos homens *gays* e bissexuais, que foram nosso foco de análise a partir de suas experiências em aplicativos de relacionamento. Nossa intenção, ao contrário, é utilizar esse espaço reflexivo para acionar e reativar o fenômeno analisado, nesse exato movimento contínuo de idas e vindas, de modo que possamos tensionar as fronteiras empírica-teórico-críticas colocando, dessa forma, em evidência discursiva as experiências de homens negros em suas tentativas de interações amorosas românticas e/ou sexuais frente a um mundo que ainda é impulsionado por práticas e construções imagéticas racistas sobre a corpora preta.

O caminho que traçamos da primeira página desse estudo até este momento, no qual ousamos tecer ideias conclusivas — mas que, de forma alguma, encerram a temática —, nos permitiu revisitar o contexto racista imposto à população negra, mantendo, quando necessário, o olhar ao passado e estimulando o anseio por um futuro mais igualitário, sem negligenciar, contudo, as violências físicas, simbólicas e imagéticas sofridas por este grupo de pessoas antes e, agora, por meio de outras estratégias contemporâneas. Também temos questionado frequentemente a estrutura social que coloca o negro em situação de inferioridade social e, na mesma medida, no aspecto do desejo sexual efervescente sustentado pelo mito da virilidade negra. Ademais, construímos essas ideias vinculadas ao campo comunicativo acionando os portais jornalísticos, a técnica de entrevista e os próprios aplicativos de relacionamento que são, por si só, experiências comunicacionais impulsionadas, sobretudo, pelo instantâneo, efêmero e a desresponsabilização.

A construção de nosso estudo também se ateve, recorrentemente, aos desdobramentos dos contextos sócio-históricos que este corpo esteve e está submetido no dia a dia desde os períodos de escravização dos antepassados negros. Inclusive, termos direcionado olhares estratégicos para campos comuns à área da comunicação, a exemplo das práticas jornalísticas (tradicionais e alternativas) e das sociabilidades em ambientes digitais para relacionamento, nos garantiu um aprofundamento frente ao fenômeno. Fazemos essa pontuação necessária, pois visamos compreender esses indivíduos em suas experiências, interações e relações cotidianas, já que o ato de comunicar tem a ver com deixar agir o comum, significando “vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo” (Sodré, 2014, p. 9).

Realizado esse preâmbulo fundamental para a retomada do que foi discutido mais fortemente nas páginas anteriores durante o momento de análise e reinterpretação, nos atemos, a partir de agora, às percepções associadas ao aparecimento desses corpos nas redes analisadas, já que nossa intenção era entender como os mesmos se apresentavam nos aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet em diálogo com as experiências de usuários e ex-usuários das referidas redes. Em ambos os casos, os resultados, conforme expresso no capítulo anterior, trazem compreensões pertinentes ao tema estudado, contribuindo para a área comunicacional enquanto uma potência questionadora dessas relações estabelecidas socialmente e que, em regra, estão imbuídas de preconceitos.

Com relação ao aparecimento desse corpo negro dentro dos aplicativos, condensaremos nossas percepções nos seguintes aspectos já mencionados: esses indivíduos, dentro das redes, se apresentam por meio de reproduções de percepções racistas, como a valorização do tamanho membro sexual como um atrativo “animalesco”, além de haver a perpetuação da ideia de preto voraz e não saciável na hora do sexo, seja por meio de imagens que ressaltam suas genitálias ou do corpo desnudo; também há a prática, por partes de homens negros (que foram nossos observáveis) de algumas violências simbólicas, como a negação de corpos que performem feminilidade, sejam gordos e “velhos”, por exemplo.

Em sequência à nossa tentativa de sintetizar os achados, foi perceptível que esses corpos negros estão estimulados pela consciência de que ser menos preto, apesar de tudo, é um objetivo de vida. Por isso, foi comum ver perfis dentro das redes que tentaram suavizar suas negritudes por meio de palavras como “moreno”. Essa autoafirmação, que nega sua essência, chama atenção, pois demonstra que social e mentalmente muitas vezes a pessoa negra está condicionada a aceitar que deveria alcançar o perfil eurocêntrico considerado ideal, implicando, inclusive, no receio de buscar afetividades verdadeiras.

Ademais, mostrou-se frequente que existe um impacto fortemente influenciado pela construção do negro sexual por meio do consumo de pornografia. Queremos dizer que alguns perfis negros, que trabalham no ramo, se apresentam estritamente pelo aspecto sexual. Entendemos que se tratam de estratégias inerentes à “venda” desse corpo, mas não podemos negligenciar que reproduzem algumas ideias estigmatizadas vinculadas ao corpo preto, que, em amplitude, tem se esforçado para deixar as amarras racistas postas às suas vivências.

Por outro lado, indo na contramão dos homens negros que estão influenciados por comportamentos oriundos do racismo estrutural e estruturante, também foi observado usuários que compreendem suas pluralidades, aceitam seus corpos, negritudes e estimulam práticas mais saudáveis de relacionamentos casuais ou meramente sexuais. Há, nesse sentido,

perfis que negam a construção de virilidade negra como algo indubitável e apresentam-se como homens “não dominadores e não dotados”. Simbolicamente, isso representa um encontro de suas vontades, desejos e subjetividades nas interações dentro desses ambientes comunicacionais.

Em diálogo com o material coletado nos aplicativos, as entrevistas com os quatro homens negros (*gays* e bissexuais) nos trazem percepções que se conectam com que foi percebido, principalmente quanto aos impactos do racismo materializado na forte sexualização do corpo e exigência de um comportamento colocado como padrão, mas que não condiz com as singularidades de cada um desses indivíduos. Com isso queremos dizer que alguns de nossos entrevistados ressaltaram que, por bastante tempo, tentaram se encaixar dentro do recorte de negro viril, másculo e ativo incansável nas relações sexuais, embora essas não fossem suas verdadeiras intenções e personalidades. Inclusive, acreditaram que precisavam performar atos sexuais igualmente aos negros em filmes pornográficos.

Assim como em alguns perfis dentro dos aplicativos, esses homens entrevistados também investem cotidianamente em estratégias para compreender suas particularidades e autoaceitação em um mundo imperado por estereótipos negros, mesmo dentro da comunidade LGBTQIAPN+, como já pontuamos em momentos anteriores neste estudo. Nossos entrevistados mostram, dentre tantos pontos, que o racismo ainda opera sutil e ferozmente nas tentativas de sociabilidades negras, realizando a manutenção de diversos estigmas, especialmente sexuais, mas também observam que já há avanços na luta contra as práticas racistas dentro desses espaços comunicacionais.

Além disso, é importante mencionar que uma parte do nosso primeiro objetivo específico não foi comprovado, uma vez que percebemos como esses homens se apresentam, mas não identificamos, no processo analítico dos aplicativos, a recorrência de discursos de ódio que colocassem um grupo contra o outro. Em nosso processo reflexivo isso pode ser respondido porque nos concentramos em ver perfis de homens negros para entender como se apresentam nessas redes em vez de observar como usuários brancos se colocam nesses aplicativos. Independentemente da razão, na imersão dentro desses espaços digitais não observamos homens negros praticando discursos de ódio contra outros grupos, embora haja prática e reprodução de preconceitos, como machismo e gordofobia. Em complementação, salientamos que no processo de entrevistas também foi relatado que, muitas vezes, homens brancos deixam expressamente comentários preconceituosos e racistas durante as conversas ou encontros presenciais.

Quanto ao nosso segundo objetivo, percebemos que nos portais jornalísticos considerados tradicionais o tema da hipersexualização ainda se mostra ausente enquanto nos conteúdos produzidos nas mídias alternativas a pauta é recorrentemente trabalhada. Essas constatações se mostram válida e sintomáticas, especialmente quando entendemos que a comunicação permeia todas as formas de interações sociais alcançando grupos distintos. Por isso, o fato de o tema ser insuficientemente pautado nos espaços tradicionais de comunicação nos impele a executar um movimento de afirmação e questionamento se essa negligência (que pode ser deliberada) tem impacto direto nos processos de racismo no país. Afirmamos que tem influência, porque observamos que a mídia de resistência destina esforços para construir narrativas mais combativas e positivas sobre o negro. Por outro lado, questionamos quais interesses existem por trás da imprensa tradicional em evidenciar o negro mais pelo aspecto da violência, crime e morte do que por meio de assuntos que podem modificar o tecido social para estimular olhares mais críticos e humanizados sobre essa população

Na sequência complementar da nossa linha de raciocínio, pontuamos que alcançamos êxito no terceiro e quarto objetivo específico, uma vez que relacionamos e sistematizamos os conteúdos associados à hipersexualização dos *gays* e bissexuais negros presentes nos observáveis dialogando, assim, com as entrevistas realizadas com usuários e ex-usuários dessas redes. Sem contar que executamos um processo de reinterpretação dos nossos achados, permitindo empreender reflexões pertinentes ao assunto estudado nesta dissertação. Embora não tenhamos findado todos os aspectos que os materiais analisados têm a nos oferecer enquanto campo reflexivo, os tensionamentos executados transversalmente entre aplicativos e os diálogos já nos permitiram tecer caminhos sólidos, embora não imutáveis, sobre os corpos negros em ambientes digitais para relacionamento.

Com relação às hipóteses levantadas como um dos guias para nossas reflexões, as duas foram comprovadas tanto pelas experiências imersivas e reflexivas nas redes digitais quanto pelo conteúdo das entrevistas. A nossa primeira hipótese questionava se esses aplicativos de relacionamento voltados para o público *gay* e bissexual poderiam atuar como espaços nos quais se reproduz o fenômeno da hipersexualização desses corpos negros que, por sua vez, seriam impelidos a atuar em colaboração inconsciente com as construções estereotipadas em função dos resquícios racistas impregnados no tecido social.

Nesse sentido, o que vimos dentro dos aplicativos foram corpos negros que se apresentaram nesses espaços mais como interessados em cumprir determinadas construções sociais sobre o negro, principalmente quanto ao ato carnal e falocentrismo, do que ressaltar outras características suas que não fossem estritamente sexuais. Nos nossos achados

percebemos que enaltecer o tamanho do pênis no nome de usuário, utilizar fotos somente de cuecas ou praticamente pelados, assim como usar expressões que remetessem à ideia do animalesco são resquícios fortemente impulsionados pelas práticas racistas no passado e que ainda se apresentam na atualidade. Embora sejam as próprias pessoas negras que se apresentem dessa forma, em função de toda a estrutura racista que impera no país compreendemos que, na maior parte das vezes, se tratam mais de reproduções desses comportamentos imbricados de racismo e do qual o negro é, repetidamente, obrigado a estar presente.

Certamente, esse cenário dialoga com a nossa segunda hipótese defendida, na qual tensionamos que as consequências da escravização da população negra têm impacto na maneira que a pessoa preta se relaciona consigo mesma e com os outros em mundo físico ou digital. Partimos, inclusive, do questionamento voltado à ideia de que a sexualização exacerbada desses indivíduos tem relação significativa com o racismo estrutural e, por isso, o tema deve abordado na Comunicação. Dessa forma, entendemos, a partir de todo o nosso processo de escrita e leitura, que as marcas do racismo reverberam em todos os arranjos sociais como uma ferramenta de controle que impulsiona um grupo (branco) e subverte o outro (negro) até mesmo em suas relações afetivas e sexuais.

A imersão nos aplicativos nos deu um panorama de como o negro se vê socialmente, mais especificamente como ele se apresenta ao mundo e compartilha seus “desejos”. Mais uma vez ponderamos que em momento algum nosso estudo demoniza a prática sexual ou a construção de um corpo negro pelo aspecto da sedução, já que compreendemos que podem ser características intrínsecas desses homens. Nosso ponto de discussão vai além, já que questionamos o limiar que separa o desejo do processo de sexualização impulsionada pelas construções de estereótipos racistas. Nas redes digitais analisadas, as referidas expressões já mencionadas, assim como a maneira que esse corpo negro se “vende” nesses espaços, torna evidente que existe uma forte materialização dos problemas raciais que são muito fortemente impulsionados pelos próprios homens negros como uma cortina de sedução, mas que, no fim das contas, reforça uma série de estereótipos que não são verdadeiras para todos deste grupo.

Por isso, também salientamos que o tema deve ser abordado no campo comunicacional considerado mais “formal”, a exemplo do jornalismo. A mídia em tempos de rápido compartilhamento de informações continua a exercer forte influência e poder sobre a sociedade a partir de seus produtos jornalísticos, que chegam à casa da maior parte da sociedade. Defendemos, assim, que contar outras histórias sobre negros — que não permeiem somente o campo da violência, crime e morte — é fundamental para transmutar (ainda que

sutil e gradativamente) o imaginário preconceito sobre o corpo negro, que é reiteradamente construído, consumido e desejável pelo aspecto do exótico, inusitado e, em casos mais extremos, divino. É preciso, dessa forma, abordar o tema da hipersexualização em todos os seus níveis e profundidades e, sobretudo, que esse movimento ocorra para além do mês da consciência negra ou das “comemorações” que envolvem essa população.

Conseqüentemente, observamos que tanto os aplicativos quanto as entrevistas nos levam a perceber que nossas hipóteses têm força para serem ainda constantemente refletidas e tensionadas, já que o corpo negro muitas vezes tende a se vender como sexualmente desejável e viril — inclusive em função do consumo de pornografia — à mesma medida em que se distancia de si mesmo, de suas vontades, particularidades e formas de afeto para atender uma demanda social que é oriunda do racismo estrutural. São corporeidades e sociabilidades vendidas como iguais, mas, que, naturalmente, são únicas e potentes em suas maneiras de expressão, consciência e experiências sexuais, românticas ou casuais.

Por fim, insistimos que tensionar os problemas da hipersexualização de corpos negros em ambientes de comunicação (aplicativos e jornalismo) é um passo importante para a construção e, mais ainda, (re)construção, de saberes que visam colocar estes indivíduos sobre perspectivas mais humanizadas, iguais e que se pautem na consagração da equidade de afetos e experiências. Não queremos considerar este estudo encerrado, embora já tenhamos alcançado algumas conclusões importantes e válidas à temática aqui proposta enquanto dissertação. Por outro lado, mais do que finalizar, percebemos a importância do olhar para o campo da Comunicação, no qual esses corpos negros se inserem cotidianamente, como algo vivo e mutável, necessitando, exatamente por isso, que estejamos dispostos a avançar em reflexões sobre a sexualização de corpos negros *gays* e bissexuais nesses espaços comunicativos.

6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ARAÚJO, Denilson. **São Paulo contra o racismo: aspectos legais e ações afirmativas**. Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/Cartilha-Sao-Paulo-contr-o-Racismo-1.pdf> / Acesso em 10 de jun 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTOTI, Vitória. **Empreendedor traz rede social gay para o Brasil e conquista mais de 750 mil usuários**. Disponível em <https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2017/11/empreendedor-traz-rede-social-gay-para-o-brasil-e-conquista-mais-de-750-mil-usuarios.html> / Acesso em 22 de set. de 2023.

BAUER, Caroline. **Discurso de ódio e preconceito são liberdade de expressão!** 11 de maio de 2018. Disponível em <https://dissenso.org/discurso-de-odio-e-preconceito-nao-sao-liberdade-de-expressao/> / Acesso em 30 de jul. de 2023.

BERNARDES, Thaís. **Jornalistas negros desafiam abordagens racistas na mídia tradicional: plataformas apresentam olhar mais sensível às desigualdades sociais**. Entrevista concedida a Rafael Cardoso. Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2023-09/jornalistas-negros-desafiam-abordagens-racistas-da-midia-tradicional/> / Acesso em 03 de out. de 2023.

BELLAGAMBA, Lucia Rios. **O que é interseccionalidade e por que importa saber seu significado? Ideação**, 2022. Disponível em: <https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/o-que-e-interseccionalidade-e-por-que-importa-saber-seu-significado/> / Acesso em 10 set 2022.

BRITO, Amanda et al. A utilização de aplicativos de relacionamento. Disponível em <https://www2.ufrb.edu.br/reverso/14573-2/> / Acesso em 23 de jul. de 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10 ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO, Rafael. **Jornalistas negros desafiam abordagens racistas na mídia tradicional: plataformas apresentam olhar mais sensível às desigualdades sociais**. Disponível em <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2023-09/jornalistas-negros-desafiam-abordagens-racistas-da-midia-tradicional/> / Acesso em 03 de out. de 2023.

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em comunicação**. E- Compos, 24, 2021. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198/> / Acesso em 15 de nov. de 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019

COSTA, Kelvin. Liberdade de expressão e discurso de ódio nas mídias sociais. **Revista Eletrônica do Ministério Público do Piauí**. ano 1, ed.1, jan-jun, 2021. Disponível em <https://www.mppi.mp.br/internet/wp-content/uploads/2022/01/Liberdade-de-expressa%CC%83o-e-discurso-de-o%CC%81dio-nas-mi%CC%81dias-sociais.pdf> / Acesso em 30 de jul. de 2023.

DIANA, Lima. **Estereótipo**. Toda Matéria, 12 dez. 2018. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

DICIO. Fetichização. Disponível em <https://www.dicio.com.br/fetichizacao/#:~:text=Significado%20de%20Fetichiza%C3%A7%C3%A3o&text=%5BPsicologia%20Patologia%5D%20A%C3%A7%C3%A3o%20de%20reduzir,Fetichizar%20%2B%20%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em 30 de jul. de 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FAVERO, Cinthia. **O que é sexualidade**. InfoEscola. Disponível em <https://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/> acesso em 11 de abr de 2023.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”**. Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10819/7005/30063#:~:text=O%20g%C3%AAnero%20%C3%A9%20a%20estiliza%C3%A7%C3%A3o,59> / acesso em 10 de abr de 2023

FRANCISCO, André. De “lacraria” ao “negão de tirar o chapéu”: apontamentos sobre masculinidades e negritudes em aplicativos de encontros entre homens. **Revista da ABPN**. v.11, n.30, set-nov, 2019, p.39-53. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/807/729> / Acesso em 23 de jul. de 2023.

GAHAGAN, J. (1980). **Compor/amemo Interpessoal e de Grupo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GONZAGELZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em <http://www.forumgespir.sepromi.ba.gov.br/2021/12/20/racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira/> Acesso em 06 de dez. de 2023

GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Editora: Coleção 2 Pontos.

HIPOLITO, Elisa. **Hipersexualização do corpo negro feminino: entre o desejo e o desinteresse: o sofrimento que atinge mulheres negras em volta da construção de uma imagem hipersexualizada e a consequente solidão afetivo-sexual**. Entrevista concedida à Roseane Lopes. Portal Jornalismo Junior (ECA-USP), online, 28 de jan. de 2022. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/hipersexualizacao-do-corpo-negro-feminino-entre-o-desejo-e-o-desinteresse/> Acesso em 18 de jun 2022.

hooks, bell. **Reconstruindo a masculinidade negra**. In: olhares negros: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.

JUNIOR, Antônio. **Hipersexualização e segregação social do homoafetivo negro: uma análise crítica em torno da intersecção entre homofobia e racismo**. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=hipersexualiza%C3%A7%C3%A3o+e+segrega%C3%A7%C3%A3o> / Acesso em 29 de maio de 2019.

JUNIOR, Joilson Santana. **Racismo no Brasil e racismo à brasileira: traços originários**. O social em questão, nº 50, maio a ago, 2021. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52260/52260.PDF> / Acesso em 28 de jan 2022.

KON, Noemi; SILVA, Lúcia; ABUD, Cristiane. **O racismo no Brasil e o negro: questões para a psicanálise.** *Revista Brasileira de Psicanálise, Perspectiva*, V. 53, n.1, p. 267-272, 2019.

LACERDA, Nara. **Dos pasquins à internet: jornalismo negro atravessou séculos em luta contra o racismo.** Portal Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/26/dos-pasquins-a-internet-jornalismo-negro-atravessou-seculos-em-luta-contr-o-racismo> Acesso em 10 de nov. de 2023.

LIMA, Eveling; SILVA, Thiago; NEPOMOCENO, Virna. **A hipersexualização de corpos negros: o conto “Afrodisíaco”, de Cristiane Sobral e a imagem publicitária da “Devassa”.** *Revista do Coletivo Seconba*, v. 5, n. 1, p. 19-32, mar. 2021. Disponível em <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/seconba/article/view/10704> / Acesso em 25 de março de 2023. Acessado em: 04 de julho de 2023.

LOPES, Roseane. **Hipersexualização do corpo negro feminino: entre o desejo e o desinteresse: o sofrimento que atinge mulheres negras em volta da construção de uma imagem hipersexualizada e a consequente solidão afetivo-sexual.** Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/hipersexualizacao-do-corpo-negro-feminino-entre-o-desejo-e-o-desinteresse/> Acesso em 18 de jun 2022.

LOURO, Guacira. **Pensar a sexualidade na contemporaneidade.** Org.: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009.

MANENTI, Caetano. **Perto do fim da escravidão, 60% dos negros trazidos ao país eram crianças.** Uol, 13 de abri. de 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/13/perto-do-fim-da-escravidao-60-dos-negros-trazidos-ao-pais-eram-criancas.htm/> Acesso em 05 de maio. de 2022.

MIRANDA, Thaís. **Quando o palco encena e dirige a cena: pornografias digitais (talvez) amadoras e performances sociais.** Tese (Doutorado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Orient.: José Carlos Santos Ribeiro. Salvador, 2016.

MOURA, Tatiana. PERUZZO, Cicilia. Racismo na mídia brasileira. Anais. In: 7º Seminário de Comunicação e Territorialidades. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/37843> / Acesso em 03 de out. de 2023.

OMOLOJI, Van Sena. **A performance sexual dos homens negros e a morte da sinhá-lasciva.** Portal Alma Preta do Jornalismo, online, 29 de jan. de 2019. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/a-performance-sexual-dos-homens-negros-e-a-morte-da-sinha-lasciva/> Acesso em 25 de nov. de 2023.

PAZ, Huri. **Negros são sexualizados e objetificados em aplicativos de relacionamento gay.** Entrevista concedida a Jordão Araújo. Portal Gueer, online, abr de 2021. Disponível em <https://queer.ig.com.br/2021-04-24/negros-sao-sexualizados-e-objetificados-em-aplicativos-de-relacionamento-gay.html> / Acesso em 10 de março de 2023.

PINHO, Oswaldo. **Qual a identidade do homem negro?** Disponível em: Acesso em: https://www.academia.edu/1420907/Qual%C%A9_a_identidade_do_homem_negro /Acesso: em 29 de mai de 2019.

RODRIGUES, Walter. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**. v. 13, n. 41, p.267-284,

jan/jul, 2020. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9281/6949> / Acesso em 10 de nov. de 2022.

REIS, Alane; LEITE, Naiara; MATOS, Daniela. **Feminicídio e Mídia**: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1823-1.pdf>. Acesso em: 01 março. 2023.

REIS, Breno; COSTA, Rafael. **Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/116971283-O-grindr-eros-em-fluxo-nos-espacos-hibridos-1-breno-almeida-brito-reis-2-rafael-rodrigues-da-costa-3-universidade-federal-do-ceara-fortaleza-ce.html> /Acesso em: 31 de mai de 2019.

SACRAMENTO, Igor; SANCHES, Julio César; SANTOS, Allan. **Boy erased**: pânico sexual, intolerância e vigilância no Brasil contemporâneo. In: CAL, Danila (Org); ROSA, Ana Paula; HELLER, Barbara. *Midiatização (in) tolerância e reconhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2020.

SAFER LAB. O que é discurso de ódio. Disponível em <https://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/> Acesso em 30 de jul. de 2023.

SARAIVA, Luiz. Dinâmicas da Vida Social Organizada de Homens Gays em Aplicativos de Relacionamento. **Revista Organizações & Sociedade**, v.30, n.105, p. 246-269, 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/osoc/a/z9CchYcjD6kHVSc7NqkFkxk/?format=pdf&lang=pt> / Acesso em 23 de jul. de 2023.

SOBRINHO, Francisca; LINHARES, Lorena; TEIXEIRA, Juliana. Reconfigurações das relações amorosas nas redes sociais: um estudo de caso do Tinder. **Anais**. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 30 de maio a 01 de jun de 2019. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1099-1.pdf> / Acesso em 07 de jul. de 2023.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SILVA, Jacqueline. **Imprensa Negra completa 190 anos no Brasil**: conheça 10 veículos de imprensa fundamentais na luta por direitos da população negra. Disponível em <https://www.agenciamural.org.br/imprensa-negra-no-brasil/> Acesso em 03 de out. de 2023.

SILVA, Maria; SOARES, Rafael. **Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia**. Revista Eletrônica de Culturas e Educação. N.4. p.99-115, ano (novembro de 2011). <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/133?download=144> / acesso em 11 de abr 2023.

TRINDADE, Luiz Valério. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. In: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiáspóricos. Consultoria editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.

THOMPSON, John B. (1995). **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes.

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil**. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176/3245> / Acesso em 7 de jun de 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – ENTREVISTA NILTON BARBOSA

Parte I

Sou professor de dança da Casa de Monique. A Casa de Monique faz um trabalho sobre engrandecimento, acolhimento de pessoas que são marginalizadas, especialmente as pessoas pretas. A Ball Room é construída desde o início por pessoas pretas e aqui em Teresina começamos depois de uma vivência que tivemos com pessoas de fora, de dentro do movimento claro, mas de fora do estado. Trouxe para gente essa noção de uma coisa que já vivíamos, na verdade, mas não tínhamos esse conhecimento de conceito do que estávamos fazendo. A Ball Room é basicamente sobre com a gente vive: discriminado, marginalizado. São pessoas pretas que, principalmente, constroem essa cena. A gente protagoniza muito essa ênfase de dar lugar de fala para as pessoas pretas que estão sendo silenciadas e invisibilizadas, fazendo que tenham voz, sejam vistas. Não sejam vistas de forma preconceituosa. A ideia é desconstruir essa visão que se tem, pautada no preconceito de raça e de gênero. Daí, quando você me veio com essa proposta de entrevista, achei bacana. Já tinha ouvido falar de pessoas que fazem esse tipo de pesquisa, principalmente no aplicativo.

Sou usuário do aplicativo. Já fui mais assíduo, mas ainda hoje faço uso da aplicação. Sempre tem esse acontecimento recorrente de se sentir mal por conta de acontecimentos dentro daquele ambiente, de se sentir mal por causa de conversas e tratamentos que a gente tem. Você trouxe essa proposta. Tentei ler um pouco mais, porque por mais que façamos pesquisa, se aprofunde, leia, nós que somos pretos temos essa vivência. E nunca teremos algo melhor para pesquisar do que nossa própria vivência. A gente está lá, sente na pele, escuta e vê.

Eu sou arte educador, formado em técnico em dança. Faço um trabalho, muitas vezes, voluntário. Sabemos que para o meio artístico é difícil ter uma renda mais fixa, mais elaborada. O meu trabalho na Casa, junto com pessoas que também são bailarinos, é desenvolver a relação das pessoas com os próprios corpos. A maioria das pessoas da Casa são pretas. Temos essa ênfase de fazer com que elas estejam presentes, porque são as protagonistas dessa cena. Daí trabalhamos a dança muito além da movimentação do entretenimento, que a gente vê nesse episódio da humanidade em contexto de pandemia. Vemos que o virtual está sendo muito trabalho para divulgar as ações, mostrar o trabalho. Porém, muitas pessoas nem sabem que a dança é muito mais do que essa movimentação

bonita, nítida de leveza e entretenimento. Trazemos o conceito dança como o estudo do movimento em si, de todo movimento que é possível. Aí entramos em questão de que a movimentação da sociedade em relação aos corpos pretos é muito mais complexa, com mais interferências, paradigmas. A gente educa trazendo esse nosso conhecimento de movimentação dentro da dança de que as pessoas, não só na cena Ball Room ou racial, a gente quer que as pessoas tenham consciência dos movimentos dos corpos delas como um ser vivo. Um ser vivente, que movimenta-se mesmos sem estar mostrando algo espetacular. A gente vive dança, mostra em cada respiração, ato, no ônibus que pego, no trabalho que vou fazer, nas pessoas com quem converso.

Durante a pandemia não tivemos encontros, até certo ponto. Depois tive uma flexibilização de horário, tempo, por conta do afrouxamento e começamos a fazer encontros presenciais. A maioria das pessoas da Casa mora junto. Eu moro na zona norte. Eles têm esse convívio mais próximo. Nesses treinos, trabalhamos mais a questão de dança um pouco. A Ball room é sobre união e acolhimento. É juntar pessoas que estão na mesma situação.

Desde que comecei a trabalhar com a arte, quando decidi que era isso que queria fazer, sempre foi uma responsabilidade muito grande. Trabalhar com corpos, com pessoas. O sentimento que tenho é de que estou fazendo minha parte, estou contribuindo para uma evolução. Para uma união que vai levar a essa evolução. Minha motivação é estar trabalhando para algo acontecer.

Moro com minha família inteira: mãe, irmã, marido da irmã e uma amiga. A família é grande. Não moro com meu pai. Sou um daqueles que não tem. Sou o filho mais novo.

É muito importante isso sobre infância. Muitas vezes passamos por coisas a vida inteira e não percebemos a forma que ela realmente foi. Sofremos com palavras, comportamentos, visualizações do que passamos e não percebemos. No momento de infância passei por muitas coisas e eu fui excluído: na escola, cursos que fazia, com os amigos, por ser mais afeminado. Hoje em dia eu tenho consciência de que certos episódios aconteceram por questão de preconceito racial, mas quando criança eu não sabia o que era preconceito, racismo (mas sofria isso, sem saber).

Chegando na fase adulta começamos a entender, a ter conceitos mais elaborados sobre como funciona e o porquê aconteceu. Temos uma consciência de história da sociedade e a gente percebe que muitos acontecimentos foram motivados por racismo, preconceito, homofobia. E tiveram muitos momentos que senti o impacto disso. Eu moro em uma comunidade que é uma vila, bem quebrada mesmo, e quando era criança, todas as crianças se reuniam para brincar e muitas vezes não me sentiam alocado. Isso porque muitos meninos iam jogar bola e eu não tinha a mínima vontade. E, mesmo quando eu sentia a mínima vontade de brincar, de estar junto, não acontecia porque todas as vezes os meninos não queriam estar com uma pessoa como eu junto a eles. E aí me restava brincar com as meninas. Só que muitas vezes as próprias meninas não me queriam por perto. Então, ficava nessa exclusão sem saber o que fazer.

Eu me considerava, à época, nerd, por estudar muito. Hoje eu acredito que não era por uma questão de interesse, mas porque era o meu refúgio, o que eu tinha. Muitas pessoas estavam brincando, se divertindo, todos em seus lugares, cumprindo o seu papel. Todo mundo muito bem alocado enquanto você está desorientado, confuso, sem saber o motivo das pessoas não brincarem com você, não conversarem da forma que falam com outras pessoas. E isso é incrivelmente perturbador, porque você cresce com essa coisa na cabeça de que tem algo errado consigo. Mas aí gente cresce e percebe que não. Graças a muitas pessoas que lutaram e passaram isso para gente, temos essa noção de que é a sociedade que está completamente errada e que nossa exclusão é resultado de uma coisa muito maior que ocorreu no passado e que vem acontecendo: o racismo, homofobia. São consequências.

Quando era criança já sentia atração por meninos. Já tinha aquelas paixões de criança, de querer estar pertinho. Inclusive, cheguei a ser escorraçado quando criança por essa pessoinha. Para mim, sempre foi assim. Tive aqueles momentos que me relacionei com meninas, por protocolo. Chegou um momento, porque estava crescendo, que tinha que agir. Estar com 15 anos e não pegar ninguém, não está fazendo nada... a falta dessa “atividade básica” do ser humano que é se relacionar de forma sexual. Aí começa a acontecer essa pressão da família, sociedade, ciclo social de amigos, de que você precisa fazer alguma coisa, agir, pegar alguém, mostrar que está ativo nesse âmbito. É como se fosse uma obrigação. Chegou um momento que precisei seguir esse protocolo, mas completamente desconfortável. O relacionamento com a menina foi muito rápido: um beijo e acabou. Por volta dos 16 anos comecei a me relacionar

com homens. Para mim, não foi uma dificuldade entender que eu era diferente. A dificuldade maior foi entender porque o tratamento era diferente de uma pessoa para outra.

Parte 2

Foi algo completamente conturbado falar (para a família). Foi traumatizante. Para me descobrir não foi difícil. Inicialmente, quando era criança, sabia que era diferente, que algo acontecia. Fui crescendo, me relacionei com homens e entendi. Na hora de falar com a família foi a parte mais conturbada. A primeira pessoa que falei foi para minha irmã. Cheguei em casa muito louco (bêbado), chamei ela e disse: “olha esse bofe bem aqui, ele é meu namorado”. E foi assim. Expus para ela porque estava sobre efeito de drogas. E minha irmã mais velha foi bem tranquila, recebeu super de boa. Ela sempre soube, na verdade. Foi a primeira a me chamar de “viadinho”.

Nunca cheguei a contar para minha mãe. Na verdade, foi ela que descobriu. Eu usava computador bem antigo e certa vez ela viu um arquivo que me denunciava: um áudio meu chamando alguém no masculino. Aí ele foi atrás de saber, me colocou na parada e tive que contar. Primeiramente, como era bem mais novo, eu usei o artifício de dizer “sou bissexual” para ver se isso dava uma diminuída no impacto. Muita gente usa isso, porque dizer eu sou gay é uma coisa muito forte. Hoje sabemos que não faz diferença, no sentido de aceitação. A gente acha que esta fresta vai dar uma abertura para o acolhimento, mas não vai porque as pessoas bissexuais também sofrem muito com essa questão. De toda forma, disse a ela (mãe) que gostava meninas também para ver se ficava mais leve. Não rolou de forma alguma. Passei quase um mês sem falar com minha mãe. Meu quarto era dividido com minha irmã e não tinha para onde fugir. Foi um período realmente muito difícil. Foi arrancado de mim, não tive a oportunidade de me preparar, de me construir, para chegar e dizer. Foi bem complicado. Esse foi o primeiro contato.

Depois de um bom tempo, minha mãe sempre foi de evitar certas coisas. Evitada muito chegar em mim. Tal momento eu comecei a namorar, faltava muito no trabalho (e eu era menor aprendiz), aí veio à tona essas faltas e ela precisava saber onde eu estava. Tive que falar que estava namorando e que faltei o trabalho algumas vezes para encontrar esse namorado. Aí foi outro trauma, outro período muito mais difícil, em realmente passamos meses sem nos falarmos. Eu não comia porque tinha vergonha de sair do quarto. Teve um momento que saí

de casa para ficar um tempo na casa desse namorado. Tive que voltar por conta de pressão dela, porque, mesmo que não aceitasse, ela não queria me ver longe, sem saber o que estava acontecendo, afinal era uma criança (cerca de 17 anos). Passei esses meses sem ter comunicação com ela e depois tudo se tranquilizou, como se nada tivesse acontecido. Ela sossegou e eu fiquei com esse bloqueio, que causou traumas irreversíveis no convívio de dentro de casa mesmo. A gente mora juntos até hoje e tem resquícios do que isso afetou. Muito tempo depois (cerca de dois anos) eu cheguei a ter uma conversa mais adulta, nítida com ela, onde pude expor de forma mais calma, porque ela já estava mais preparada. Foi um dia em que cheguei chorando em casa porque tinha terminado um relacionamento. Ela já tinha passado por isso duas vezes, a chegou um momento que ela se construiu para estar me entendendo e aceitando. Aí, a partir de então, a gente começou a ter uma relação mais saudável. Hoje em dia ela até pergunta se estou namorando.

Parte 3

Lembro bem de quando conheci o aplicativo. Vivi um relacionamento abusivo durante três anos. Foi o meu primeiro relacionamento homoafetivo e não conseguia sair dele. Parei de fazer várias coisas por conta dele, que era abusivo, ciumento, possessivo. Durante o final desse período de namoro já não tinha muitas atividades, pois tinha encerrado o ensino médio. Era garçom em uma pizzaria e me sentia muito sozinho. Em uma visita na rede social descobri que havia um aplicativo direcionado à comunidade, aí eu fui conhecer. Entrei e foi um baque ver que existe um mundo inteiro (virtual) que é daquela forma: completamente seletista, preconceituoso, pesado. Nesse tempo, era muito novo e namorava, então não expus minhas fotos. Colocava, como a maioria, uma parte do corpo aleatória. Isso no início, que estava descobrindo e não podia ser visto, por conta do namoro e medo da sociedade. Sabemos que até hoje pessoas assumidas têm medo de se expor em um ambiente daquele. Eu não tinha essa consciência de raça, classe, de como o nosso meio funcionava. Não fazia a mínima ideia. Aquilo para mim era normal: estar escondido, não mostrar o rosto e ir em busca de sexo. Nesse tempo eu não podia e só estava lá por curiosidade. Não tinha a mínima intenção de marcar nada com ninguém porque era medroso, estava namorado, problemas familiares e com depressão. Isso foi só um refúgio. Só entrava na madrugada, que era quando ficava sozinho. Conversava com alguns caras e depois bloqueava. Minha única curiosidade era conversar para saber como eram as outras pessoas. Até então, não tinha tido relação com nenhuma pessoa a não ser esse meu namorado.

Muito tempo depois, namoro terminado, traumas resolvidos, vida seguindo, continuei a minha formação em dança. Junto com essa bagagem técnica, acadêmica, veio a consciência do que acontece de verdade. Começamos a estudar um pouco mais sobre a nossa história, do nosso círculo social da capital e percebemos que tem muita coisa errada. Primeiramente, por que eu não posso mostrar meu rosto? Por que é um aplicativo para chat e encontro entre homens? Por que não posso dizer quem eu sou? Por que as pessoas têm medo de fazer isso? E as respostas são extremamente nítidas: por que a sociedade ainda reprime. As pessoas que estão lá, muitas vezes motivadas pelo desejo, pela necessidade natural, são reprimidas. Aí a gente vê, nesse aplicativo, dentro desse ambiente, um meio muito tóxico, porque percebemos que todas as pessoas com que conversamos já são bem rápidas, são diretas. Muitas vezes quando você se mostra, veem que é uma pessoa preta, quando não é o padrão que procuram, começamos a perceber que esse aplicativo é um refúgio tóxico, onde as pessoas que desejam algo estão lá para obter e muitas vezes saem machucadas. Principalmente, pessoas pretas.

Concordo com o que você fala sobre as pessoas hipersexualizarem os negros. Antes víamos frases do tipo “não curto negros”, “escuros” ou coisas do tipo. Em dado momento, percebemos que tem esse repúdio e percebe-se que tem essa procura, de pessoas que querem ficar com você porque é negro. Porque isso alimenta o fetiche de que o corpo negro, aquele que foi torturado, precisa desse acolhimento. E não. Essa inversão é um pouco doentia, porque percebe-se que as pessoas estão se motivando a consumir esse tipo de corpo pelo motivo errado. Têm esse fetiche por ser uma nova “moda”, algo que atrai, que a sociedade começa a seguir. Isso já esse desejo do que era proibido e do que está sendo aceito. Isso é errado.

A gente precisa de acolhimento por pessoas que queiram se relacionar afetivamente com a gente. Não pelo o que representamos, mas pelo o que somos. Tempos atrás, eu era bem mais padrão, já tinha essa barba, mas não tinha cabelo grande, então às vezes eu me encaixava. Eu tinha essa recepção “boa”, mas que, na verdade, eu tinha um certo nojo. Em dado momento, pessoas que conversam com você te repudiam, ignoram, maltratam, bloqueiam. E, em outro momento, ela te fetichizam. Te querem porque você agora é um corpo aceitável e pode ser acolhido. Depois que deixei o cabelo crescer, passei a entender minha identidade (minha família nunca me deixou com o cabelo grande, mesmo que eu quisesse). Sempre expus minha

foto no aplicativo depois do momento inicial. É um aplicativo de relacionamento e precisa saber com quem você vai se relacionar.

Quando era mais aceitável, padronizado, existia essa demanda. Percebia muito que durante a comunicação sempre tinha essa procura: “você ativo?”, “quantos centímetros?”, “ah, não, você deve ter pau pequeno e block”, “ah, não, você muito negro e block”, “ah, não, você é pouco negro e block”. Sempre tinha essa demanda ruim, errada. Depois que deixei o cabelo crescer (uma diferença mínima) faz o tratamento mudar de forma gigantesca. Pessoas que eu nem conhecia (e não conheço) chegavam para mim e falavam para cortar, que estava melhor antes, que agora estou muito mais mulher, afeminado, que não deveria estar dessa forma, que decaí. Essa foi uma oportunidade para conhecer a verdade das facetas de muitas construções. As pessoas que estão, à nossa volta, passam por momentos de construção. O que uma pessoa conversa com você é só resultado de tudo que ela é.

Uma coisa que muda tudo é o conhecimento. A partir do momento que eu tive conhecimento do que é ser uma pessoa negra, que anda com o cabelo solto, e tem esses olhares e peso, comecei a entender melhor. Quando você não se sente aceito e não sabe o porquê é completamente tolerável, mas a partir do momento que você tem conhecimento que as pessoas estão te acolhendo por tal coisa, você começa a perceber que não é acolhimento, mas sim um encaixe: em que as pessoas querem o que você tem a oferecer. Muitas vezes, o que tem a oferecer a elas não é o que tem de verdade, mas algo que construiu só para satisfazer essa demanda. Aí quando começa a bater o pé no chão e dizer não, eu só tenho uma vida e preciso fazer dela o que quero, a gente vive em conjunto, a nossa construção sempre vai ser diferente.

Saí com pessoas que aproveitaram o momento, tiveram o que queriam, escondiam isso de todas as pessoas, não só pela homossexualidade, mas também por estar se relacionando com uma pessoa preta, que ela não quer ser vista: afeminada, mas que serviu completamente, que não teve problema para fazer sexo. Há essa objetificação de que você pode usar uma pessoa de um aplicativo, porque a maioria das pessoas o constroem desse jeito. As pessoas que estão lá é que fazem ser problemático: objetivar um corpo para uso momentâneo e depois descartar. Esse corpo é uma resistência de todos os outros âmbitos de uma vida. Uma pessoa que tem o desejo nesse corpo, que nutre e alimenta esse desejo, mas que se inibe também, é doentio.

Uma pessoa que se relaciona com outra ela não tem que saber o que vai acontecer, porque a gente está lidando com um universo particular de uma pessoa que é infinito. Hoje me considero extremamente versátil. Para mim, é dispensável a pergunta “curte o quê”. Quando saio para encontrar alguém, já sei o que eu quero. É preciso expor isso, não deixar ao acaso, porque pode deixar desconfortável. Sou uma pessoa traumatizada por conta dessa cobrança de performar ser ativo, a masculinidade e virilidade. Por muito tempo, não conseguia performar atividade por conta de nervosismo. Mesmo eu gostando, tendo o prazer, não me sentia à vontade para gozar desses benefícios do sexo. Isso gera muitos problemas.

Ainda utilizo o aplicativo. Nunca deixei de usar o aplicativo porque acredito que existem pessoas como eu, como você, como meus amigos, que estão lá. Muitas vezes nossa existência dentro do aplicativo é mascarada por essa áurea de sexo, de machismo (existe muito dentro). O homem foi construído pelo patriarcado com todo esse mimo. Quando vemos um espaço como esse, completamente construído por homens, vemos o resultado desse impacto. Acredito muito que pessoas como nós, que têm essa consciência, possam, sim, mudar o ambiente. Possam fazer com que sejam diferentes. Mas isso vai acontecer de fora do aplicativo, construindo, palavreado. Mudar a realidade dentro e fora do aplicativo, que é onde mais importa.

APÊNDICE B – ENTREVISTA GIOVANNY FREITAS

Parte 1

Trabalho na área de comunicação, com perspectiva de ingressar no mestrado. Tenho irmãos. Sou o caçula de 5 irmãos. Moro com minha mãe e irmãs. Resido na zona sul de Teresina, bairro morada nova. O meu núcleo familiar é só minha mãe e irmãs. Minha mãe é separada e ela sempre foi mãe e pai. De modo que figura paterna na minha vida só tive mesmo, até uns 8/9 anos, mas também nada que tenha feito falta.

A respeito da minha orientação sexual, a minha infância até que foi tranquila, apesar de alguns desafios com relação à sexualidade. Desde criança eu sempre tive a sexualidade aflorada. Como diz a maioria das pessoas, eu sempre fui uma criança “viada”. Ou seja, desde criança eu já tinha, digamos assim, um objeto de desejo sexual muito bem definido. Eu nunca senti atração pelo sexo oposto, por mulheres, de modo que isso se expressava muito no meu comportamento, no meu modo de agir, nas minhas falas. Assim, a questão da homofobia e do bullying isso foi presente na minha vida durante muito tempo. Enquanto criança eu relevava mais isso porque não tinha noção da dimensão da violência. Enquanto criança a gente só vai perceber o que são esses traços de opressão, que se recai sobre você, depois de um tempo. Com relação a isso, houveram alguns episódios de homofobia em que, eu criança mesmo, fui tirado para judas, várias crianças apontavam o dedo porque viam que eu era o coleguinha da roda que era diferente. Não gostava de jogar bola, não falava sobre meninas e com o passar do tempo, adentrando no ensino fundamental e médio, eu fui meio que, durante um tempo, negando isso: “não sou gay. Devo estar só com a visão de mundo errada”. Porque você começa a se sentir estranho dentro de si mesmo. Essas violências acabam fazendo com que você negue um pouco de si mesmo, mas não por querer se aceite daquele jeito, mas por uma questão de você querer fugir de ser o alvo de piadas, chacotas. Nesse sentido, eu tive uma adolescência tranquila, mas existiram sim episódios de homofobia e opressão nesse sentido.

Aconteciam mais em escola e nos momentos de brincadeiras. Eram nesse contato mais social mesmo. Aí o que acontecia era: na escola isso acabava por acontecer com mais frequência porque era com quem eu convivia diariamente, por mais tempo. Já com meus amigos de rua, de onde moro até hoje, não era tão recorrente, mas de vez em quando, quando aparecia uma pauta, sei lá, uma pauta heterossexual: “ah, a filha da vizinha nova”... sabe, eu era sempre a

pessoa que nunca era perguntada por isso, não era perguntado o que achava dela, porque meio que existia esse consenso entre as crianças que eram minhas amigas naquela época de saber que era o coleguinha que era diferente. E aí essas violências passaram a ser um pouco mais veladas, por partes das amigadas próximas, e algo mais explícito, violento, por parte de pessoas que não eram tão próximas a mim num contexto de escola.

As piadinhas sempre existiam. Na verdade, existem até hoje. Mas, assim, em relação à minha sexualidade e, digamos assim, o momento que se sai do armário, essa ideia do controle de sexualidade por meio desse dispositivo do armário, isso só veio acontecer para mim quando na adolescência, por volta de 15/16 anos, quando eu consegui ter meu primeiro namorado. Aí foi um evento tão grande na minha vida, porque eu sempre achei que por eu ser preto, gay (porque na época eu só conseguia a mim mesmo como gay e outras pessoas não imaginava quem poderia ou não ser, porque não tinha o intermédio de um aplicativo). Quando isso aconteceu foi um evento tão grande que acabei deixando transparecer que eu, de fato, estava em um relacionamento com um homem. Aí chegou a intervenção da família, porque já estava muito explícito, e aí um dado dia chamei minha mãe para conversar e falei isso para ela. Falei: “aquele menino que todo dia aparecia lá em casa para a gente se encontrar, sair, na verdade, era meu namorado”. Dessa parte da minha família não houve problema, tão tal que não se comentou ou fez piadas depois sobre isso. Porém, foi um momento delicado porque o relato que a gente tem da vida das pocs de Teresina e de vários outros lugares já é construído em cima desse medo: “se você falar para sua família talvez você seja posto para você de casa, apanhe, seja deserdado”. Vários pais e mães não colocam como legítimo aquele filho pela sexualidade. Aí no meu caso, não teve essa confusão, mas só veio acontecer mesmo quando era adolescente. Quando criança, eu já tinha noção do que era aquilo, mas não tinha um entendimento mais aprofundado acerca disso.

Meu primeiro relacionamento durou um mês só, justamente porque foi um turbilhão de emoções, de sentimentos de coisas que eu sequer entendi direito, mas que estava rolando ali pela primeira vez. Daquela maneira que eu era alguma pessoa poderia me notar, achar interessante, mas a princípio eu não soube lidar com isso, estar numa relação homoafetiva. Desde então, desde 15 anos, eu já aprendi que para eu me encontrar com o namorado eu tinha que me esconder. Geralmente, a gente se encontrava no cinema, em lugares que não eram convencionais para poder ter minimamente um pouco de intimidade. Foi um mês de namoro e não tivemos nenhum tipo de relação sexual. Nenhum de nós sabia o que fazer, para onde ir.

Uma relação sexual pela primeira vez só veio acontecer tempos depois. Foi em um namoro um pouco mais longo, pouco mais de um ano e meio. Foi uma relação diferente porque eu tinha 17 anos e ele uns dez anos a mais. Foi com quem eu pude deslumbrar o que era ter uma relação com uma pessoa, sair com ele. Tive vivências desse aspecto da minha sexualidade que ainda não tinha tido. Como ele era mais velho do que eu, já tinha vivência, passado por isso tudo, foi bom para esse entendimento. Acho que foi a partir daí que já nasceu em mim a coisa do militante pela causa, porque foi quando fui percebendo que era muito ruim eu viver em um mundo em que não podia ser eu mesmo. E aí, a partir daí, começou a se desenvolver dentro de mim mesmo tanto moral quanto psicologicamente essa vontade de lutar pelos direitos e, principalmente, pela minha própria existência.

Parte 2

Eu já vim usar o aplicativo (Grindr) depois de muito tempo. Depois que o app foi lançado tive certa resistência, porque tinha um pouco de preconceito, não vou mentir. Tipo, de entrar no aplicativo e não encontrar ninguém que fosse interessante. Sempre achava que era aquela coisa que só tem gente desesperada lá, e eu não sou desesperado. Esse era um tipo de pensamento que eu nutria e nem percebia o quanto isso era problemático. Daí o tempo foi passando, e depois de muito tempo fui baixar o aplicativo. No começo a minha experiência foi um pouco estranha, porque é aquela coisa de você ir pateando o terreno, pra saber o que é que acontece, quem são as pessoas que estão ali. Aí minha primeira impressão não foi das melhores porque a primeira cena que você se depara são abdomens, braços, rostos cortados, como se fosse uma grande vitrine que você vai falar com alguém e vê se aquela pessoa se sente atraída por você, do que você está propondo para ela, seja um papo ou sexo. Aí as minhas primeiras experiências com o aplicativo foram mais de conversas, porque como era uma novidade para mim queria ficar naquela zona de conforto de só conversar e não sair, não marcar nada com as pessoas, porque na minha concepção aquilo não ia dar muito certo. E também tinha muito medo, como tenho até hoje, de participar de determinadas casualidades em que você conhece uma pessoa com cinco minutos e dez minutos depois o carro dela está na sua porta. Minhas primeiras experiências foram desse jeito, somente para reconhecimento do que era e conversar. E, partir disso, foram se dissipando várias dúvidas, fui vendo um aplicativo do ciclo de devassos de Teresina (sendo que esse já é um pensamento que impõe sobre nós uma certa seletividade que faz com a gente acabe desenvolvendo uma falta de solidariedade grupal uns pelos outros, que é eu vejo muito nessas questões LGBTQI+).

O aplicativo no começo, para mim, tive essa sensação de estranhamento, mas ao mesmo tempo de conforto, porque de certa forma é interessante e você se sente bem quando está inserido no meio das pessoas que têm mais a ver com a sua vibe. Hoje eu vim perceber que esse ambiente, apesar de legal em alguns momentos, ele é bem tóxico. Ainda mais quando se trata de relacionamentos voltados para pessoas pretas.

A hipersexualização é um tipo de situação que é recorrente porque como a gente vem de uma sociedade muito racista e, sobretudo, nessa parte de erotização e hipersexualização do corpo negro, como é um aplicativo que tem a fama de pegação (as pessoas entram e veem se tem alguém na vibe delas de transar), sempre existe esse estereótipo de “todo negro é pauzudo”, já disseram para mim “vou ficar contigo porque me disseram que você vai me arregaçar”. E aí as abordagens na maioria das vezes têm esse teor. A pessoa já chega e fala que “adoro um moreno como você”. Há essa forma de suavizar que você não é tão preto assim, porém tenho a expectativa de por ter a pele escura represente *bem* a raça. Então sempre são abordagens nesse sentido: a pessoa já chega para você e nem te manda um oi, ela já pede para ver tua nudez. Ela já quer confirmar aquela expectativa dela em cima de você para ver se tem condições de ela continuar falando contigo, porque caso contrário (que acontece muito com pessoas que são negras), não rola. O papo já começa pelo sexo e se você não condiz com aquela expectativa “você não é um negro dotado”, então não querem falar com você. “Se for para a gente ficar, só se tu for um preto dotado”. Isso acontece. Ou, quando não é isso, é colocando o corpo negro em um laboratório de fetiche, sabe? Muitas pessoas em Teresina dizem “ah, estou em um relacionamento aberto com meu namorado e queria mais uma pessoa para a gente se divertir”. E aí, quando surge esses convites para fazer (sexo) a três, como a galera fala (e quando é um personagem negro), o convite sempre vem por parte do sexual. É uma forma de racismo também. Eu enxergo dessa forma porque é você reduzir pessoas negras a um nível biológico, é como se você tirasse toda a questão humanística e histórica que existe por trás daquela pessoa e que se pauta nessa redução sexual, animalesca. É recorrente, por mais que nós não vejamos declaradamente as pessoas dizendo em perfis que não gostam de pessoas pretas, é explícito como que o quadro oposto se prova quando pessoas pretas se sentem tão solitárias nesses aplicativos a ponto de simplesmente cederem a esse tipo de apelo e você acaba se metendo nessas situações. É uma violência uma vez que nós sejamos considerados apenas objetos sexuais. Sobretudo, da branquitude e, às vezes, até com pessoas pretas que não têm esse privilégio de inserção em academia, não tem acesso a esse tipo de

leitura e recortes, apesar de não serem pessoas burras, e esse problema acaba se enraizando a ponto de se normalizar: de pessoas pretas sempre serem abordadas com esse teor sexual, de fetichização de seus corpos.

Essas situações já aconteceram comigo. Inclusive, nem precisei sair com a pessoa. Tiveram conversas que iniciaram muito bem, mas depois a pessoa pediu nudes. Hoje eu sou muito mais cauteloso em relação a isso porque faz parte da minha própria segurança. É recorrente. Hoje em dia, eu sair como uma pessoa é muito complicado. O aplicativo passou a ser para mim só um passatempo. Tenho hora que eu entro, outras não. Mas teve uma vez que até fui encontrar uma pessoa e durante o contato (dois dias de conversa) não tinha ficado em momento algum explícito essa expectativa em cima de mim. Até que a gente saiu, fomos beber um pouco e ele soltou a frase típica: “eu adoro um negão que nem você. Estou ansioso para o que a gente vai fazer”. Aí foi meio broxante porque é uma expectativa, é você ir do céu a um inferno (porque encontrei uma pessoa que conversa e não quer ver só o meu pinto) e aí na página 2 ela vai e mostra o que quer de verdade. Já aconteceu, sim, de marcar encontros e eles serem estragados por essas expressões, manifestações de racismo afetivo. Isso faz com hoje em dia não me obrigue mais a ter que passar por isso. Parece um roteiro pronto, às vezes acontece sempre do mesmo jeito, porque é uma forma de manifestação do racismo que as pessoas não se dão um trabalho de repensar. Se não for a gente mesmo passando a mensagem, não vai mudar. Vamos passar pelas mesmas coisas enquanto as opressões não forem conversadas.

Esses estereótipos sobre o preto viril recaem sobre a gente de uma maneira até diferente. Essa expectativa que as pessoas têm acabam passando para a gente. Se você é preto, viado e acaba não cumprindo essas expectativas é como se você fosse relegado ao descaso, não serve. E ainda vem a questão da pressão do próprio corpo “você pode até não ser malhado, mas você tem o pau grande?” Para se sentir aceito nesse meio, já rolou essa pressão estética “tenho que emagrecer, ficar mais forte, porque se não ninguém vai me querer”. Só que esse ninguém, quando a gente pensa, vê quem são as pessoas que queremos nos queiram, vai ter o perfil branco, eurocêntrico, com esse padrão de corpo de deus grego e que aqui, com relação aos espaços LGBTQI+, são muitos cobrados. É como se sua afetividade dependesse de como seu físico se apresenta. Se seu corpo não é um cartão de visita agradável para os olhos das pessoas que são padrozinadas em um certo grau de estética, porque isso é bastante relativo, é entendido que aquele corpo malhado é preferível. Então o preterimento acontece muito mais

para nós do que para outras pessoas. Digo isso porque conheço relato de pessoas que são gordas e brancas e dizem que nunca passaram pela situação que pessoas gordas e pretas passaram: de exclusão e, principalmente, de fetichização. Esse apelo pelo corpo bonito com certeza já recaiu em mim, em várias pessoas e, se você for preto, com certeza isso faz uma diferença ainda maior, porque além de todas essas questões (estereótipos, racismo, expectativas), ainda tem isso de você não se sentir bem com o corpo que tem e ter que modelá-lo para se sentir aceito, se enquadrar no meio. É a economia do afeto. Hoje já não rola tanto comigo por conta da maturidade, das obrigações do dia a dia. Estou ocupado e não posso perder meu tempo com isso. A gente vive em uma sociedade que cobra esse padrão estético. E se você é preto, seu black só vai ser bonito se for mola, se você usar trança tem que ser no mínimo malhado. Se você é preto tem que ter aquele jeitinho de malandro. Então, ainda tem o estereotipo de esperar que seja um preto com cara de ladrão. Fico querendo entender o que é essa cara de ladrão que as pessoas dizem gostar.

A questão estética é uma das que mais gera problemas psicológicos porque a pessoa acaba não se aceitando daquele jeito. Isso tudo recai sobre a gente e não sabemos como é a totalidade desse corpo. Toda vez que a gente tem um entendimento, vem a branquitude e faz a gente se sentir um pouco ruim por ter conseguido ter essa ascensão.

Parte 3

Hoje uso o aplicativo, mas como um passatempo. Quando situações assim acontecem, já relevo e, algumas vezes, acho engraçado. Às vezes, rola sim alguns encontros casuais. Ele (aplicativo) se tornou um aspecto divertido, para mim, porque tenho tirado do meu contexto afetivo essa questão da relação inter-racial. Não estou dizendo que são ilegítimas. É algo que cada um decide. Então, pelo fato de não me preocupar em ficar com uma pessoa branca, essa cobrança foi diminuindo. Não estou mais buscando procurar ser aceito por alguém que não entende minha subjetividade, totalidade, minha história de vida e o que é ser preto nesse Brasil. Hoje, conversar com pessoas que são pretas, por mais que não tenha essa abordagem militante, elas têm as vivências delas. Sair ou conversar com alguém do aplicativo, hoje, já não tem mais o peso de aceitação que tinha antes.

O aplicativo contribui para um certo adoecimento mental. O aplicativo é um meio, não se torna uma finalidade. Então você instala e desinstala o app. Não é mais tão necessário como

foi no começo. A princípio, acho que todo mundo pena dentro do aplicativo. Quem é preto, principalmente.

Sou homem negro, versátil. No início foi muito difícil. Isso foi outra coisa que precisei desconstruir porque, no começo, sempre achei que tinha a obrigação a ser ativo por conta desses estereótipos. Mas com o tempo, relacionamentos (meus namoros foram super importantes nessa construção, porque só namorei pessoas pretas), então percebi a minha sexualidade e a totalidade dos meus desejos. Isso tudo fora desse contexto de imediatismo. Minhas preferências sexuais são abrangentes, não necessariamente assumir um papel só. De certo modo, posso até dizer que o aplicativo me ajudou a descobrir isso. Não existe grau de hierarquia em viadagem, mas parece que ser passivo e afeminado gera mais problemas.

APÊNDICE C – ENTREVISTA ANDRÉ LUÍS

Parte 1

Acadêmico de Arquitetura e artista. Bissexual. Tenho uma irmã mais velha e um irmão. Meu pai faleceu recentemente. Moro com minha mãe.

Lembro da minha infância ter sido muito divertida até certo ponto. Mas a partir do momento em que me entendi enquanto pessoa negra algumas coisas começaram a pesar. E quando eu percebi que o fato de eu ser negro e afeminado pesou muito. Não só brincando na rua, mas na escola e em todos os espaços que eu ia. Era traumatizante. Eu lembro que era muito triste, a ponto de me olhar no espelho e chorar porque eu me achava feio. Isso é uma das coisas que mais me marca. E hoje em dia eu me acho lindo.

Nunca aconteceu de ocorrer agressão física, porque minha escola era bem rígida. Mas piada e coisas do tipo eram comuns. Lembro de situações que eu não conseguia voltar para a sala de aula. Não sei se preferia esquecer, mas eram coisas pesadas. Lembro de uma vez que fizeram uma lista das pessoas mais bonitas para as mais feias, e eu só estava atrás de uma pessoa que era outro menino negro, que usava aparelho. Naquele dia fiquei destruído. Nesse mesmo dia eu passei um bilhete falando sobre isso, os outros começaram a ler e debochar de mim. Até hoje eu não consigo lidar com as pessoas da minha sala por causa desse dia. E olha que já me formei há cerca de dois anos.

Eu sabia que eu era “viadinho”, mas chegou um momento que me apaixonei por uma menina da minha sala e pensei que tinha alguma coisa errada. Porém, continuava falando que era “viadinho”. Aí só depois que me formei, comecei a sair mais, que fui me entender como bissexual. Mas antes disso eu tinha um grupo de amigos (muito próximos), todos LGBT’s. Foram as primeiras pessoas que conheci fora da escola e aí gente discutia muito sobre esses processos. Era divertido. Tínhamos quase um compromisso político entre nós de estar conversando sobre isso. Percebia que eu não estava sozinho e que não havia nada de errado. Foi muito importante.

Eu tinha medo, mas tinha certeza que ia me aceitar. Sabia que não ia ser criticando, porque tinha certeza que meus pais me amavam, mas sabia que muita coisa ia mudar depois que me

assumisse. Lembro de uma vez que eu fui levar minha irmã para ficar com um menino. Na volta, ela disse “André, o pai acha que tu é ‘viado’. Vou dizer que você estava ficando com uma menina”. Foi a primeira vez que ela falou “viado” na minha frente. Nossa, aquilo me abalou de uma forma, fiquei tão triste. Tinha uns 14 anos. Eu me assumi com 16 ou 17 anos, mas lembro que foi muito louco. Foi um dia muito cansativo na escola, que eu estudava muito (passava o dia lá), e eu estava ansioso, deprimido, muito mal, e só pensava “uma hora vou ter que falar”. Aí cheguei e falei “mãe, sou um ‘viadinho’”. Eu nem falei que era gay e bi, só falei que era viado. Ela perguntou se era só isso, aí disse que bebia e fumava muito. E ela mandou eu parar de beber e fumar, aí ficou por isso. Aí até achei engraçado. Ela contou para todo mundo que ela teve essa conversa comigo. Foi ótimo. Depois desse dia, fiquei uns dois dias acanhado, mas foi como se livrar de um fardo. Foi muito bom. Foi uma das primeiras experiências que eu tive de alívio.

Eu também tive um namorinho na adolescência. Era algo super singelo, nas entocas. No mais, a gente era amigo. Ele gostava de mim e eu dele. A gente não se beijava muito, mas a gente estava tentando construir uma coisa ali. Mas ele e eu não éramos assumidos. Ele estudava na zona leste, eu na zona sudeste e as coisas eram muito difíceis. Lembro de um dia que a gente foi junto ao supermercado e a gente estava andando de mãos dadas na rua e passou umas meninas da minha escola. No outro dia, quando cheguei à escola, estavam na outra mesa, sussurrando. Aí comentei isso com ele, e ele terminou comigo. Eu tinha 16 anos.

Parte 2

Até os 18 anos, eu ainda era virgem. Eu era muito acanhado e nem sabia beijar direito. Não tinha experiência de nada, não fazia ideia. Aí eu pensei: “vou perder a virgindade”. Aí eu lembro que foi a primeira vez que abri o Grindr e uma pessoa veio conversar comigo. Fiquei muito nervoso, não consegui e desinstalei. Na segunda vez eu conversei com várias pessoas. Tinha um cara que morava bem perto da minha casa. Aí eu fui lá, perdi minha virgindade e foi horrível. Ele pediu para eu ligar, mas bloqueei ele e segui minha vida. Isso foi com 18 anos.

Eu lembro que, inclusive, fui na terapia ver isso, já que foi uma das primeiras experiências em que eu me senti desejado. Porque, assim, eu tinha um corpo bonitinho. Eu era bem feitinha, sabe? Aí eu conseguia sair com muita gente e tomei aquilo como uma coisa quase

experimental. Lembro que saia com muita gente e não me orgulho nada disso. Fiquei numa noia de quase estar tendo vantagem naquilo, porque até então eu nunca tinha sido desejado de certa forma por alguém. Naquele momento, eu tinha um certo poder sobre a pessoa, porque eu escolhia quem eu percebia que estavam muito afim de mim. Meu objetivo nem era sequer transar, mas me sentir desejado. E depois fiquei tão feliz, mas hoje em dia eu não preciso mais disso.

Imagina só você crescendo sem nunca ter ouvido um elogio diretamente a você e, de repente, chega em um espaço em que você é quase ovacionado por certas coisas. Eu lembro muito que falavam sobre três coisas: “minha pele”, “sobre eu ser magro” e “a coisinha que está entre minhas pernas”. Essas três coisas. Falavam que eu era muito legal, mas eu tinha consciência que tinha fetiche ali, já tinha noção dessas coisas, então eu me protegia de certa forma.

Eu acho a dinâmica do aplicativo muito doida. Acho que, nós homens que fazemos sexo com outros homens, a gente tem isso negado, de certa forma, a maior parte da nossa vida. E, de repente, quando você se vê, está naquele espaço, e tem outros homens desejando a mesma coisa que você, é uma experiência muito louca. A dinâmica é muito rasa, simples. O sexo deixa de ser o que deveria ser para se tornar uma coisa quase mecânica e de fetiche, sabe? Hoje em dia eu entendo que um sexo casual pode ter afeto, que não é ser só transou e vai embora. Não, o sexo é quase uma coisa sagrada. Mas dentro daquele aplicativo é bizarra: as pessoas só marcam, vão, gozam e somem.

Tem um cara que quando eu usava o aplicativo, eu tirava fotos de corpo e cueca, e ele ficou obcecado por mim, encontrou o meu Instagram e flodou meu direct com fotos do pau dele. Até hoje eu tenho um pouquinho de medo porque ele mora aqui perto. Esse cara eu morro de medo. Não sei se só faz isso comigo. Essa situação foi muito bizarra. Lembro de ele mandar mensagem, porque tem esses malucos que nem falam nada e só mandam fotos de bunda e rola. Lembro de ter bloqueado ele no Grindr e quando encontrou meu Instagram mandou um monte foto do pau dele, então bloqueei. Mas ele fez outra conta e mandou novamente. Fiquei abismado.

Teve outro cara. Ele já tinha uns trinta anos e eu dezoito anos. Ele ficou pensando se eu tinha quinze. E fiquei pensando como um cara de quase trinta anos vai conscientemente transar como uma pessoa que ele acha que tem quinze anos. Acho que entra muito na questão do

fetichismo dos corpos jovens. Nesse dia fiquei abismado. Sempre tinha me entendido como pessoa negra dentro do aplicativo, mas nunca tinha pensado nesse recorte de ser jovem, porque tem muito fetichismo no corpo jovem ali dentro.

A minha cor está sempre evidenciada nas fotos que eu tiro. Quando eu estou no aplicativo, não converso com ninguém, espero as pessoas mandarem mensagem para mim. Nem tap (curtida) eu dou. Raramente eu ficava com a pessoa mais de uma vez, porque achava que as coisas iam ficar estranhas. Mas teve umas duas pessoas que o sexo foi bom, teve troca de afeto, mas decidimos manter aquela coisa apenas no sexo. Não necessariamente um relacionamento, era literalmente só sexo. A gente até dormia junto, mas só sexo. Com as duas pessoas, ambos brancos.

Tinha alguns espaços que eu estava ali para performar um fetichismo. E, às vezes, eu fazia isso. Me conformava. É desconfortável, porque traz aspectos desse homem negro (desejável) que eu não sou. Não sou magro, não sou forte. Sou eu. Por muito tempo, por conta do aplicativo, eu tive uma noção de sexo como algo que era muito mecânico. Uma noção de transei e vou embora. Eu não tinha consciência de que eu podia ter uma troca de afeto, porque o que sentia era “meu corpo está aqui, a pessoa quer o meu corpo, eu talvez use o corpo dela e depois vamos embora”. Mas não. Hoje eu sei que é diferente.

Uma coisa que eu acho muito racista é que na maioria das vezes que as pessoas vêm falar comigo, elas evidenciam minha cor. Tipo, elogiando e evidenciando minha cor. É estranho. Há nas descrições que não curte afeminado e na hora o cara é passivo. Reproduzindo a opressão que sofre. Não só no aplicativo, mas também em outras redes sociais, via homens negros, mas nunca homens negros como eu, porque eu era muito magro. Eu não via e ficava pensando que eu tinha que ser daquele jeito e ficava triste. Pensava que nunca ia ser assim. Homens negros eram todos bombados, enormes, parecendo uma montanha e eu magricelo. E eu ficava “e agora? O que eu sou? O que eu faço para ser assim?” Eram noias. Ficava muito triste.

É preciso mostrar que a branquitude gay pode performar várias coisas: ser um cara grande, gordo, afeminado e etc. A negritude não tem que se limitar a um estereótipo, sabe? Acho que a partir do momento que a gente se recusa a estar nesse espaço, a reproduzir certas coisas, a gente impede que essas coisas continuem se perpetuando, sabe? Tipo, eu fiz isso comigo.

Hoje em dia tenho na minha cabeça que se eu for ter uma relação com alguém, minimamente, antes de qualquer coisa, preciso ser eu. Não reproduzindo uma coisa. É difícil saber quem você é e mostrar quem você é. Hoje em dia eu consigo estar com uma pessoa, saber o que quero. Não uso mais o aplicativo. Sinto que não preciso mais me submeter a certas coisas. Não quero mais.

Parte 3

Já tive relacionamentos com meninas só que sempre tocava no ponto de eu não performar uma certa masculinidade e aí eu ficava um pouco estranho, sabe? Teve uma vez que estava com uma menina e chegaram a falar para ela: “você sabe que ele é gay, né?”. Então é muito sobre como você performar o seu gênero. E, também, um relacionamento heterossexual tem uma certa estrutura e, às vezes, é muito estranho. Sinto que é mais difícil porque a maioria acha que eu sou gay. Que quando eu fico uma menina e gosto dela acham que, sei lá, que eu estava só experimentando, só zoando ou coisa do gênero.

Acho que a sociedade não consegue digerir a ideia de bissexuais, porque ela tem uma ideia muito binária, sabe? E não consegue absorver a ideia de uma pessoa se relacionando com um gênero ou mais. Fica nisso, sabe? Aí acaba que a gente fica passando por umas situações bem chatas não só no meio hetero ou qualquer que seja. Mesmo no meio LGBT existem umas situações que são bem chatas.

APÊNDICE D – ENTREVISTA LEONARDO ALVES

Parte 1

Moro com minha mãe, que é separada do meu pai. Ele mora em outra casa, em outro bairro. Frequento a casa dele. Além da minha mãe, moro com minha irmã. Minha semana de segunda a sexta é com minha mãe e aos finais de semana fico com meu pai. Às vezes acontece de não dar certo de eu ir por causa de trabalho. Geralmente pela manhã tenho meu trabalho fixo e à tarde faço algum outro trabalho, dependendo do dia. Agora com a pandemia fica mais difícil ter outro trabalho, porque diminuí as oportunidades.

Quando eu era criança, não há muito tempo, eu digo que ficava mais tempo só porque no meu bairro não tem muita gente. Era muito difícil de sair e, geralmente, era com primos que moram em outros bairros. Aqui é mais difícil porque como morei nesse bairro desde que nasci, que é na zona norte (água mineral), acontece que aqui tinha poucas crianças e eu ficava mais dentro de casa. Meu tempo era basicamente estudando e assistindo televisão. Como não tinha muitas oportunidades, digamos, de sair, brincar lá fora, sempre fui introvertido. Quando tinha a oportunidade de sair com os primos eu sempre ia, mas não era uma coisa assim frequente.

Da minha alfabetização até a quinta série eu estudei em uma escola e era tranquilo. Era uma escola bem perto daqui e como era todo mundo criança eu não sentia esse tratamento diferenciado. Tudo era tão inocente. Se teve algo, eu não percebi. Só que as coisas começam a mudar quando a gente vai crescendo. Aí, a partir da quinta série, eu comecei a estudar em outra escola e aí sim que eu percebi as mudanças de diferenças em relação, principalmente, à minha cor. E é muito estranho porque todo mundo no bairro, na minha escola, tem a mesma cor que eu. Então, basicamente a gente fica perdido de ouvir de uma pessoa aquelas ofensas de ser negro. Para mim, pessoalmente, fica difícil, porque observo no outro que ele tem a mesma cor que eu e está fazendo a ofensa. No tempo, eu não entendia como bullying. Como eu era uma criança que não teve amigos, eu não sabia como era uma relação de amigos, aí o parâmetro não existe, e eu achava que aquilo era normal e não era. Isso tudo até o oitavo ano. Foi um ano muito difícil porque a escola era boa, os professores eram bons, mas a maioria das amizades não era boas. Cometiam bullying, era constrangedor conversar e nem podia ser classificada como amizade. Então foi um tempo que utilizei mais para estudar porque essas

experiências nesse período serviram para ficar ainda mais para dentro de mim, internalizar as emoções para não transparecer muito, para ficar mais na minha. Eu não me socializava.

Aí no meu ensino médio já foi muito mais tranquilo. Fiz quando era o tempo de quatro anos porque era integrado ao ensino técnico e nesse período já foi muito mais tranquilo e eu me conheci mais. Abri minha cabeça para diferentes oportunidades de coisas que até então não conhecia porque eram pessoas diferentes. Uma pessoa que era gorda e não é crime ser gordo. Uma pessoa que é muito alta e não é feia. Tem gente mais rica, mais pobre. E essas diferenças eu pude perceber mais, mas isso não interferia na personalidade de cada um. Por exemplo, uma pessoa ser magra ou gorda eu percebia que não tinha diferença de personalidade. Foi mudando em mim. Como eu era muito introvertido eu não conseguia ver, por exemplo, gente negra com facilidade, gente gorda com facilidade na televisão. A gente via aqueles padrões fechados na mídia e como eu não tinha muitas relações sociais, acabava que há era uma quebra no meio que a gente ver como realmente é. O ensino médio me trouxe muito isso de ver quebra de padrão, que outras formas eram possíveis. E aí, o que aconteceu? Eu fiquei mais mente aberta no ensino médio já de cara. Mas o ensino médio sempre foi para mim uma passagem, porque eu nunca tinha gostado de escola por causa dos meus amigos, que eu tinha medo. Eu entendi o ensino médio como uma passagem para a universidade. E da universidade eu conseguir meu emprego. Aquele sonho de jovem que acha que a universidade vai garantir um emprego e uma vida boa.

Quando eu cheguei à universidade, já cheguei com a mente mais aberta possível. E aquilo contribuiu com a teoria do que já tinha visto antes: meio que eu me senti bastante abraçado pela universidade, porque nos outros espaços eu não tinha visto isso. Basicamente, na minha vida, os aprendizados foram se derrubando. Quando eu chego à universidade, eu aprendi lá que o que estava vendo antes era possível no sentido de... como se eu ganhasse uma explicação teórica.

Sempre achei que a homossexualidade era crime, uma coisa totalmente errada. E eu condenava, dizia que aquilo não era coisa de Deus. Eu fui pro ensino médio e comecei a ver que não era bem aquilo e ficava: “meu deus, o que era aquilo que eu estava pensando? Será que o que eu vejo nos outros lugares é errado?” E a gente se sente ruim porque é como se nosso conhecimento fosse derrubado. Eu passei a aceitar isso e ver que era possível a homossexualidade. Eu não me descobri aí, só vi que era possível e que isso não era crime.

Depois, com o passar do tempo, eu via que eu não precisava me enquadrar numa caixa. Com o tempo eu descobri o meu desejo de atração por homens e mulheres ao mesmo tempo, e isso eu pensava até que fosse errado. Com o passar do tempo eu vejo que não é errado. E quando eu chego à universidade tudo isso se confirma: não é errado. No fim das contas, não me acho um ser fechado no sentido de é isso que eu sou, porque eu acho que ainda estou me descobrindo. Por mais que a gente tenha um conhecimento fechado, acho que a gente pode aprender muito mais.

A família não sabe, eu nunca conversei com eles, porque como te disse eu sempre fui e ainda sou muito introvertido, muito na minha. Primeiro, eu acho que nem todo mundo precisa saber uma coisa minha, dos meus gostos pessoais. Mas também não é algo que eu vou esconder. Eu só acho que sou uma pessoa discreta, reservada. Minha família sabe pouco de mim: o que faço no meu trabalho, no dia a dia, quais são meus outros empregos, meus gostos pessoais, o que como, assisto, porque eu não gosto de contar nada mesmo. É da minha natureza, em relação a tudo. O que eu faço geralmente fica comigo. É da minha personalidade. Construí isso e é até para evitar constrangimentos.

Parte 2

Eu não lembro exatamente como conheci o aplicativo, mas foi quando eu estava no ensino médio. Eu estava me descobrindo e na minha experiência de me descobrir eu queria estar e ver na prática como isso funcionava. Aí comecei a pesquisar na internet aplicativos de relacionamento e aí apareceu vários, fui baixando e usando a maioria. Alguns eram mais difíceis e outros mais fáceis de usar. E ficou só o Grindr. A princípio eu pensei que ele fosse um aplicativo para criar seu perfil, conhecer pessoas, fazer postagens, mas isso vi que não era desse jeito. Aí pensei que era só um jeito diferente, mas um aplicativo como qualquer outro. Então continuei usando. E eu vi que era diferente em relação aos outros porque era uma coisa mais direta. Eu não entendi o aplicativo porque tudo nele me dizia que era somente para sexo casual. E aí eu dei uma chance para continuar conversando, conhecendo, mas as pessoas que estão lá não querem conhecer, conversar.

Eu conversava, insistia e as pessoas não queriam falar ou só queriam marcar um encontro pessoal. E eu tinha sempre medo de marcar um encontro pessoal por questão de segurança mesmo. Preferia manter o bate-papo, mas aí era muito difícil porque as pessoas preferiam ir

para o pessoalmente. E acontece que ao longo desse tempo eu sempre desinstalava, passava um monte de meses fora e depois voltava para ver se mudava, se tinha alguém interessante. Aconteceu só alguns encontros que realmente foi para sexo. Só que acontece isso: converso, marco um encontro e só tem o ato carnal e eu desinstalo o aplicativo. Passei muito tempo só assim, mas digamos que isso não me ajudou na minha descoberta. Fez foi piorar o que sentia. Mas mesmo assim era a única oportunidade que eu tinha de me descobrir. Ao mesmo tempo que eu tinha o baixado no celular, tudo estimula para ser outra coisa. Ainda hoje eu tenho, mas é como o Instagram, que eu não acesso muito. É difícil encontrar alguém que seja para conversar por lá.

Com relação aos estereótipos e racismo, o pior é que eu penso que a culpa é minha. É horrível. Porque magreza se resolve, mas cor não tem como escolher. Tinha muito problema com meu corpo e a maioria só saía comigo por causa do tamanho do meu pênis. Como se eu fosse uma máquina de sexo. Eu achava errado ter pau grande, porque as pessoas queriam sair comigo para transar e eu queria sair, conversar e beijar. Não queriam saber meu nome, idade e nem nada. Eu broxava muitas vezes. Primeiro tinha a barreira do preconceito e, quando não, tinha a segunda coisa: a objetificação. Como se no meu corpo tivesse só pau. A maioria dos que fazem isso são homens brancos.

Isso afeta principalmente a autoestima. Eu falei que era uma pessoa introvertida, então dentro de mim vai ter sempre a coisa de me resguardar, de me manter fechado. Só que aí, ao mesmo tempo, eu queria me descobrir. Então eu teria que me abrir um pouco para ver como isso funciona. Só que eu chego no aplicativo e dou essa oportunidade de me experimentar, só que aí, lá, eles esperam que eu seja algo que não sou. Como eu te disse, aqueles velhos padrões que as pessoas esperam na televisão. A gente sempre olha o homem negro forte, viril e, geralmente, bem sensualizado. Por exemplo, não sei no seu caso, mas no meu a gente imagina um negro forte, viril e, por mais que seja homossexual, tenha aquele jeito bastante masculino ainda. Aí as pessoas esperam que a gente seja mais ou menos isso. É uma coisa que eu não sou e isso me afeta. Qualquer coisa diferente disso, você está forçando uma personalidade sua. E eu, por um bom tempo, pensei que era assim que eu deveria ser. Daquele jeito. Tanto que eu tentei realmente. Eu queria me experimentar, descobrir, seguir aquele padrão, regras, normas, mas eu fiquei muito mal mesmo no sentido de me perguntar por que eu não era daquele jeito e sou desse jeito. Meus relacionamentos amorosos foram afetados a ponto de a pessoa perguntar o porquê que eu não era daquele tipo. E eu me sentia mal porque não tinha resposta para isso.

Quando não tem resposta, volto para aquilo de ficar introspectivo. Fico ocultando um lado meu que eu quero mostrar para pessoas, que sou uma pessoa amável, legal, simpática, bacana e uma pessoa que pode ter uma relação sexual casual. A minha forma de ser, sem precisar forçar um personagem. Foi difícil por muito tempo. Volto ao aplicativo na esperança de ter alguém com essa mentalidade.

Forçar ser uma pessoa que não sou me deixou angustiado por muito tempo a ponto de não querer sair de casa, conhecer novas pessoas, conversar com ninguém, ficar preso. Foi muito difícil. Foram anos mesmo. Eu ficava insistindo querer ser uma pessoa que eu não era. Até mesmo nas minhas relações sexuais eu broxava mesmo, porque não conseguia ser eu. Era uma expectativa para a performance de algo que não sou. Foi nesse sentido que eu criei o perfil no Twitter no ensino da pandemia. Eu queria expressar que eu poderia ser aquilo que eu sou, o meu corpo, a minha masculinidade. Eu sou magro e as pessoas esperam que eu seja forte e musculoso pessoalmente. Quando me conhece pessoalmente há uma quebra de expectativa quando ver que era muito mais magro do que apareço nas fotos e a pessoa abandona. Finge alguma coisa e vai embora.

A questão do preconceito não acontece pessoalmente, ele sempre acontece depois no sentido de que a pessoa busca sempre um momento que não pode ser respondida de volta. Por exemplo, aconteceu uma vez, bem antes da pandemia, de eu estar na Universidade — em um momento entre aulas à tarde —, e eu estava no aplicativo conversando com uma pessoa. Geralmente, quando eu estuo em um bairro diferente abro o aplicativo para ver se mostra outras pessoas. Aí o abri e conversei com uma pessoa que tinha curtido o meu perfil. Aí comecei a conversar e ficou aquela coisa: pergunta o que eu curto, eu falo; pergunta onde que eu estou, se eu estou disponível, pede uma foto mais íntima, eu mando. Aí a pessoa pergunta se pode me encontrar. Aí eu fui lá, ele estava bem perto da UFPI e pediu para eu ir para o estacionamento. Aí eu fui na hora marcada. Ele tinha carro e me mandou a descrição e disse para eu entrar no carro. Aí eu entrei, pensei que a gente ia conversar, mas aí ele ficou muito diferente na hora do papo. Ele estava muito calado. Primeiro, bate aquela curiosidade em relação ao tamanho (do pênis). Peguei e mostrei para ele dentro do carro. Aí ele disse legal. Aí ele disse: “não, rapaz, deixa pra gente marcar outro dia porque hoje não dá certo”. Aí eu saí (do carro) e voltei para o aplicativo. Aí demorou um tempo depois, tinha no chat “macaco”, “idiota”, “feio”, “se tu fizesse academia até que rolava, deixa pra outro dia”. Aí ele foi e bloqueou meu perfil e não apareceu mais. Mas isso foi a das mais leves.

Vou te relatar um caso em que realmente fiquei com medo da minha segurança. De novo, eu estava no trabalho no centro. Em bairro diferente, eu abro o app. Isso foi mais recente, pouco antes da pandemia começar. Eu abro o aplicativo e comecei a conversar com uma pessoa. A pessoa estava sem foto e eu não costumo conversar com perfil sem foto, mas não gosto de julgar porque vai que a pessoa não gosta de aparecer. Aí de novo, aquele mesmo papo de perguntar o que eu curto, pede uma foto e pergunta onde estou. Aí eu vou respondendo, pergunto o nome e se é maior de idade, porque acontece de gente de menor estar naquele aplicativo. Pergunto o que faz, gosta, escuta, mas tudo no aplicativo se encaminha para você ter um encontro. Aí ele queria ver foto. Pediu para eu o encontrar.

Era depois de meio dia. Ele era advogado. Quando cheguei no carro, o papo foi mudando. Ele só perguntando o que eu ia fazer com ele na cama, se eu ia fazê-lo sofrer, meter muito forte, se ia bater nele. E eu fiquei muito constrangido porque eu não sou assim. Sou uma pessoa mais carinhosa, sensível e ele queria mais ou menos uma pessoa que fosse mais selvagem. Mas aí tudo bem. Pensei que mudaria. Ele me levou para um motel. Ele era novo. Tinha 27 anos. Ele parecia ter bom poder aquisitivo. No caminho ele só perguntava o que eu ia fazer com ele. Se eu fazia como se eu fosse o macho dele. Eu não me sentia bem, mas estava dando uma chance. Aí chegou no motel, ele foi para o banheiro. Eu já estava sem roupa e ele também. Quando ele voltou, ficou naquela posição de subserviência (de quatro), esperando que eu tomasse conta dele. E eu não gosto disso, sinceramente. Gosto de conhecer a pessoa, de pegar, de tocar, de beijar. Aquilo foi horrível para mim. Eu sabia o que ele queria de mim. Nesse momento eu não me excitei. Estava me sentindo muito mal, porque não era aquilo que eu queria, não conseguia fazer aquele papel. Aí eu só peguei, encostei nele e disse que não ia dar porque não estava com vontade. E ele já bem bravo perguntou se eu tinha algum dinheiro para pagar o motel e eu entreguei. Ele juntou, pagou o motel e não falou mais comigo.

A gente saiu, voltei no carro dele. Me deixou perto de onde me pegou e fiquei com muito medo do que ele poderia fazer. Eu não falei nada. Me deixou e saiu em alta velocidade. Por dentro, eu estava muito quebrado. A partir daquele dia eu pensei que nunca mais poderia ter uma relação sexual, que ninguém poderia gostar de mim porque não estava sendo aquilo que esperavam. A partir daquele dia decidi evitar ao máximo sair com as pessoas. Foi um episódio que mexeu com a minha segurança. Evito o aplicativo ao máximo possível.

Parte 3

Em relação aos conteúdos pornográficos com os negros, é isso que eu percebo mesmo. Olhava para aquilo e via a minha referência. Dizia que era assim que eu tinha que ser. Pelo menos, eu achava que deveria ser, porque pelas conversas no aplicativo era como se tivessem me impondo a ser aquilo. Aí eu meio que internalizei aquilo. Ainda hoje me afeta porque basicamente eu ainda tenho medo de sair com as pessoas. Às vezes aparece alguém para conversar comigo e eu não quero.

Na pandemia, quando eu não podia entrar em contato com as pessoas, criei esse perfil para mostrar meu corpo porque eu demorei a me aceitar. Na verdade, ainda estou tentando conviver com isso. Eu criei o Twitter só para mostrar que o problema não estava em mim, só que aí a conta cresceu muito em um ano e eu deixei de lado. Esse meu perfil no Twitter tem um pouco a ver com sua pergunta: deixei aquele o aplicativo de relacionamento porque já estava me fazendo mal. Vez ou outra apareço por lá pra ver se é de boa, mas logo desapareço.

Não tenho esperança de encontrar alguém legal. Prefiro fugir ao máximo desse tipo de experiência porque ainda hoje eu não encontrei gente que me aceitasse da minha forma. Da forma que eu converso, me relaciono. Esse negócio do padrão não afeta só a mim, no sentido de que só eu sou incentivado a ser daquela forma. Parece que as outras pessoas quando assistem (pornô) têm a mesma impressão: “ah, eu estuo vendo esse vídeo e é assim que o homem negro vai agir”. Do meu lado, era assim que esperava que eu fosse. Da parte dos outros, é assim que eles esperam que a gente seja. A gente não vê outras formas de colocar o negro. Basicamente, eu não tenho muita esperança porque sempre foi colocado assim e são poucas as pessoas que pensam diferente.

Eu tive dois relacionamentos, mas não foram bons. Duraram questão de meses. Esse mais duradouro foi com uma mulher. Não foi para frente porque ela esperava que eu fosse de um jeito e eu não era. Tipo, ela esperava que eu fosse um homem macho, bruto “de verdade” para ela. Um homem que mandasse nela, dizia as coisas, que ela obedecesse. E eu não era assim. Eu sou mais sensível, gosto de escutar. Ela não gostou desse meio jeito na hora do sexo. Ela esperava que a minha atuação fosse do homem que ela esperava. Isso já havia me afetado antes e me afetou de novo. Sempre se espera que eu seja uma coisa.

Eu espero que isso mude, mas acredito que não vai ser de repente. Se esse tema fosse mais esclarecido entre as pessoas. Se as pessoas parassem para pensar mais sobre isso, sobre o que se espera dos corpos negros, talvez elas teriam mais consciência de que existem diferentes formas de ser o negro. Não existe uma única forma de personalidade. Se isso fosse cada vez mais discutido dentro da universidade, até mesmo na televisão, na mídia, seria melhor. Isso afeta minha autoestima e formas de ser. Hoje é bem melhor porque fujo do aplicativo. Fica mais difícil da gente conhecer outras pessoas porque o aplicativo é uma das formas. Se tivesse mais discussão sobre esse tema as pessoas pensariam mais.

Sou bem pessimista. Vou e volto no aplicativo e vejo que não muda muito. Acho que deveria ter alguma coisa a partir de mim para eu me cuidar melhor, melhorar minha mentalidade, mas só eu não vai ser uma coisa que vai resolver tudo. Se eu mudar minha cabeça, entender mais de mim, mas o meu relacionamento com o outro não depende só de mim. No mínimo, as outras pessoas deveriam ter consciência e eu acho muito difícil (disso acontecer).